



Da Ação nasce o Objeto: Exploração Plástica em Ecodesign

Idília Maria da Costa Ferreira da Silva

Mestrado em Ensino de Artes Visuais
3.º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada
Orientado por Doutora Odete Rodrigues Palaré
e Mestre Ana Isabel Tudela Lima Gonçalves de Sousa

2016

No matter what accomplishments, somebody helped you.

Althea Gibson (1927-2003)

Se queres ir depressa, vai sozinho. Se queres ir longe, vamos juntos.

Provérbio Africano

De nada vale tentar ajudar aqueles que não se ajudam a si mesmos.

Confúcio (551- 479 a.C.)

Agradecimentos

Às professoras, Doutora Odete Palaré e à Mestre Ana Sousa, da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, pela disponibilidade incondicional, esclarecimento de dúvidas e sugestões sempre pertinentes.

Ao professor Doutor Jorge Carvalho, pelo apoio e disponibilidade que sempre demonstrou no decorrer desta investigação.

À professora cooperante e delegada de grupo de Artes Visuais, Maria Manuela Stattmiller Galante, pelo apoio, disponibilidade, cumplicidade e partilha de experiências e vivências que contribuíram enriquecedoramente para o presente projeto.

Aos alunos do 8.º Ano da disciplina de Atelier de Artes, pelo seu entusiasmo e empenho nas atividades realizadas na referida disciplina.

À direção da Escola Secundária Ferreira Dias, Agualva-Cacém, em especial ao Diretor António Marques e Adjunto António Santos, pelo apoio, disponibilidade e compreensão, bem como aos professores do grupo 600 e a todos os funcionários.

À minha colega e amiga Ana Simões, pela disponibilidade, apoio, paciência, profissionalismo, motivação, sabedoria, experiência e partilha ao longo e durante este percurso de crescimento pessoal, profissional e académico.

A todos as colegas, em especial: à Paula Vilela, Eduarda Mendes, Margarida Aguiar e ao colega Pedro Marques pela partilha de experiências e troca de ideias, pelo estímulo, força e amizade.

À minha amiga Sofia Patrício, pelo apoio, força, disponibilidade e troca de ideias, contribuindo de uma forma serena, sábia e resiliente nos momentos menos bons.

À minha grande amiga Carla Fernandes, pelo apoio, força, estímulo e amizade incondicional, sempre presente, inculcando-me uma paixão pela vida e uma consciência lutadora para fazer mais e melhor, para chegar mais longe e nunca desistir dos meus sonhos, apesar dos obstáculos, barreiras, situações e momentos menos bons.

Ao meu espetacular filho Rúben Alexandre Correia, pela força, e coragem que sempre demonstrou desde o primeiro momento.

Ao meu amigo persa de quatro patas (Neptuno), por me fazer companhia em todos os momentos noturnos e diurnos neste percurso desafiante que foi uma verdadeira aventura.

Aos meus pais, por estarem sempre presentes quando eu preciso.

A todos os que de uma forma ou de outra contribuíram para a concretização deste projeto.

Resumo

O presente relatório com o tema *Da ação nasce o objeto: Exploração Plástica em Ecodesign*, surge no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Ensino de Artes Visuais, que decorreu na Escola Secundária Ferreira Dias - Cacém, com alunos do 3º ciclo do ensino básico, mais especificamente do 8.º ano de escolaridade.

O projeto tem como objetivos sensibilizar os alunos para as suas capacidades e potencialidades individuais e coletivas, bem como para as múltiplas variantes da reciclagem criativa dos objetos que interagem do/no quotidiano, tanto pessoal, escolar como na comunidade, através das relações interpessoais e da relação com o “outro”.

Assim, considerando o conteúdo “bidimensionalidade e tridimensionalidade”, propõem-se neste estudo demonstrar que os jovens podem e conseguem construir algo com o qual se identificam e que tem utilidade no seu dia-a-dia apesar da sociedade consumista em que vivemos atualmente. As atividades foram desenvolvidas a partir da “ação” do qual nasce um objeto, numa “exploração plástica” e incursão no “ecodesign”, tendo como ponto de partida o *dripping* e a reutilização de vestuário de ganga.

Para além do enquadramento teórico sobre a relação ação-objeto-gesto, o *dripping*-gotejamento e a reutilização criativa de vestuário de ganga, o relatório contém a descrição de todo o processo de fundamentação, concetualização e concretização do projeto, além de uma análise dos resultados e reflexão crítica.

Dos resultados obtidos, foi possível concluir que os alunos apesar de algum septicismo, aperceberam-se que expressões artísticas por mais simples que aparentem ser, estão imbuídas de um conjunto de técnicas específicas e diversificadas, conseguindo estabelecer significado e sentimento de pertença a um artefato “*do it yourself*”, para além de terem alcançado o sucesso escolar no que concerne às Metas Curriculares definidas para a Educação Visual do 3.º Ciclo do Ensino Básico na disciplina de Atelier de Artes.

Palavra-chave: Artes; Educação Artística; Ensino Básico; Ecodesign.

Abstract

This report, entitled “The object is born from the action: Plastic exploration in Ecodesign”, developed, conducted, and concluded within the Master in Visual Arts Education, refers to the Monitored Education Practical Class that enrolled 8th year students from the Ferreira Dias High School, in Cacém, Portugal.

This project aims to raise the awareness of students to their abilities and potential, both individually and in group, while also addressing the various alternatives to creatively recycle – through inter- and intra-personal relations – day to day objects with which students interact either privately, academically, or in their communities.

Taking into account “bi and tri-dimension” reasoning, this study intends to show that youngsters from a consumerist society may and will build something for them to relate, and that has a purpose in their daily life. From “action” an object is born, within a “plastic exploration” through “eco-design”, using *dripping* and the reuse of denim apparel as a starting point.

Beyond the theoretical framework about the action-object-action, dripping, and the creative recycling of denim apparel, this report describes the reasoning, creation, and achievement processes of the project, concluding with an analysis of the results and critical remarks.

The results obtained showed that, despite initial skepticism, students 1) understood that even the simplest artistic expressions comprise a set of specific and diverse techniques, 2) were able to establish connection and meaningfulness to a do-it-yourself artifact, and 3) achieved academic success within the curricular goals defined for Visual Education, in the 3rd Cycle of Basic Teaching, for the Atelier of Arts course.

Key words: Art; Artistic education; Basic education; Ecodesign.

Índice Geral

Agradecimentos	5
Resumo	7
Abstract	9
Índice Geral.....	11
Índice de Figuras	15
Índice Quadros.....	19
Abreviaturas	21
Capítulo I Introdução.....	23
1. Motivações iniciais	25
1.1 Apresentação do estudo	26
1.2 Importância do estudo.....	26
1.3 Objetivos da investigação	27
1.4 Metodologia	28
1.5 Organização do relatório.....	28
Capítulo II Contextualização: a Escola e a Turma.....	29
2. A Escola Secundária Ferreira Dias	30
2.1 Designação da Escola.....	31
2.2 Projeto educativo	32
2.3 Regulamento interno	33
2.4 Situação no ensino e comunidade	48
2.5 Organigrama da ESFD	58
2.6 Organização dos departamentos curriculares	59
2.7 Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais	63

2.8 Caracterização da turma do 8.º ano.....	64
Capítulo III Enquadramento Teórico do Projeto Pedagógico	67
3. O objetivo da educação e a educação artística.....	67
3.1 Educação artística.....	69
3.2 O ensino das Artes Visuais.....	73
3.3 Herbert Read e as fases de desenvolvimento da criança/jovem.....	76
3.4 Etapas do desenvolvimento do Jovem	76
3.5 Metas Curriculares de Educação Visual do 3.º ciclo e as finalidades da disciplina Atelier de Artes.....	78
Capítulo IV - Intervenção Pedagógica.....	81
4.1 Disciplina de Atelier de Artes.....	81
4.2 O artista Jackson Pollock e o gesto – enquadramento didático	83
4.2.1 Jackson Pollock e o movimento expressionista abstrato.....	84
4.3 Ecodesign: como conceito	86
4.3.1 Reutilização de gangas	86
4.3.2 A ganga	87
4.3.3 Reduzir, reutilizar, reciclar (3rs)	87
4.4 A Didática do Atelier de Artes	89
4.5 As metodologias de ensino e aprendizagem e a sua articulação.....	92
4.6 Unidade de trabalho/planificação	95
4.6.1 Métodos e instrumentos de recolha de dados.....	96
4.6.2 Descrição geral das condições de desenvolvimento da Prática de Ensino Supervisionada	97
4.7 Lecionação da unidade didática	98
4.7.1 Apresentação sumária das aulas lecionadas	101
4.8 Descrição das sessões	104
4.9 Avaliação	112
4.9.1 Análise dos resultados da avaliação	116

4.9.2 Avaliação da professora estagiária realizada pelos alunos da turma	120
Capítulo V Considerações finais	123
5.1 Resumo da investigação.....	123
5.2 Considerações resultantes do projeto.....	124
5.3 Futuros desenvolvimentos	126
Bibliografia.....	129
Anexos.....	133
Anexo 1 Parecer do Professor Cooperante	134
Anexo 2 Planificação da Unidade de Trabalho.....	137
Anexo 3 Ficha de Autoavaliação da disciplina de Atelier de Artes 8.ºano.....	144
Nível de importância das Unidades de Trabalho ao longo do semestre.....	144
Anexo 4 Ficha de Autoavaliação da disciplina de Atelier de Artes 8.ºano.....	145
Nível de desempenho do(a) aluno(a) ao longo do semestre.....	145
Registe com o número a opção que melhor corresponde ao seu desempenho.....	145
1 = Muito Insuficiente; 2 = Insuficiente; 3 = Suficiente; 4 = Bom; 5 = Muito Bom	145
Anexo 5 Ficha de avaliação da Professora estagiária	146
Nível de desempenho da professora ao longo da unidade didática.....	146
Anexo 5a Resultados da aplicação da Ficha de avaliação da Professora de Atelier de Artes.....	147
Anexo 6 PowerPoint “Jackson Pollock, movimento expressionista abstrato e o <i>Dripping</i> ”	148
Anexo 7 PowerPoint “Uma janela para... O Universo da Ganga e o seu potencial...”	150

Índice de Figuras

Figura 1: A planta da ESFD, os pavilhões a cores, correspondendo à respetiva legenda dos referidos edifícios. Fonte Direção ESFD.	36
Figura 2: Painel demonstrativo da papelaria e receção para o atendimento para alunos e funcionários respetivamente.(Fonte própria).....	37
Figuras 3 e 4: Vista do refeitório e a respetiva área de atendimento. (Fonte própria). ..	37
Figura 5: Painel de fotografias representativas da exposição de trabalhos realizados pelos alunos nas vitrinas situado no Pavilhão Central. (Fonte própria).	38
Figura 6: Painel de fotografias com a exposição dos troféus adquiridos pelos alunos. (Fonte própria).....	38
Figura 7: Mapa de localização da ESFD no Concelho de Sintra. Fonte: google maps. .	39
Figuras 8 e 9: Perspetiva aérea e planta da ESFD. Fontes: google maps e Direção ESFD.	39
Figura 10: Acesso e fachada principal da ESFD. (Fonte própria).....	40
Figuras 11, 12 e 13: Diversos pontos de vista dos acessos à escola. (Fonte própria). ...	41
Figuras 14, 15 e 16: Imagens da Horta solidária. (Fonte própria).....	41
Figuras 17, 18 e 19: Acessos e ligações exteriores entre os pavilhões. (Fonte própria). 41	
Figuras 20 e 21: Mural na fachada do bar dos alunos e mural interior.....	42
Figuras 22, 23 e 24: Mural interior, mural em mosaico e mural em azulejo exterior. (Fonte própria).....	42
Figura 25: Painel de fotografias, Pavilhão Central-Receção-Mural e Busto do Patrono Eng. José N. Ferreira Dias. (Fonte própria).....	43
Figuras 26 e 27: Sala convívio e bar de Professores e a Sala de Computadores para Professores.....	44
Figuras 28, 29 e 30: Gabinete e sala (1.9), equipamento-material-utensílios do Laboratório de Química. (Fonte própria).	44
Figuras 31, 32 e 33: Laboratório de Física sala 1.6. (Fonte própria).....	44
Figura 34, 35 e 36: Sala das Ciências e Biologia e os diversos equipamentos. (Fonte própria).	45
Figuras 37 e 38: Divulgação da Biblioteca escolar na internet e o Logótipo correspondente. Fonte: Website da ESFD.	47
Figuras 39 e 40: Área de Jogos Didáticos e perspetiva geral da Biblioteca da escola. (Fonte própria).....	47

Figuras 41 e 42: Interior do bar dos alunos. (Fonte própria).....	48
Figura 43: Divulgação da SMARTES e do workshop de Croché. Fonte: Site da ESFD.	50
Figura 44, Figura 45 e Figura 46: Workshop de banda desenhada, atividades de/com os alunos e a exposição dos trabalhos. (Fontes: Própria e Professora Manuela Galante)... 50	
Figuras 47 e 48: Espaço reservado da Novafofo; formação de professores.(Fonte própria).	54
Figuras 49 e 50: A página de apresentação da escola e o seu logótipo. Fonte: <i>website</i> da ESFD.	57
Figuras 51 e 52: Clube de Origami, Gabinete reunião de Professores de Artes. (Fonte própria).	61
Figuras 53, 54 e 55: Sala de artes e a arrecadação,3.8 (3.º Piso). (Fonte própria).	61
Figura 56, 57 e 58: Pátio da entrada da sala D09, interior e a área de arrumos e lavagem do material. (Fonte própria).....	62
Figura 59, 60 e 61: a sala de aula comum às aulas teóricas e práticas. (Fonte própria). 62	
Figuras 62, 63 e 64: Exemplos de protótipos utilizados pelos alunos de mecânica. (Fonte própria).	63
Figura 65: Distribuição dos alunos no que concerne aos resultados escolares.	65
Figura 66: Jackson Pollock e o gesto.	83
Figura 67: Trilogia constituída pela obra do artista, a reutilização, a redução e a utilização.....	88
Figura 68: Esquema dos 3Rs.	89
Figuras 69 e 70: Exemplificação da técnica e do painel didático.....	91
Figura 71: Painel de fotografias de objetos didáticos.....	91
Figuras 72, 73, 74 e 75: Capas para telemóvel e estojo.....	91
Figuras76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83 e 84: Apresentação do projeto “Da ação nasce o objeto, Exploração Plástica em Ecodesign, experimentação da técnica de <i>dripping</i> , Atelier de Artes, 8.º ano. (Fonte própria).	106
Figura 85: Painel de fotografias correspondente à realização de moldes, preparação de bases, corte de peças em ganga, Atelier de Artes 8.º ano. (Fonte própria).....	108
Figura 86: Painel de fotografias representando a preparação das peças, construção do objeto em ganga, Atelier de Artes 8.º ano. (Fonte própria).	109
Figura 87: Painel de fotografias que corresponde à pintura coletiva da técnica de <i>dripping</i> Atelier de Artes 8.º ano. (Fonte própria).	111

Figura 88: Painel de fotografias dos trabalhos finais do Atelier de Artes 8.º ano. (Fonte própria).	111
Figura 89: Painel de fotografias da exposição dos trabalhos dos alunos.(Fonte própria).	112
Figura 89: Painel de fotografias da exposição dos trabalhos dos alunos.(Fonte própria).	112

Índice Quadros

Quadro 1: Informação de acordo com o Regulamento Interno, com o Projecto Educativo de Escola e o Projecto Curricular de Escola disponível na página da ESFD - https://esfdferreira.wordpress.com	55
Quadro 2: Caracterização da população escolar, disponível na página da ESFD - https://esfdferreira.wordpress.com	56
Quadro 3: Organigrama hierárquico da ESFD. Fonte: Site ESFD.	58
Quadro 4: Informação de acordo com o Regulamento Interno, com o Projeto Educativo de Escola e o Projeto Curricular de Escola disponível na página da ESFD - https://esfdferreira.wordpress.com	59
Quadro 5: Oferta curricular, de acordo com o Regulamento Interno, com o Projeto Educativo de Escola e o Projeto Curricular de Escola disponível no site da ESFD - https://esfdferreira.wordpress.com	60
Quadro 6: Informação facultada pela Delegada de Artes Visuais Prof. M ^a Manuela Galante e	63
Quadro 7: Algumas etapas do desenvolvimento do jovem por: Read, Lowenfeld & Brittain.	78
Quadro 8: Planificação da disciplina de Educação Visual que se pretende interrelacionar com as finalidades do Atelier de Artes.	79
Quadro 9: Principais finalidades da disciplina de Atelier de Artes (planificação anual – CD-ROOM - Anexo A2).	82
Quadro 10: Articulação das diversas metodologias.	95
Quadro 11: Calendarização de ambientação e recolha de dados com indicação de técnica utilizada.	98
Quadro 12: Horário das aulas de Atelier de Artes – 8.º F. (Fonte própria).	99
Quadro 13: Enunciado da Unidade de Trabalho desenvolvida com a turma alvo desta investigação.	100
Quadro 14: Planos de aula relativos à intervenção pedagógica da Prática de Ensino Supervisionada	102
Quadro 15: Descrição da 1.ª sessão.	104
Quadro 16: Descrição da 2.ª sessão.	107
Quadro 17: descrição da 3.ª sessão.	109
Quadro 18: descrição da 4.ª sessão.	110

Quadro 19: descrição da sessão n.º 5.....	110
Quadro 20: descrição da última sessão.....	112
Quadro 21: Resultados finais obtidos pelos alunos no 3.º Período.	114
Quadro 22: Resultados da avaliação na unidade didática da Prática de Ensino Supervisionada.	116
Quadro 23: Nomenclatura da avaliação utilizada na unidade de trabalho aprovada em Conselho Pedagógico.	117
Quadro 24. Planificação da Unidade de Trabalho – Planos de Aula – metodologias – Local e Avaliação.	137

Abreviaturas

AA – Atelier de Artes.

ACCES-Sintra – Centro de Saúde do Cacém.

AHBVAC – Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Agualva-Cacém.

APA – Apoio Pedagógico Acrescido.

APP – Apoio Pedagógico Personalizado.

ASE – Ação Social Escolar.

B – Bom.

BD – Banda Desenhada.

BE – Biblioteca Escolar.

CDU – Classificação Decimal Universal.

CLIO - Clube de História e Património.

CNO – Centro de Novas Oportunidades.

CPCJ – Comissão de Proteção de Crianças e Jovens.

CV – Cabo Verde.

DIY – Do it Yourself.

EAE – Equipa de Avaliação Especializada.

EE – Encarregados de Educação.

EICS – Escola Industrial e Comercial de Sintra.

EPC – Estabelecimento Prisional da Carregueira.

ESO – Escola Secundária de Odivelas.

EUA – Estados Unidos América.

ESFD – Escola Secundária Ferreira Dias.

FCSH – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

GIAA – Gabinete de Integração e Apoio ao Aluno.

GARE – Gestão de Atividades e Recursos Educativos.

GIAE online – Gestão Integrada para Administração Escolar.

I – Importante.

IEFP – Instituto de Emprego e Formação Profissional.

IPP III – Introdução à Prática Profissional III.

IPP IV - Introdução à Prática Profissional IV.

IKEA – Ingvar Kamprad Elmtaryd Agunnaryd.

ISEL – Instituto Superior de Educação de Lisboa.

IS – Insuficiente.

J.P. – Jackson Pollock.

MB – Muito Bom.

MI – Muito Importante.

MIS – Muito Insuficiente.

NUCLIO – Núcleo Interativo de Astronomia.

MUN – Model United Nations – Simulação da Assembleia das Nações Unidas.

NEE – Necessidades Educativas Especiais.

NI – Nada Importante.

OICSA - Obra da Imaculada Conceição e Santo António.

ONG – Organizações Não-governamentais.

PAPI – Plano de Apoio Pedagógico Individual.

PAP – Prova de Aptidão Profissional

PEPLE - Ferreira Dias, Escola Multicultural – Programa de Ensino do Português, integração de alunos estrangeiros.

PES – Promoção e Educação para a Saúde.

PI – Pouco Importante.

PM – Plano da Matemática.

PNL – Plano Nacional de Leitura.

PPT – PowerPoint.

PSP – Polícia de Segurança Pública.

R/C – Rés do Chão.

S – Suficiente.

SDT – Self-determination theory.

SMARTES – Semana das Artes.

SPO – Serviço de Psicologia e Orientação.

TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação.

Capítulo I | Introdução

O relatório que se apresenta integra-se na Unidade Curricular de Iniciação à Prática Profissional IV, do Mestrado em Ensino de Artes Visuais. Neste âmbito, pretende-se salientar a importância das disciplinas de ofertas de escola, nomeadamente a disciplina de Atelier de Artes, lecionado numa turma do 8.º ano, onde se realizou o estágio do referido mestrado, que decorreu na Escola Secundária Ferreira Dias (ESFD), situada no Cacém.

Com o título, *Da ação nasce o objeto: Exploração Plástica em Ecodesign*, pretendeu-se, estabelecer uma relação/ação pedagógico-didática-lúdica entre o *actionpainting* e o *ecodesign*, bem como recordar que do “usado” se pode (re)construir algo diferente e com utilidade para o quotidiano dos alunos.

O tema surgiu da necessidade de chamar a atenção dos jovens para a importância do *ecodesign* como ação fundamental para as nossas vidas e para as gerações vindouras, estabelecendo uma ligação com a obra de arte, neste caso particular, com a técnica de pintura utilizada por Jackson Pollock e, paralelamente, com os conteúdos da disciplina de Educação Visual do 8.º ano de escolaridade. Entendeu-se que faria sentido complementar a informação e interliga-la nas duas disciplinas, respetivamente a oferta de escola e a Educação Visual.

Quando se refere no título deste relatório “Da ação nasce o objeto...”, pensa-se no objeto como produto da realização humana, fruto da capacidade de recriar, não só através da reciclagem, como da atribuição de uma nova função, recuperando desse modo a usabilidade perdida. A aquisição de uma nova funcionalidade através da reciclagem permite que o objeto prolongue o seu tempo de vida contribuindo para reescrever a História da humanidade.

Quanto aos objetivos específicos desta investigação, relacionam-se fundamentalmente com:

- Reutilização/reciclagem, como conceitos e prática/ação contemporâneas;
- Fundamentação da aprendizagem na obra de Pollock, mais especificamente no *dripping*;
- Aplicação de uma técnica de pintura, o *dripping*;

- Realização de um objeto utilitário que reunisse estes dois conceitos, nomeadamente a reciclagem e o *dripping*.
- Empregar o conceito de transposição didática e a sua aplicabilidade, através dos objetos – ganga – *dripping*, realizados especificamente para este projeto.

O presente relatório desenvolveu-se em dois momentos:

- Um teórico através da apresentação de dois PowerPoint (PPT), (Anexos 6 e 7; CD-ROOM – Anexos A12 e 13), como demonstração e ponto de partida para o debate e consolidação do conhecimento;
- E outro prático, correspondente à utilização da técnica do *actionpainting* em suporte de papel e tecido, bem como, a apresentação de material didático em CD-ROOM – Anexo A22, relacionado com o referido projeto.

Desta forma, o segundo momento, centrou-se no processo de seleção e elaboração de um objeto em suporte tecido, com a técnica *actionpainting* que os alunos realizaram ao longo de cinco sessões em Blocos de 90 minutos em horário curricular, às 5.^{as} feiras e algumas sessões extracurriculares às 3.^{as} feiras a pedido dos alunos.

O momento prático teve como principal objetivo “levantar o véu” sobre o que pode ser a prática da pintura contemporânea num determinado movimento artístico, procurando desmistificar e quebrar o preconceito que os alunos têm frequentemente verbalizando-o como “...não sei pintar, não tenho jeito!”. Considera-se que a pintura é uma técnica e enquanto técnica pode ser aprendida.

A articulação e o desenvolvimento do trabalho é constituído por três partes relativamente ao enquadramento:

1. O artista Jackson Pollock e o gesto; Jackson Pollock e o movimento expressionista abstrato.
2. Ecodesign e o universo do tecido com enfoque na ganga.
3. Material Didático/Transposição Didática – *PowerPoint* e objetos de ganga reutilizável com a técnica *actionpainting*.

Para responder, clarificar determinadas questões, sobre o presente projeto, abordaram-se os seguintes autores: Mendes (2009); Ruzzarin & Ruken (2014); Harrison

(2000); Spring (1998); Pollock (1951); Ermmerling (2003); Lupton (2006); Cândido (2008); Marques (2008); Siqueira & Pietrocola (2006); Mello (2015); Souza (2007); Godinho & Batanero & Font (2008); Guimarães & Boruchovitch (2004).

Em anexo inclui-se um conjunto de materiais para complementar, exemplificar e elucidar as várias fases do projeto:

- Anexos 6 e 7; (CD-ROOM – Anexos A12 e 13), apresentação de *PowerPoints*;
- (CD-ROOM – Anexo A 22), material didático realizado para os alunos;
- (CD-ROOM – Anexo A 21), alguns objetos em suporte de ganga realizados pelos alunos, bem como as planificações das aulas (Anexo 2).

1. Motivações iniciais

No presente relatório, o conteúdo correspondente aos títulos e subtítulos e os significados implícitos, retratam o interesse, enquanto docente/formadora/cidadã e voluntária, numa postura pró-ativa, empreendedora pela vida e pela arte. Procura-se desenvolver, realizar e solucionar problemas, que surgem no dia-a-dia, fruto de uma paixão intrínseca, não só pela vida, como também por tudo o que envolve o indivíduo, procurando respostas no processo ensino-aprendizagem que resultam dessas mesmas situações, através da *resolução de problemas*.

Este posicionamento resulta de um percurso de vida complexo realizado na educação formal e na educação não formal, enquanto formadora e formanda, com a postura de uma construção permanente de uma ação-reflexão. Com a convicção de que o desafio é ser docente/educadora/formadora de jovens, foi com paixão pela atividade profissional que se realizou com os alunos, o projeto que agora se apresenta.

A manifestação de paixão que se coloca na vida, no quotidiano e, neste caso, no ato de ensinar, terá grande impacto, espera-se, na vida destes jovens porquanto o professor será visto como um modelo a seguir. Neste sentido, procurou-se sempre que possível, estabelecer uma ligação com o quotidiano, aquando da promoção de uma atividade, de um projeto no sentido da criança/jovem poder estabelecer uma relação e, mais importante ainda, que se identificasse com o mesmo, de forma a ter consciência do que o rodeia na

esfera familiar, escolar, bem como das suas escolhas e consequências, provenientes de uma determinada ação.

1.1 Apresentação do estudo

O estudo foi realizado numa turma do 8.º ano de escolaridade do ensino básico, na ESFD no ano letivo 2014/15.

Pretendeu-se desenvolver uma unidade de trabalho com o propósito de promover o interesse pelo meio envolvente, relacionando-o com um artista e a sua técnica *Exploração Plástica* e que fossem capazes, criticamente, de desmistificar a observação tão escutada “Oh, isto também eu fazia...”, bem como numa incursão pela reutilização de materiais através do *Ecodesign*, com recurso a vestuário de ganga, que introduz uma ligação entre a pintura, o design e os 3Rs. Desta forma as reflexões desenvolvidas enquadram-se no seio das escolhas e consequências destas duas áreas.

Admitindo que, tudo o que nos rodeia é suscetível de ser transformado/reutilizado, pretendeu-se despertar a consciência dos alunos, alertando para a potencialidade dos objetos que os rodeiam quotidianamente, ligados às suas experiências de vida e no contato com a arte, tanto formal ou informalmente.

Pretende-se também trabalhar competências pessoais como *autoestima*, *autoconfiança* e o relacionamento *intra* e *interpessoal*.

A unidade de trabalho com o tema “*Da ação nasce o objeto: Exploração Plástica em Ecodesign*” insere-se na disciplina de Atelier de Artes, oferta de escola onde se realizou as aulas de estágio.

1.2 Importância do estudo

Tanto a pintura como o design são meios artísticos pelos quais os indivíduos se podem exprimir integrados numa cultura, num contexto social com valores e significados próprios. Sendo a escola a organização, o polo de transmissão de saber e cultura onde os alunos vão “beber” o conhecimento, procurou-se relacionar vários aspetos/contextos de

forma articulada, assim como os princípios básicos implícitos para que os jovens percebessem que tudo se relaciona entre si, tanto física como intelectualmente.

Embora as preocupações com a reciclagem e o meio ambiente constituam hoje um lugar comum, a realidade em sala de aula é diferente: constatou-se que os jovens têm o conhecimento mas que lhes falta a competência, a ação. Foi nesse hiato, entre o discurso politicamente correto e a ação despreocupada em relação a esta temática que, pensasse, seria relevante realizar este estudo.

1.3 Objetivos da investigação

Esta investigação tem como objetivo dar a conhecer aos jovens que são capazes de desenvolver e realizar um objeto *do it Yourself* (DIY), relacionando-o com conteúdos do programa, desmistificar preconceitos em relação ao que observam “*parece fácil, isto também eu fazia...*”, reconhecer situações concretas e complexas, mas perceber que tudo tem solução, sendo necessário uma predisposição, uma paixão, uma forma peculiar mas delicada e dedicada de estar na vida, no dia-a-dia com nós mesmos e com os outros.

A questão de partida que deu o mote para o desenvolvimento desta investigação foi formulada do seguinte modo, tendo em consideração o já referido anteriormente:

- A realização de projetos artísticos com esta temática contribuirá para aproximar o discurso da ação no dia à dia dos jovens estudantes?

Por conseguinte e para fundamentar a questão de investigação, apresentam-se os recursos e estratégias didáticas baseadas na metodologia projetual, articulando os conteúdos, fundamentando-os em quatro abordagens:

- Abordagem triangular (Ana Mae Barbosa) – conhecer, contextualizar e fazer;
- Abordagem pragmático-social-reconstrucionista, o indivíduo intervém na realidade que está em constante mudança, a arte é um meio e não um fim;
- Abordagem formalista-cognitivo, a aprendizagem processa-se numa estrutura formal e linguagem própria;

- Transposição didática, conjunto de transformações sobre o saber empírico em saber ensinado.

1.4 Metodologia

Para aproximar o aluno ao *dripping* e ao ecodesign, foi proposta uma unidade de trabalho, “*Da ação nasce o objeto: Exploração Plástica em Ecodesign*”, que foi desenvolvida a partir da observação de objetos elaborados em ganga (material didático/transposição didática), da desconstrução de alguns destes, em sala de aula e através da visualização de dois *PowerPoints* (PPT) (Anexos 6 e 7; CD-ROOM – Anexos A12 e 13), bem como uma situação prática de *dripping* sob papel e desperdícios de tecido (CD-ROOM – Anexo A16).

Esta observação e experimentação ocorre antes da escolha e da realização do objeto em ganga, criando um ambiente de aprendizagem propício à partilha, promovendo a curiosidade e o interesse dos alunos, contribuindo deste modo para o processo de ensino-aprendizagem. A experimentação permitiu aos alunos compreenderem o “*dripping*” conduzindo a uma transposição a partir da obra do artista Jackson Pollock, aplicando o conceito num objeto *DIY* funcional, que faz parte do nosso quotidiano.

1.5 Organização do relatório

O presente relatório apresenta-se em cinco capítulos, organizados de acordo com as normas para a elaboração do Relatório publicadas pelo Instituto de Educação.

O primeiro capítulo corresponde à introdução. A contextualização: da escola e a turma surgem inseridas no capítulo dois. No terceiro capítulo encontra-se o enquadramento teórico do projeto pedagógico. No quarto apresenta-se a intervenção pedagógica, implementação do estudo e os respetivos relatórios das aulas que constituem a leção da unidade de trabalho, bem como a avaliação, resultados da mesma e parecer dos alunos sobre a prestação da professora na apresentação da unidade didática.

No quinto capítulo, o último do relatório, compreende as considerações finais realizadas no âmbito do mesmo.

Capítulo II | Contextualização: a Escola e a Turma

A realização da Prática de Ensino Supervisionada no âmbito do Mestrado em Ensino de Artes Visuais decorreu na ESFD, em Agualva-Cacém, no concelho de Sintra, com uma turma do 8.º ano na disciplina de Atelier de Artes.

O objetivo orientador deste projeto foi o de propor e realizar uma unidade de trabalho que demonstrasse aos alunos que as expressões artísticas por mais simples que aparentem ser, possuem didáticas, recursos, estratégias e técnicas específicas e diversificadas, e que a expressão “*isto também eu fazia...*” é uma “verdade de La Palisse” quando se vê e analisa a obra de arte, ou seja, que o desconhecimento sobre os assuntos pode levar a afirmações que colocam os indivíduos em situações ridículas. Assim, e em concordância com o já referido anteriormente, surgem as questões:

- Como se pretende sensibilizar o olhar e a ação dos alunos para objetos do quotidiano e a sua reutilização?
- O que é o *ecodesign*?
- Como aplicar uma técnica de pintura na transformação/(re)construção de um objeto?
- Os jovens percebem a importância da ação-gesto no processo de construção de um objeto?

No sentido de abranger as duas grandes áreas da disciplina semestral de Atelier de Artes abordou-se o artista Jackson Pollock e o gesto na *bidimensionalidade* e Exploração Plástica *tridimensional* – no projeto *Da ação nasce o objeto: Exploração Plástica em Ecodesign* (reutilização criativa de vestuário de ganga), dando a conhecer a obra do artista e o movimento artístico que o acompanhou bem como o conceito de design, procurando desenvolver a perspetiva do seu olhar sobre o que o rodeia, e justapondo a sua marca pessoal em tudo o que constitui uma realização/produção sua.

A prática pedagógica, enquanto docente do Ensino Básico, fundamenta-se na importância de preparar os alunos a acreditarem no seu potencial, a desenvolverem a resiliência diante das adversidades com que se deparam no seu quotidiano e ao longo do seu percurso de vida enquanto pessoas e profissionais, no sentido de se tornarem cidadãos conscientes, críticos, e resolvidos consigo e com o meio que os rodeia.

No sentido de dar a conhecer os contextos da escola e da turma onde se realizou o estágio de Prática de Ensino Supervisionada pensou-se que seria o momento de passar à caracterização dos mesmos.

2. A Escola Secundária Ferreira Dias

A ESFD é uma escola com Ensino Básico e Ensino Secundário, com uma oferta formativa diversificada, abarcando a importância do ensino profissional na formação de futuros adultos ativos na sociedade, na sua comunidade. No decorrer da experiência como professora/formadora e no contato com os jovens e não só, depreendeu-se o quão importante é o ser humano acreditar em si, apesar das adversidades. Para que isso fosse possível acha-se importante trabalhar alguns fatores determinantes para o desenvolvimento da autoestima e autoconfiança, de maneira que se sintam motivados para o projeto que desenvolvem e concretizam.

O primeiro contato com uma escola de Ensino Básico e Secundário, em contexto profissional decorreu em 2013/2014 na Escola Secundária de Odivelas (ESO), no 1.º ano de Mestrado em Ensino de Artes Visuais. No ano letivo 2014/2015, 2.º ano do referido mestrado, por motivos alheios à estagiária, o estágio profissional foi realizado na ESFD em Agualva-Cacém, pelo que foi necessário realizar uma segunda caracterização, neste caso da ESFD.

A caracterização da ESFD realizou-se através do seu contexto histórico, a sua tipologia, a situação dentro do ensino, a sua localização, os acessos e a classe socioeconómica, assim como os departamentos, os serviços e atividades, evidenciando a oferta escolar na área das Artes, o grupo 600 e ainda os clubes escolares, sendo que se conclui com uma breve análise às instalações.

Foi possível elaborar esta caracterização tendo como base as visitas sistemáticas à escola, a consulta do Projeto Educativo, do Regulamento Interno, o Plano Anual de Atividades, a avaliação externa e a página da ESFD na internet.

A ESFD tem como *Missão*: “Promover o sucesso educativo numa Escola de qualidade”, e como *Visão*: “Consolidar o estatuto de Escola de referência, centrada na qualidade e rigor do processo de ensino e aprendizagem e na formação para a

cidadania”. In (*Projeto Educativo ESFD*) (*Projeto Educativo ESFD* no site da ESFD - <https://esfdferreira.wordpress.com>).

2.1 Designação da Escola

Atualmente a ESFD é uma escola não agrupada com contrato de autonomia, desenvolvendo uma parceria de ensino e aprendizagem de atividades letivas, destinado aos reclusos no Estabelecimento Prisional da Carregueira (EPC).

2.1.1 Contexto histórico

A ESFD situa-se no Concelho de Sintra, na freguesia de Agualva Cacém. Em 1959 foi criada e instalada em Agualva-Cacém a Escola Industrial e Comercial de Sintra (EICS), que em 1971 deu origem à Escola Industrial Ferreira Dias e à Escola Comercial Gama Barros. Estas acabaram por funcionar no mesmo edifício até ao processo de separação das instalações que tornou-se definitivo em 1 Outubro de 1985.

Em 1973 a Escola Industrial Ferreira Dias adotou a designação de Escola Técnica Ferreira Dias até 1975, que assumiu a sua designação atual de Escola Secundária de Ferreira Dias (ESFD), tendo como Patrono, o Engenheiro José N. Ferreira Dias (1900-1966).

A ESFD prolonga no tempo a Escola Industrial e Comercial de Sintra e surgiu no contexto da criação de novas escolas técnicas, por parte do Estado Novo, na sequência da reforma cujas bases foram promulgadas pela Lei n.º 2025, em 19 de junho de 1947, visando, o desenvolvimento do ensino técnico profissional.

A Escola Industrial e Comercial de Sintra foram criadas pelo DL n.º 42.368 de 4 de julho de 1959 e construídas em Agualva-Cacém, na Quinta da Nora. Algumas reportagens da época manifestavam o desagrado de alguns moradores pelo fato de a escola não ter sido construída em Sintra, sede do concelho.

Os cursos criados foram:

- Ciclo Preparatório do Ensino Técnico;
- Curso Geral do Comércio;
- Curso de Formação Feminina;

- Curso de Formação de Serralheiro;
- Curso de Formação de Montador Eletricista e três cursos em regime de aperfeiçoamento: Curso Geral de Comércio.

A escola funcionou inicialmente no edifício conhecido hoje por “Escola Velha”, tendo a direção sido confiada ao Licenciado em Ciências Matemáticas, professor efetivo do 1.º Grupo, Aires Argel de Melo Biscaia.

Rapidamente a população escolar aumentou. De 201 alunos, 7 turmas e 9 professores no ano letivo de 1959/60, passou para 4312 alunos, 137 turmas e 180 professores, no ano letivo de 1967/68, atingindo um número recorde em Portugal, na década de 70, de 6000 alunos, tendo sido verificado uma diminuição gradual, nos últimos anos. Devido a este crescimento da população houve a necessidade de construir pavilhões provisórios até à conclusão do novo edifício da escola, cujas obras tiveram início a 26 de junho de 1961, acabando por ser inaugurado no ano letivo de 1963/64.

Com a Lei n.º 5/73, mais conhecida pela reforma Veiga Simão, que alterava a designação das escolas Industriais, a Escola passou a designar-se por Escola Técnica de Ferreira Dias.

A criação do Ensino Secundário Unificado em 1975, após o 25 de Abril de 1974, conduziu à abolição de distinções entre as escolas, que passaram a ser todas designadas por Secundárias. Desde essa época, que se mantém a última designação da escola: Escola Secundária de Ferreira Dias. A escola já atravessou várias conjunturas e tem dado um importante contributo à região, continuando, com o empenho da comunidade educativa, a participar na construção de um futuro promissor.

2.2 Projeto educativo

Existe uma diversidade sociocultural na ESFD, onde a classe predominante é a classe média, necessitando em algumas situações da intervenção do Serviço de Ação Social.

O Projeto Educativo visa:

- Proporcionar meios para a aquisição de conhecimentos, promovendo uma formação base e específica para o aluno integrar-se na vida ativa, formando cidadãos conscientes, ativos e participativos.
- Contribuir para o desenvolvimento integral do aluno, de autoconhecimento, de aprender a fazer, de aprender a ser, numa formação de caráter e de cidadania, desenvolvendo assim uma consciência crítica, objetiva e prática num sistema democrático.
- Promover o respeito pela personalidade, igualdade, garantindo e respeitando a sua individualidade e identidade nacional no contexto das culturas europeias e outras.

Tem como prioridades, metas e finalidades:

- Promover a adesão e integração da comunidade, através do diálogo e tolerância.
- Proporcionar oportunidades e qualidades das aprendizagens através de um Centro de Novas Oportunidades, bem como o Plano Estratégico de integração, combatendo o abandono escolar.
- Integrar o projeto *Educação para a Saúde*, enquadrando o relacionamento entre seres humanos e as relações interpessoais.
- Promover valores básicos, como a igualdade entre os sexos, respeito pela diferença, integridade, liberdade e consideração pelo outro.
- Privilegiar a formação contínua de Docentes e não Docentes nas temáticas de educação e ensino, nos domínios da indisciplina e violência em meio escolar.
- Valorizar a educação para a cidadania.

2.3 Regulamento interno

2.3.1 Normas de funcionamento

O Regulamento Interno é válido para toda a comunidade educativa assim como para todas as pessoas que, de uma forma ou de outra, possam utilizar as instalações escolares. A administração e gestão da escola regem-se por princípios orientadores e objetivos, sendo estes os seguintes:

- Incentivar a participação de todos os intervenientes no processo educativo, desenvolver e contribuir para uma consciência e prática democrática.
- Estimular, fomentar e promover a crescente integração da Escola na comunidade, aprofundando a interação e interligação do ensino e das atividades sociais, culturais, científicas e económicas, de acordo com os documentos da ESFD.
- Orientam-se pelos princípios de responsabilização, cooperação, solidariedade, respeito e participação.
- Garantir o cumprimento das regras e respeito de democracia e representação dos órgãos de administração e gestão da escola, promovendo o sucesso educativo e contribuindo para o desenvolvimento e realização de toda a comunidade educativa.

2.3.2 Regulamento interno: direitos e deveres dos docentes

Os docentes têm como deveres profissionais específicos os seguintes (*in Regulamento Interno, disponível no site*):

- Identificar e respeitar as diferenças étnicas, culturais e pessoais dos alunos, assim como dos membros da comunidade educativa, no sentido de combater a exclusão e a discriminação, valorizando as diferentes culturas e saberes.
- Colaborar e assegurar a organização da realização das atividades educativas.
- Orientar o processo de ensino e aprendizagem de acordo com os programas definidos, no sentido de adaptar mecanismos específicos pedagógicos de forma a responder às necessidades individuais dos alunos.
- Participar no processo educativo com todos os intervenientes, criando e favorecendo o desenvolvimento de relações, bem como o respeito mútuo entre os vários elementos da comunidade educativa, como: docentes, alunos, pais e encarregados de educação e pessoal não docente.
- Respeitar a confidencialidade da informação referente aos alunos, bem como as suas características e a das respetivas famílias.
- Promover o desenvolvimento e capacidades dos alunos, contribuindo para a sua formação e realização, estimulando a sua autonomia e criatividade,

mas respeitando a sua individualidade, contribuindo assim para a formação responsável e cívica de cidadãos democráticos e ativos em comunidade.

- Colaborar para a ponderação sobre o trabalho realizado individualmente e coletivamente.
- Partilhar, participar e enriquecer os recursos educativos, assim como a utilização de novos meios de ensino que lhe sejam propostos, promovendo a inovação, reforçando a qualidade do ensino e educação.

2.3.3 Caraterização da escola

O edifício principal, não sofreu alterações significativas até aos dias de hoje e continua a ser um dos maiores do país. Distribui-se por 5 pavilhões, com diversas funções, sendo que dele fazem parte:

- Pavilhão Central constituído por dois blocos:
- Bloco posterior que inclui o R/C, Serviços Administrativos e Direção; Sala de Reuniões/Colóquios/Palestras; um 2.º Piso com sala de Professores, sala de computadores Professores; 2 salas de Tecnologias de Informação e Comunicação para alunos; 4.º Piso, com Laboratórios de Ciências/Biologia, Biblioteca, e outras salas de aulas.
- Bloco anterior com um 1.º Piso, com Laboratórios de Física e Química e salas de aulas; um 3.º Piso, com o Gabinete de Artes (clube origami), a sala de Oficina de Artes, Artes Visuais e Geometria Descritiva, salas de aulas; o 5.º Piso, com Laboratórios de Matemática, e salas de aulas.
- Pavilhão de Mecânica Automóvel e sala de Saúde.
- Pavilhão de Eletricidade.
- Pavilhão Desportivo (ginásio Masculino e ginásio Feminino) no 1.º Piso, no R/C Refeitório e Balneários masculino e feminino, bem como WC.
- Sala D09, aulas de Atelier de Artes e Oficina de Artes.

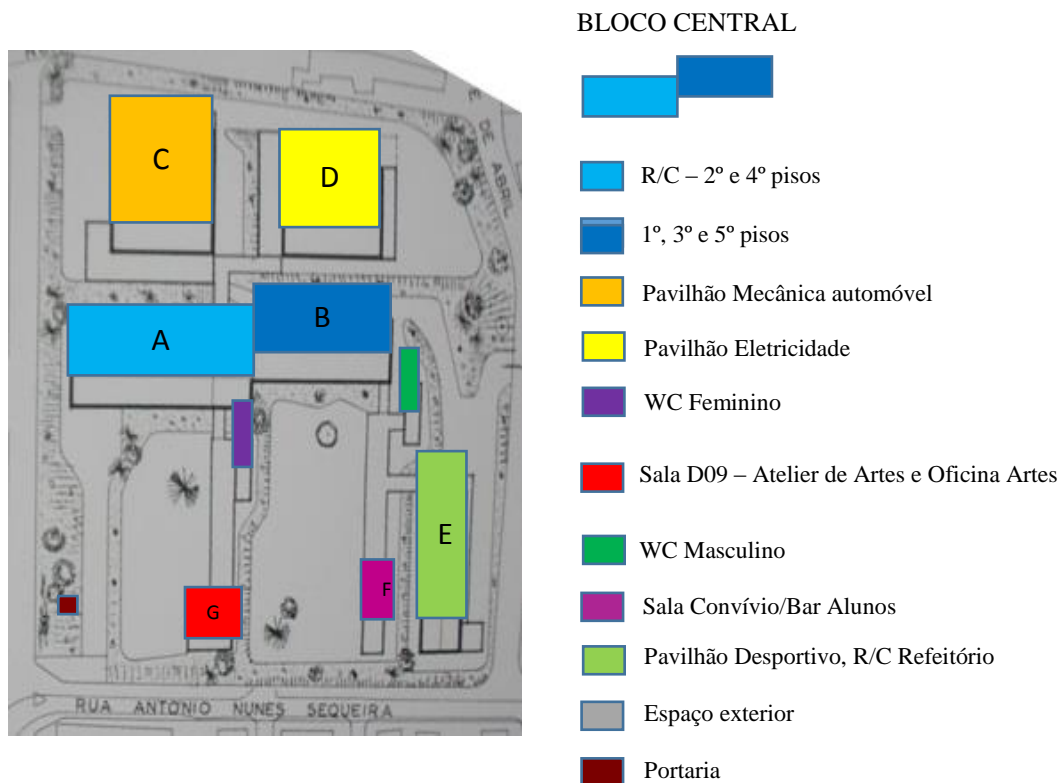


Figura 1: A planta da ESFD, os pavilhões a cores, correspondendo à respetiva legenda dos referidos edifícios. Fonte Direção ESFD.

Envolvendo os pavilhões encontram-se diversos pátios e uma grande extensão de zonas verdes, sendo a manutenção realizada por funcionários internos. Nestes espaços exteriores integram também dois campos desportivos, e uma horta solidária. É relevante mencionar que todas as salas estão equipadas com um projetor, um quadro de ardósia, um computador para o professor, com exceção de algumas salas de aulas que já têm quadros interativos. Em questões de segurança satisfaz todos os requisitos de acordo com a lei.

Tanto os alunos quanto os professores podem adquirir produtos na papelaria da ESFD, onde funciona também a reprografia (Figura 60).



Figura 2: Painel demonstrativo da papelaria e recepção para o atendimento para alunos e funcionários respectivamente. (Fonte própria).

Os alunos podem fazer as suas refeições no refeitório situado no, r/c do pavilhão desportivo (Figuras 3 e 4).



Figuras 3 e 4: Vista do refeitório e a respetiva área de atendimento. (Fonte própria).

Na ESFD existem vitrinas para expor os trabalhos dos alunos, promovendo a partilha, valorizando o trabalho e esforço dos jovens, bem como a autoestima e autoconfiança dos mesmos, (Figura 5).



Figura 5: Paineis de fotografias representativas da exposição de trabalhos realizados pelos alunos nas vitrinas situado no Pavilhão Central. (Fonte própria).

A comunidade da ESFD tem uma forte tradição na prática de vários desportos e coleciona os troféus obtidos também na área académica por parte dos alunos ao longo dos anos. Na Figura 6 pode observar-se a exposição dos troféus.



Figura 6: Paineis de fotografias com a exposição dos troféus adquiridos pelos alunos. (Fonte própria).

2.3.4 Localização

A ESFD localiza-se na freguesia Agualva-Cacém, que pertence ao Concelho de Sintra, que por sua vez se inscreve no Distrito de Lisboa. A área geográfica da cidade de Agualva-Cacém, caracteriza-se por uma malha urbana desordenada, tal deve-se à explosão demográfica, caracterizando-se numa imagem algo complexa.



Figura 7: Mapa de localização da ESFD no Concelho de Sintra. Fonte: Google maps.

Nas Figuras 8 e 9, pode-se observar a vista aérea da escola e respetiva planta da escola. Para além da distribuição harmoniosa dos blocos e dos espaços de lazer, que apresentam-se tratados e permitem a circulação da comunidade escolar com comodidade.



Figuras 8 e 9: Perspetiva aérea e planta da ESFD. Fontes: Google maps e Direção ESFD.

2.3.5 Acessos à ESFD

Em termos de acessibilidade, a ESFD situa-se num local privilegiado, constituindo um fator de valorização para o estabelecimento de ensino, nomeadamente em:

- Transportes Públicos, com autocarros dos Transportes Vimeca e comboios dos Comboios de Portugal (CP), da linha de Sintra, Oriente e Azambuja.
- Acessos Rodoviários como a:
- IC 19.

Acesso principal, pedonal e de veículos à ESFD, através da Rua António Nunes Sequeira.



Figura 10: Acesso e fachada principal da ESFD. (Fonte própria).

Nos espaços exteriores da ESFD, podem-se encontrar espaços verdes, dois campos desportivos, uma horta solidária (Figuras 14, 15 e 16). Dada a dimensão destes espaços exteriores existe grandes possibilidades para a criação de espaços de laser e convívio ao ar livre. Existem igualmente coberturas que permitem fazer a ligação entre os pavilhões.

Nas Figuras 11, 12 e 13, apresentam-se várias perspetivas e acessos do espaço exterior da ESFD, onde se pode observar áreas arborizadas e grandes espaços de circulação.



Figuras 11, 12 e 13: Diversos pontos de vista dos acessos à escola. (Fonte própria).

A implementação do Prémio Infante D. Henrique na ESFD está orientada para a dinamização de uma horta solidária.



Figuras 14, 15 e 16: Imagens da Horta solidária. (Fonte própria).

Como os edifícios estão separados formando blocos quase independentes uns dos outros, existe coberturas a fim de protegerem a população escolar quando esta se deslocava de bloco para bloco.



Figuras 17, 18 e 19: Acessos e ligações exteriores entre os pavilhões. (Fonte própria).

Como se pode observar nas Figuras 20, 21, 22, 23 e 24, existem na escola manifestações artísticas, elaboradas pelos alunos, no interior e exterior da ESFD.



Figuras 20 e 21: Mural na fachada do bar dos alunos e mural interior. (Fonte própria).



Figuras 22, 23 e 24: Mural interior, mural em mosaico e mural em azulejo exterior. (Fonte própria).

Estas manifestações artísticas assumem um papel muito importante no dia-a-dia dos alunos que circulam todos os dias nestes espaços e não é raro ver alunos imobilizados a observa-las revelando que estas manifestações não lhes são indiferentes, que remetem para um momento de reflexão e fruição, que os influenciam diariamente.

2.3.6 Caracterização das instalações

A ESFD é constituída por cinco pavilhões, sendo A e B, os pavilhões centrais:

- No r/c os serviços administrativos, direção, novafoco, gabinete médico, sala de reuniões-palestras, sala de trabalho para professores.
- No bloco A, no 2.º piso (sala de professores), sala de computadores para professores, duas salas de aula de Tecnologia Informação e Comunicação (TIC) e o 4.º piso (laboratórios de ciências e biologia, biblioteca e restantes salas de aulas).
- Também no pavilhão central, o bloco B no 1.º, 3.º e 5.º pisos, o laboratório de física e química e restantes salas de aulas. No 3.º piso gabinete de artes – clube de origami, sala de artes na 3.8 e restantes salas de aulas. No 5.º piso o laboratório de matemática na 5.3 e restantes salas de aulas.
- O pavilhão E no 1.º piso, o ginásio Feminino e o Masculino e no R/C o refeitório e balneários femininos e masculinos.

- No pavilhão C leciona-se mecânica automóvel, e tem uma sala para aulas de saúde com uma cama articulada e um manequim para os alunos terem aulas de primeiros socorros.
- O pavilhão D está destinado à área de eletricidade. A circundar as instalações existem espaços amplos/abertos, como pátios e zonas verdes. O acesso faz-se através de escadas e de uma cadeira elevatória, possibilitando desta forma o acesso a alunos com mobilidade reduzida/necessidades especiais. Em cada piso encontramos sanitários. À entrada de cada corredor para as salas de aulas existe uma auxiliar de ação direta e está devidamente identificada.

Entrada no pavilhão Central ESFD, a receção, secretaria, busto do Patrono Engenheiro José N. Ferreira Dias.



Figura 25: Painel de fotografias, Pavilhão Central-Receção-Mural e Busto do Patrono Eng. José N. Ferreira Dias. (Fonte própria).

Nas seguintes Figuras (26 e 27), são apresentadas duas vistas panorâmica da sala de Professores, bar/sala convívio e sala computadores.



Figuras 26 e 27: Sala convívio e bar de Professores e a Sala de Computadores para Professores.
(Fonte própria).

As imagens das Figuras 28, 29 e 30 do bloco B, representam o laboratório de Química e está equipado com material e equipamento para a prática da disciplina.



Figuras 28, 29 e 30: Gabinete e sala (1.9), equipamento-material-utensílios do Laboratório de Química.
(Fonte própria).

A disciplina de Física é lecionada em laboratório com bancadas apropriadas para a prática e experiências como se pode observar através das Figuras 31, 32 e 33.



Figuras 31, 32 e 33: Laboratório de Física sala 1.6. (Fonte própria).

Perspetivas e vários ângulos da sala de Ciências e Biologia, bem como dos instrumentos e equipamentos estão apresentados nas Figuras 34 a 36.



Figura 34, 35 e 36: Sala das Ciências e Biologia e os diversos equipamentos. (Fonte própria).

2.3.7 Pavilhões e serviços em funcionamento na escola

Na ESFD os inúmeros serviços estão harmonizados e funcionais, tais como: bar de professores, bar de alunos, refeitório, biblioteca, papelaria, reprografia, secretaria, serviço de ação social escolar, serviço de psicologia e orientação, serviço de educação especial, gabinete de apoio ao aluno, gabinete médico/primeiros socorros, moodle Ferreira Dias, Gestão de Atividades e Recursos Educativos (GARE), a plataforma GIAE Online, Comissão de Avaliação Interna, Gabinete de Segurança, Gabinete de Informação e Divulgação - conselho executivo, Novafoco – centro de formação da associação de escolas de Cacém/Queluz.

No site da escola e papelaria encontra-se disponível a ementa semanal, sendo obrigatório apresentar o cartão de aluno, de professor e de auxiliar. O carregamento deste cartão é efetuado na papelaria. Também na papelaria e reprografia estão disponíveis a venda de senhas para almoços.

Os alunos encontram uma vasta gama de materiais na papelaria que podem adquirir, tais como: diversos tipos de papeis de variadíssimas cores, lápis, canetas, pincéis, colas, cadernos, cartolinas, entre outros.

A Biblioteca da ESFD é uma estrutura de orientação educativa, desempenhando um papel central no domínio da leitura e da literacia da informação, e compreende as seguintes zonas:

- Receção e atendimento;
- Leitura informal;
- Jogos didáticos;

- Consulta de documentos;
- Informática;
- Estudo e trabalho autónomo.

Com um horário de 2.^a, 3.^a, 5.^a e 6.^a feiras, das 8:30h às 18:30h e à 4.^a feira das 8:30h às 22:15h.

É um espaço com uma grande área (Figuras 34 e 35), que presta um serviço cuidadoso e atento à comunidade escolar, constituída por uma equipa que está sempre disponível e atenta, constituída por: Maria dos Anjos Fernandes (Professora Bibliotecária), Elisabete Alves (Professora de História) e, Graça Machaqueiro (Professora de Inglês). A biblioteca está equipada com estantes em madeira (literatura universal) que contém livros juvenis, bandas desenhadas (B.D.) e revistas, jornais e outras; com estantes metálicas (literatura específica); integra também, um espaço destinado à pesquisa em suporte audiovisual e informático com vários computadores ligados à internet de banda larga e ainda um espaço destinado à consulta documental, jogos de xadrez e damas.

Os alunos encontram na biblioteca um espaço com condições para trabalhar individualmente ou em grupo. No centro da sala existe um balcão de receção com visibilidade para todo o espaço físico da biblioteca.

Quanto à organização dos livros esta está apresentada segundo áreas temáticas, de acordo com o sistema de classificação e catalogação CDU. Como valência importante os alunos e a comunidade escolar têm acesso ao serviço de empréstimo domiciliário do acervo da Biblioteca Escolar (BE), assim como a empréstimos de material (máquinas de calcular, dicionários e manuais escolares), para as aulas e para utilização no próprio espaço.

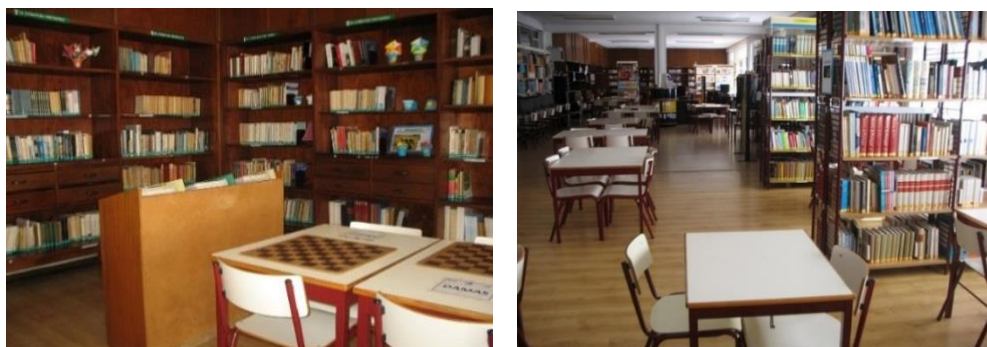
A biblioteca da escola representa um espaço polivalente utilizado para diversos fins como o estudo autónomo, trabalhos de grupo, apoios pedagógicos e aulas de pesquisa orientada com os próprios professores. Tem como linhas orientadoras a integração dos alunos no sentido de atingirem melhores resultados, estando de acordo com a legislação em vigor, sendo primordial dar resposta às dificuldades no que concerne ao ensino-aprendizagem, para que o aluno desenvolva as suas capacidades ao nível cognitivo e social.

Na imagem abaixo pode-se observar a página da internet (Figura 37) com as boas vindas aos alunos e o logotipo da biblioteca, criado por uma ex-aluna (Figura 38).



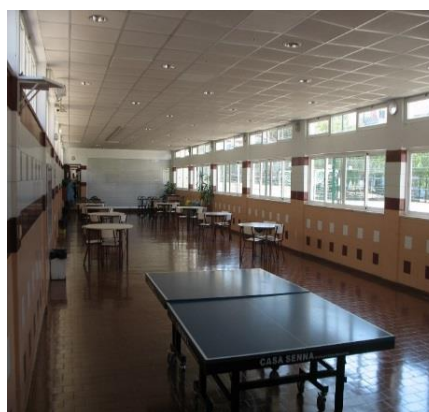
Figuras 37 e 38: Divulgação da Biblioteca escolar na internet e o Logótipo correspondente. Fonte: Website da ESFD.

A BE é um espaço com uma excelente área onde os alunos podem pesquisar e complementar a sua aprendizagem.



Figuras 39 e 40: Área de Jogos Didáticos e perspectiva geral da Biblioteca da escola. (Fonte própria).

A ESFD oferece aos alunos um espaço de convívio com serviço de bar como se pode observar nas Figuras 41 e 42.



Figuras 41 e 42: Interior do bar dos alunos. (Fonte própria).

2.4 Situação no ensino e comunidade

A ESFD está sob a tutela do Ministério da Educação e Ciência, da Direção de Serviços da Região de Lisboa e Vale do Tejo e da Direção Geral dos Estabelecimentos escolares.

A maioria da população desta cidade, que integra uma das áreas suburbanas da Grande Lisboa, desempenha funções nos setores da indústria e no comércio. O meio envolvente é complexo e a população apresenta grandes diferenças culturais e socioeconómicas que tendem a acentuar-se devido ao agravamento da situação económica e financeira do país.

Relativamente ao abandono escolar, tem uma taxa reduzida ao nível dos vários anos letivos respetivamente, do 7.º ao 11.º ano de escolaridade, sendo apenas contabilizada a média geral de progressão e abandono escolar. A Associação de Pais e Encarregados de Educação tem um papel ativo na vida escolar.

A ESFD tem protocolos com entidades locais, tais como:

- Câmara Municipal de Sintra;
- Junta de Freguesia de Aqualva e Mira Sintra;
- Centro de Formação NovaFoco;
- Centro de Saúde do Cacém (ACCES-Sintra);
- Rede de Bibliotecas Escolares;

- PSP e Escola Segura;
- Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Agualva-Cacém (AHBVAC);
- Proteção Civil;
- Comissão de Proteção de crianças e jovens - zona (CPCJ);
- Estabelecimento Prisional da Carregueira (EPC);
- Empresas e instituições de caráter público ou privado;
- Organizações Não-governamentais (ONG);
- Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP);
- Escolas Profissionais;
- Desenvolveram também protocolo com o Instituto Superior de Educação de Lisboa (ISEL).

Sempre que possível procuram manter a continuidade pedagógica, fazendo uma gestão adequada às necessidades da Escola relativamente aos recursos humanos. Quanto ao corpo docente, este é estável e experiente, com muitos anos de experiência e de permanência na escola.

Relativamente ao projeto a implementar, no âmbito deste relatório procurou-se desenvolver uma parceria com algumas empresas/comércio no sentido de (re)utilizar material devoluto-desperdícios, como por exemplo:

- Modelos Guanabara – desperdícios de tecido (projeto desenvolvido no estágio);
- E o Armazém de calçado Tapadas na Serra das Minas – utilização dos papéis de caixas de sapatos no projeto de interdisciplinaridade Arte Ecológica (CD-ROOM – Anexo A 23).

A ESFD tem como tradição organizar a Semana das Artes (SMARTES), num conjunto de atividades-workshops, com o objetivo de promover e dar a conhecer aos alunos técnicas artísticas, promovendo um intercâmbio de conhecimento e saberes, pois os workshops são realizados, principalmente por alunos do Secundário para os do Básico (Figuras 44, 45 e 46), com o objetivo de desenvolver autoconfiança, autoestima e liderança.

Na Figura 43 apresenta-se a promoção/divulgação na página da Escola da Semana das Artes e do workshop de crochet a toda a comunidade educativa.

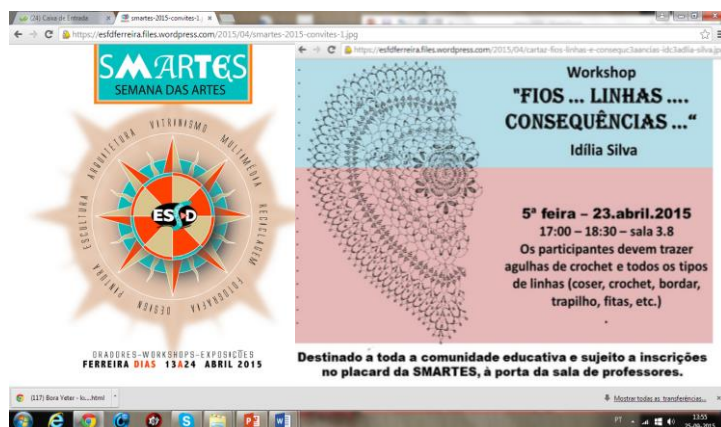


Figura 43: Divulgação da SMARTES e do workshop de Croché. Fonte: Site da ESFD.

Nas Figuras 44, 45 e 46 apresentam-se imagens dos workshops de banda desenhada, atividades de pintura e exposição dos trabalhos realizados pela turma alvo deste estudo, sendo a exposição de âmbito geral, atividades estas desenvolvidas pelos professores do Grupo 600.



Figura 44, Figura 45 e Figura 46: Workshop de banda desenhada, atividades de/com os alunos e a exposição dos trabalhos. (Fontes: Própria e Professora Manuela Galante).

2.4.1 Estruturas técnico-pedagógicas de apoio educativo ao aluno

Os serviços disponíveis para o aluno são os seguintes:

- Serviço de Psicologia e Orientação (SPO).
- Promoção e Educação para a Saúde (PES).

- Equipa de Avaliação Especializada (EAE).
- Gabinete de Integração e Apoio ao Aluno (GIAA).
- Ação Social Escolar (ASE).
- Apoio Pedagógico Acrescido (APA).
- Aulas de Complemento Curricular.
- Apoio Pedagógico Personalizado (APP).
- Apoio Tutorial.
- As Oficinas e Laboratórios de Aprendizagem, Ferreira Dias Escola Multicultural (PEPLE).
- DELFScolaire, Plano Nacional de Leitura Ler + (PNL).
- A Biblioteca (BE).

Relativamente o Gabinete de Integração e Apoio ao Aluno, este tem um papel fundamental, no sentido de combater desvios comportamentais, desenvolver estratégias de intervenção, e promover condições psico-sociais-emocionais, com o objetivo de contribuir para o sucesso educativo dos alunos.

2.4.2 Clubes, gabinetes e atividades escolares

Os clubes, projetos, núcleos e espaços de intervenção na ESFD são criados no sentido de partilhar e enriquecer a formação dos alunos e toda a comunidade escolar, bem como para, ocupação dos tempos livres, evitando comportamentos de isolamento e de risco, proporcionando uma maior integração na comunidade escolar e estimulando para, o sucesso educativo, que também se constrói através de dinâmicas externas à sala de aula, abrangendo áreas diversas como:

- Projeto Europeu, Open Discovery Space, com a participação do NUCLIO e do Galileu Teachers Training Programme, que realiza atividades de formação, participando em concursos educacionais entre outros.
- Clube Multimédia, que apoia os alunos com mais dificuldade no domínio do *software*, combatendo o insucesso escolar, fundamentalmente na disciplina de Oficina de Multimédia.
- Projeto de Sismologia, que promove a literacia científica e a, atitude empreendedora face à ciência.

- Núcleo de Ciências, que tem como objetivo motivar os alunos para uma área tecnologicamente avançada e multidisciplinar, promovendo a ciência e a tecnologia nas camadas mais jovens.
- Eco-Escolas, que fomenta uma mudança de comportamentos e atitudes, baseando-se numa consciência crítica.
- Desporto Escolar, que pretende sensibilizar e motivar os alunos para a prática da atividade desportiva escolar, aumentando a qualidade das suas prestações.
- Projeto Educação pelos Pares que promove o trabalho em equipa, preparando, ensinando os alunos a comunicar e interagir com os outros e colabora em atividades como o Dia Mundial de Luta contra a Sida, trabalhando em articulação com o projeto da Educação para a Saúde.
- Clube de Francês, que fomenta e divulga o gosto pela cultura/civilização francesa.
- Programa Erasmus +, que foi criado no sentido de aumentar as oportunidades de cooperação e mobilidade com países parceiros.
- Clube de História e Património (CLIO), que visa sensibilizar a comunidade escolar para preservação do património e da identidade nacional.
- Clube Europeu, que tem como objetivo consciencializar os alunos para a dimensão europeia da educação e para o conceito de interculturalidade.
- Clube MUN – Model United Nations, que prepara os alunos para a participação de uma simulação das Nações Unidas, tendo como meio de comunicação a língua Inglesa.
- Clube de Leitura, que fomenta o gosto da leitura, dinamizando projetos ligados à leitura, como concursos de leitura e escrita, promovendo a vinda dos escritores à Escola no âmbito da “Semana da Leitura”.

No que concerne aos departamentos curriculares e outros, existem ainda:

- O Plano da Matemática (PM), criado no grupo de Matemática, que pretende desenvolver o gosto pela matemática, incentivando e preparando os alunos a participar em inúmeros campeonatos, tais como: Campeonato Nacional de Jogos de Matemática, Campeonato Internacional SuperTmatik, Cálculo Mental, entre outros.

- O “SMARTE”, que se realiza em Maio na semana das artes, no âmbito das artes plásticas e que tem como objetivo destacar o trabalho colaborativo de toda a comunidade educativa, com o intuito de promover uma melhoria do desempenho dos e nos alunos, direcionando-os para o sucesso escolar, bem como, para promover a interação e integração dos alunos. Também no contexto artístico foi criado o Clube de Origami, no sentido de desenvolver competências na área das artes, da geometria e da matemática.
- O Projeto Arte e Ambiente, que tem como objetivo sensibilizar e capacitar os atores da comunidade escolar para a preservação do meio ambiente local e global, para uma melhor qualidade de vida e sustentabilidade da Terra.
- O Prémio Infante D. Henrique, associado ao programa internacional de desenvolvimento pessoal e social destinado os alunos da faixa etária compreendida entre os 14 e 25 anos. A implementação do prémio na ESFD está orientada para a dinamização de uma horta solidária.
- A SeguraNet que promove uma utilização segura, crítica e esclarecida das TIC, pela comunidade escolar surge a SeguraNet.

2.4.3 Departamento, serviços e atividades

Tem sede nesta escola a Novafofo (Figuras 47 e 48), Centro de Formação do Concelho de Sintra, que assume o seu papel, como parte integrante de um sistema de desenvolvimento de competências para a excelência do ensino, passando a ser o primeiro Centro de Formação do Concelho de Sintra a partir de 2 de agosto de 2011, e provavelmente o único a nível nacional, a possuir uma **Certificação do seu Sistema de Gestão da Qualidade** em Conceção, Planeamento e Realização de Formação Contínua dos Profissionais da Educação, de acordo com a Norma ISO 9001:2008.



Figuras 47 e 48: Espaço reservado da Novafoco; formação de professores. (Fonte própria).

2.4.4 Estruturas de coordenação

No Quadro 3 constata-se que as estruturas de coordenação, serviço e parcerias, são por sua vez constituídas por diversos departamentos: curriculares e diversos conselhos, bem como a comissão de coordenação de avaliação e desempenho; diversos projetos desenvolvidos com os alunos da ESFD; vários serviços técnicos, pedagógicos, administrativos, de apoio; associações de estudantes e de pais e encarregados de educação, Novafoco; múltiplas entidades externas estabelecem parcerias com a escola.

2.4.5 Órgãos de gestão e administração escolar

Ainda no Quadro 3 apresenta-se o organigrama da Escola onde se pode observar a constituição do Conselho Geral:

- Conselho Pedagógico.
- Diretor.
- Conselho Administrativo.

Estes concelhos têm a responsabilidade de orientar as seguintes estruturas:

- Estruturas de Coordenação Educativa e Supervisão Pedagógica.
- Outras Estruturas de Coordenação.
- Serviços Administrativos, Técnicos e Técnicos Pedagógicos.
- Estruturas Associativas.

- Parcerias.

Como referido no Quadro 3, constata-se que estas últimas estruturas de coordenação, serviços e parcerias, são constituídas por diversos departamentos, projetos, serviços, associações e entidades.

2.4.6 Organização das turmas

Relativamente à organização das turmas podemos observar no seguinte quadro o número total de alunos na ESFD, assim como o número de alunos em cada turma e ciclo de curso, bem como o regime diurno e noturno, não deixando de referir o polo de ensino no estabelecimento prisional da Carregueira.

Quadro 1: Informação de acordo com o Regulamento Interno, com o Projeto Educativo de Escola e o Projeto Curricular de Escola disponível na página da ESFD - <https://esfdferreira.wordpress.com>.

TURMAS (cerca de 1927 alunos)					
Regime Diurno					
3.º Ciclo		Cursos Científico-humanísticos		Cursos Profissionais	
Número de turmas	Número de alunos	Número de turmas	Número de alunos	Número de turmas	Número de alunos
20	561	34	881	14	280
Regime Noturno					
Cursos Científico-humanísticos			Curso de Educação e Formação de Adultos		
Número de turmas	Número de alunos		Número de turmas	Número de alunos	
5	179		1	26	
Polo de Ensino Estabelecimento Prisional da Carregueira Ensino Recorrente por Módulos e Cursos de Educação e Formação de Adultos 38 Formandos					

2.4.7 População escolar

No que concerne à população escolar do pessoal docente e não docente, podemos observar no quadro seguinte as funções e número de profissionais contratados, referente ao ano letivo de 2013/14 pelas diferentes especializações.

Quadro 2: Caracterização da população escolar, disponível na página da ESFD - <https://esfdferreira.wordpress.com>.

Docentes	
Vínculo	Nº de Docentes
Quadros Escola	134
Quadro de Zona Pedagógica	18
Contratados	34
Total	140
Pessoal docente com funções especiais	
Técnico de Educação Especial	1
Coordenador do CNO (Centro de Novas Oportunidades)	1
Formadores do CNO	8
Total	10
Pessoal não docente	
Assistentes Operacionais	33
Assistentes Técnicos	13
Técnica de Ação Social Escolar (ASE)	1
Técnica Superior (Psicóloga)	1
Segurança Escolar do Ministério da Educação e Ciências	1
Trabalhadores colocados- ao abrigo do contrato emprego-inserção do Instituto do Emprego e Formação Profissional- IEFP)	14
Total	49

2.4.8 Caraterização da página e Logótipo

O logótipo da ESFD foi criado há alguns anos por alunos da disciplina de Teoria do Design, quando esta ainda existia no currículo do Curso de Artes Visuais. Nas Figuras 49 e 50 pode-se observar a aplicação do logotipo também no website da escola.



Figuras 49 e 50: A página de apresentação da escola e o seu logótipo. Fonte: *website* da ESFD.

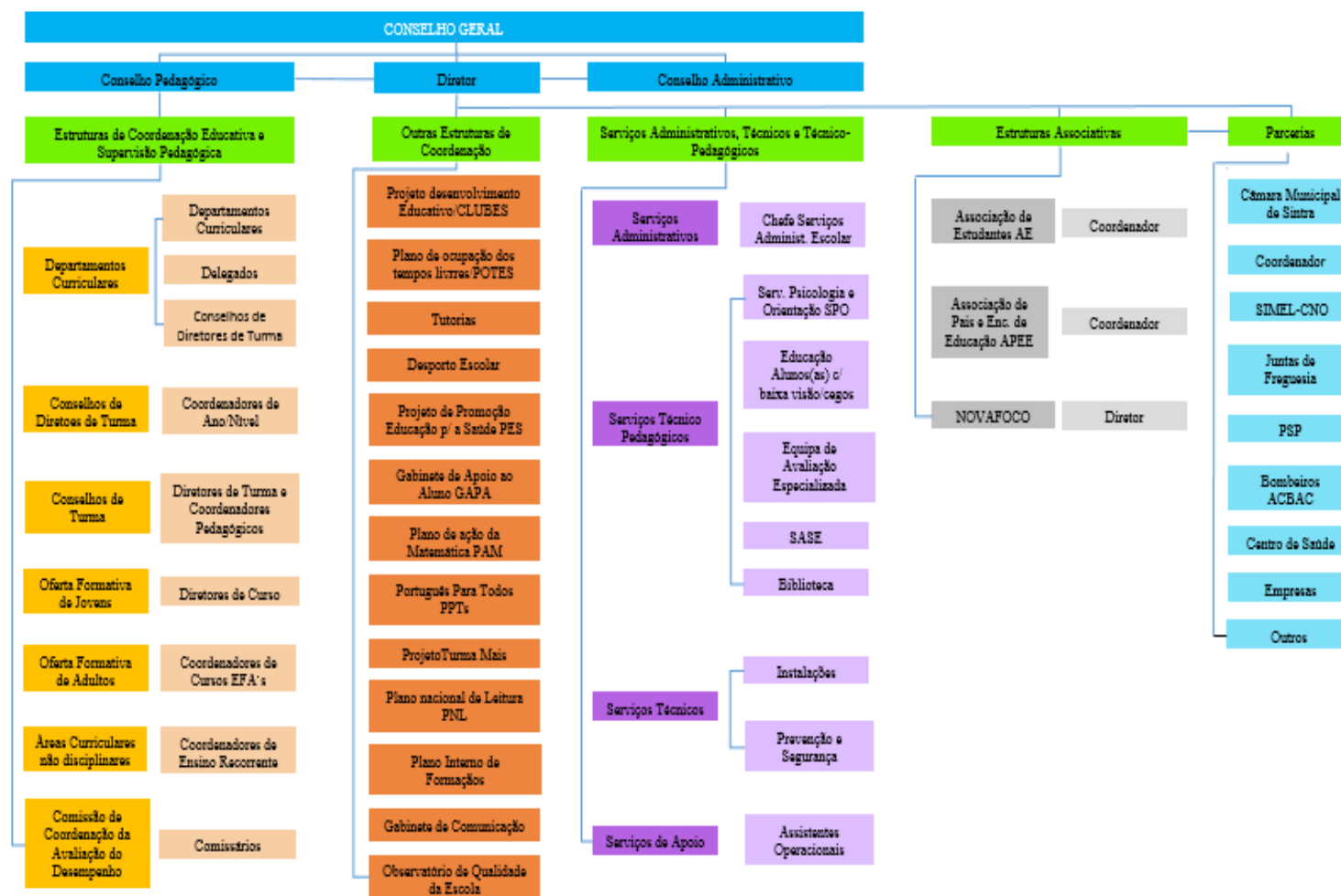
A comunidade pode consultar as valências da escola nos seguintes links:

- **<http://www.ferreiradias.pt>**
- Email – esfd@clix.pt
- Moodle: www.esecferreiradias.org/

O *website* da Escola encontra-se em funcionamento e atualizado, com informações pertinentes e complementares. A informação no geral encontra-se disponível, estando colocada de forma clara, organizada e de fácil acesso e leitura. Encontra-se também disponível uma plataforma de *moodle*, que permite criar novos e complementares espaços de aprendizagem para além da sala de aula.

2.5 Organigrama da ESFD

Quadro 3: Organigrama hierárquico da ESFD. Fonte: Site ESFD.



2.6 Organização dos departamentos curriculares

No Quadro 4 apresenta-se a composição dos Departamentos Curriculares por Grupos de recrutamento. O Departamento de Expressões é constituído pelos grupos disciplinares de Educação Especial, Artes Visuais e Educação Física com 114 Docentes.

Quadro 4: Informação de acordo com o Regulamento Interno, com o Projeto Educativo de Escola e o Projeto Curricular de Escola disponível na página da ESFD - <https://esfdferreira.wordpress.com>.

Departamento de Línguas	Grupo
(Português/Francês)	300 320
(Inglês/Alemão/Espanhol)	330 340 350
Departamento de Ciências Sociais e Humanas	
Educação Moral Religiosa História Filosofia	400 410
Geografia Economia e Contabilidade	420 430
Departamento de Matemática e Ciências Experimentais	
Matemática	500
Física Química Biologia e Geologia	510 520
Educação Tecnológica Eletrotecnia Informática	530 540 550
Técnicos Especiais	
Departamento de Expressões (114 Docentes)	
Educação Especial	910 920 930
Artes Visuais	600
Educação Física	620

2.6.1 Oferta curricular

A ESFD oferece à população cursos diurnos e noturnos. Quanto ao ensino Básico Regular, este está vocacionado para dar continuidade aos estudos até ao nível do Secundário.

Ao nível do Ensino Secundário, a Escola disponibiliza o Ensino Secundário Regular, que serve para dar continuidade no nível superior. Também oferece a possibilidade dos alunos de frequentarem Cursos Profissionais com dupla certificação, que permite a conclusão do 12.º ano e certificação profissional. Para concluir estes cursos o aluno têm de realizar um estágio em empresas com protocolo que, acontece no último ano do curso e com uma Prova de Aptidão Profissional (PAP) no final. As mais diversas empresas do Concelho de Sintra contribuem recebendo os alunos para a realização do estágio profissional, provenientes dos Cursos Profissionais.

No Quadro 5 apresentam-se as várias ofertas curriculares da escola.

Quadro 5: Oferta curricular, de acordo com o Regulamento Interno, com o Projeto Educativo de Escola e o Projeto Curricular de Escola disponível no site da ESFD - <https://esfdferreira.wordpress.com>.

Cursos diurnos		
Ensino Regular	Ensino Básico	3.º Ciclo
	Ensino Secundário	Cursos Científico-Humanísticos
		Ciências e Tecnologias
		Ciências Socioeconómicas
		Línguas e Humanidades
		Artes Visuais
Oferta de Escola	Ensino Básico	Atelier de Artes
		TIC
Cursos Profissionais	Ensino Secundário	Técnico Auxiliar de Saúde
		Técnico de Eletrónica, Automação e Computadores
		Técnico de Manutenção Industrial (Mecatrónica Automóvel)
		Técnico de Mecatrónica
		Técnico de Gestão de Programação de Sistemas Informáticos
		Técnico de Turismo
		Técnico de Vitrinismo
Cursos Noturnos		
Níveis Básico e Secundário	EFA Básico	Ciências e Tecnologias Línguas e Humanidades
	EFA Secundário	
	EFA Dupla Certificação Técnico de Informação e Animação Turística	
	Curso Português (Falantes de outras Línguas - PFOL)	

2.6.2 Caracterização do Grupo 600

As disciplinas que são da responsabilidade do Grupo 600 são as seguintes:

- Desenho A;
- Educação Visual;
- Geometria Descritiva A;
- Oficina de Artes;
- Materiais e Tecnologias;
- Atelier de Artes;
- Curso Vitrinismo;
- E Oficina de Multimédia.

De referir que no pavilhão de mecânica automóvel existe uma sala para a prática de fotografia.

Embora exista bastante luz natural nas salas devido às grandes janelas a inexistência de equipamento de climatização nas salas de aulas faz com que as diferenças de temperatura se sintam no interior, o que acaba por interferir com o desempenho e disposição dos alunos.

Em todas as salas existem equipamentos que ajudam a organizar o espaço, como estiradores, armários, lavatórios, cabides, entre outros, bem como esquadros, réguas, aristos, compassos e um conjunto de sólidos em madeira como material de apoio.

Os professores de Artes e o clube de *origami* possuem um gabinete partilhado, conforme as Figura 51 e 52.



Figuras 51 e 52: Clube de Origami, Gabinete reunião de Professores de Artes. (Fonte própria).

Nas Figuras 53, 54 e 55, apresentam-se a sala de artes e a arrecadação contígua.



Figuras 53, 54 e 55: Sala de artes e a arrecadação, 3.8 (3.º Piso). (Fonte própria).

As aulas do estágio da disciplina de Atelier de Artes, foram lecionadas às 5.^{as} feiras na sala D09, todo o material necessário para o desenvolvimento das atividades (utensílios e equipamentos) estava armazenado na arrecadação da sala 3.8 e era transportado com a colaboração de alguns alunos para a sala de aula, que no fim ajudavam a arrumar na referida arrecadação.



Figura 56, 57 e 58: Pátio da entrada da sala D09, interior e a área de arrumos e lavagem do material. (Fonte própria).

Relativamente aos espaços reservados aos alunos de mecânica, estes têm uma grande área que se distribui em duas zonas, respetivamente para aulas teóricas e aulas práticas como se pode observar nas Figuras 59 a 61.



Figura 59, 60 e 61: a sala de aula comum às aulas teóricas e práticas. (Fonte própria).

Os alunos de mecânica têm um espaço multidisciplinar, onde também é possível testar os seus conhecimentos em protótipos de automóveis, como se pode observar nas Figuras 62 a 64.



Figuras 62, 63 e 64: Exemplos de protótipos utilizados pelos alunos de mecânica. (Fonte própria).

2.7 Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais

No Quadro 6 apresenta-se a formação académica e as disciplinas que lecionam.

Quadro 6: Informação facultada pela Delegada de Artes Visuais Prof. Maria Manuela Galante e respetivos professores do Grupo 600 da ESFD.

Nomes	Formação base	Disciplinas
Cristina Gaspar	Mestre em História de Arte Contemporânea (FCSH/Nova)	Educação Visual - 7.º ano, História da Cultura e das Artes (10.º e 11.º anos do Curso Profissional Tecnológico), Vitrinismo e Exposição ao 11.º ano
M ^a Manuela Galante (Delegada de Grupo 2014/15)	Licenciatura em Design no IADE	Atelier de Artes 8.º ano, Desenho 10.º e 12.º ano
Gabriela Fonseca	Licenciatura em Artes Plásticas-Pintura (FBAUL)	Educação Visual e Atelier de Artes – 7.º ano
Margarida Batista	Licenciatura em Arquitetura UL	EV- 8.º ano, Atelier de Artes 8.º ano Geometria Descritiva e <i>Merchandising</i>
Teresa Frutuoso	Licenciatura em Escultura, ARCA, Coimbra	Educação Visual- 9.º ano, Desenho ao 11.º ano, Atelier de Artes ao 8.º ano
M ^a José Simões	Licenciatura em Arquitetura FAUTL	Educação Visual - 9.º ano, Desenho e Vitrinismo/Exposição - Curso Prof Vitrinismo, Coordenadora CP Vitrinismo
Osvaldo Castanheira	Licenciatura em Design ESBAL	Curso Profissional de Vitrinismo, Educação Visual - 9.º ano,

		Oficina Artes e oficina Multimédia – 12.º ano
Manuela Marques	Licenciatura em Arquitetura pela FAUTL	Geometria Descritiva A ao 10.º ano, Geometria Descritiva ao 2.º ano de Curso Profissional de Vitrinismo
António Santos Adjunto do Diretor	Licenciatura em Design de Equipamento - ESBAL	Geometria Descritiva 11.º ano
Mª Jesus Valente	Licenciatura em Artes Plásticas Escultura – FBAUL Pós Graduação Desenho	10.º e 11.º ano de Artes Visuais, 11.º ano de Vitrinismo, 12.º ano de Turismo
Ana Lourenço	Mestrado em Design e Cultura Visual na ES de Design do IADE	Desenho A 10.º e 12.º anos Educação Visual ao 9.º ano

O Curso Científico-humanístico de Artes Visuais tem a duração de 3 anos letivos que correspondem ao 10.º, 11.º, 12.º anos de Escolaridade, vocacionados para prosseguimento dos estudos ao nível superior.

Os jovens que tenham concluído o 9.º ano de Escolaridade ou equivalente e que pretendam receber formação ao nível secundário são os principais destinatários do referido Curso, bem como dos Cursos Profissionais, tendo como Matriz Curricular e planos de estudo o conceito utilizado no currículo nacional:

- Uma componente de formação geral, comum a todos os cursos, com o objetivo de construir uma identidade pessoal, social e cultural nos jovens;
- Uma componente de formação específica, proporcionando aos jovens uma formação científica no domínio do curso selecionado;
- E uma componente facultativa constituída pelas disciplinas de Educação Moral e Religiosa.

2.8 Caraterização da turma do 8.º ano

A turma é constituída por 30 aluno, 10 rapazes e 19 raparigas, com idades compreendidas entre os 13 e 15 anos. Dos 30 alunos, 29 transitaram pela 1.ª vez para o 8º ano. Sendo que todos os alunos frequentaram a escola no ano letivo anterior.

No geral são alunos que provêm de famílias de classe média.

Quanto ao aproveitamento, dos 30 alunos, 11 frequentam o apoio pedagógico, 9 foram propostos para o Plano de Apoio Pedagógico Individual (PAPI), e outros 2 têm Necessidades Educativas Especiais (NEE).

Nos anos anteriores, 4 alunos desta turma tiveram retenções escolares, no ano letivo 2014/15, transitaram 28 alunos para o 9.º ano e transitaram 8 por votação do conselho de turma. Houve ainda 2 alunas que ficaram retidas no 8.º ano por excesso de faltas.

Caraterização dos alunos

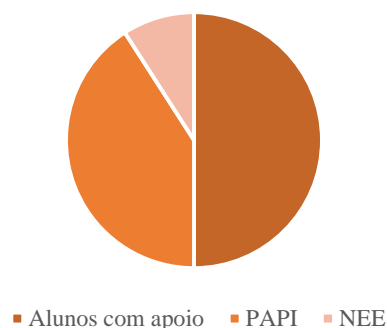


Figura 65: Distribuição dos alunos no que concerne aos resultados escolares.

Em relação ao comportamento, ao nível da disciplina de Atelier de Artes, a turma tem uma excelente relação com a professora titular e, no geral, apresentam-se interessados e participativos. No entanto, devido ao comportamento agitado, acaba por revelar alguma dificuldade na concentração, que se reflete no aproveitamento.

No projeto “*Da ação nasce o objeto: Exploração Plástica em Ecodesign*”, a unidade de trabalho alvo de investigação, os alunos revelaram-se interessados e participativos, querendo dar continuidade aos trabalhos fora da sala de aulas, desde que acompanhados pela professora estagiária, no entanto, 5 alunos não desenvolveram o projeto, apontando-se as seguintes razões:

- Estarem cansados, devido à Prática de Ensino Supervisionada ter sido desenvolvido nas últimas 6 aulas do ano letivo, (as 5 primeiras aulas desenvolvimento e conclusão e a 6ª de avaliação e despedida).
- Faltaram a algumas das aulas do projeto.

- Turma numerosa (30 alunos).
- Fatores externos que acompanham os jovens ao longo do seu percurso, como referido no Capítulo III.
- Desatentos e muito conversadores. Para resolver este problema foi sugerido realizar um acompanhamento individualizado em horário extracurricular, mesmo assim, não se mostraram recetivos. Assim, questionou-se a razão do desinteresse pelo projeto proposto? Começavam e trabalhavam quando estava com eles, quando dava assistência aos outros alunos não desenvolviam o que tinham começado e voltavam à postura anterior.

Destes 5 alunos, 3 tiveram aproveitamento na disciplina assim como uma outra aluna, que foi transferida para o estrangeiro, sendo que a média dos trabalhos durante o trimestre foi positiva. Restou apenas 1 aluno, que não obteve aproveitamento em avaliação contínua, passando de ano letivo por votação em conselho pedagógico.

Em relação ao acompanhamento por parte dos encarregados de educação (EE) nas reuniões gerais, cerca de 50% participaram nas reuniões.

Capítulo III | Enquadramento Teórico do Projeto Pedagógico

3. O objetivo da educação e a educação artística

“A educação é o apoio do desenvolvimento, mas à parte a maturação física, o desenvolvimento apenas se manifesta na expressão – signos e símbolos audíveis e visíveis. A educação pode por isso ser definida como o cultivo de modos de expressão – consiste em ensinar as crianças e os adultos a produzir sons, imagens, movimentos, ferramentas e utensílios.” (Read, 1943:24).

Ao tentar-se entender qual é o papel da arte e da estética no ensino, entendeu-se começar por questionar:

- Qual o objetivo da educação?

A resposta pode ser o desenvolvimento da singularidade de cada indivíduo, enfatizando as suas capacidades para que estas se reflitam no outro e na sociedade, mesmo as mais simples que podem contribuir para a diversidade de pensamento e ideias.

Mas, isoladamente, a singularidade não tem valor prático, portanto, a educação pode ser também um processo de integração, a conciliação da individualidade com a unidade social.

Já Platão defendia que a educação não deve ser imposta, mas antes ser proposta como um jogo, que por sua vez permitirá ao educador perceber quais as aptidões naturais de cada criança.

No sentido de relacionar o objetivo da educação com o da educação artística, utilizam-se as palavras de Read (1943:253-254), que propõe que a educação artística tem como objetivo três atividades fundamentais:

- A atividade de expressão pessoal;
- A atividade de observação;
- A atividade crítica.

Estas atividades podem ser consideradas também como as da educação em geral, embora estejam interligadas e tenham origem no ensino artístico, desenvolvendo-se em linhas distintas, que requerem diferentes aproximações:

- A expressão pessoal que permite satisfazer uma necessidade inata do indivíduo para comunicar com os outros sobre seus pensamentos, ideias, sentimentos e emoções, sendo inata não pode ser ensinada, o educador não deve interferir impondo qualquer técnica, deve antes orientar e inspirar;
- A capacidade de observação que reflete um desejo de registrar impressões sensíveis que descodificam os conhecimentos conceituais, podendo ser adquirida exercitando os órgãos dos sentidos e motores envolvidos no processo de observar e registrar;
- A capacidade crítica que depende tanto da atividade de expressão como de observação, como reação individual às formas de expressão de outros indivíduos e pode ser desenvolvida, embora só se manifeste, normalmente, após a adolescência.

A educação artística é uma forma natural de aprender em todos os estádios do desenvolvimento e um método completo para aquisição de competências essenciais para o ser humano viver em sociedade, ao nível intelectual, emocional e social. Na perspectiva de Santos (2008:19):

“Conhecida a influência que a afectividade desempenha no desenvolvimento da criança e do adolescente, e sendo as manifestações artísticas aquelas que mais se inserem, compreende-se a atenção que as reformas do ensino dedicam à esfera da Arte. É que além do mais, múltiplas são de facto as funções da Arte no harmonioso desenvolvimento da personalidade infanto-juvenil, e, na opinião de Piaget, se na vida da criança há duas necessidades essenciais que são, por um lado, a adaptação à realidade material e social, e, por outro, o conjunto das realidades individuais que se exprimem pelos jogos simbólicos, a arte, na criança, seria um esforço de conciliação entre essas duas necessidades, como uma síntese entre expressão do eu e as formas de actividades adequadas”.

Um dos princípios fundamentais defendidos por Herbert Read centra-se na relação entre o professor e o aluno estabelecem, o primeiro assumir uma posição de facilitador, com uma postura humilde e disposto a entender a criança como o centro, um ponto de partida e não como algo a instruir. Herbert Read (2007:257), concorda com Franz Cizek, quando este afirma: “...o professor deve ser a mais modesta e humilde das pessoas, capaz de ver nas crianças um milagre de Deus e não uma coisa a instruir.” Voltando a Santos (2008:20), na relação pedagógica professor/aluno, “*Impregnando o mundo atual das mais variadas manifestações artísticas, como talvez nunca antes, não se pode menosprezar o*

lugar das Artes na formação da personalidade, estando, porém, o problema no modo como os educadores adequadamente o equacionam.”.

3.1 Educação artística

“A Educação pela Arte é uma educação do sensível, tendo em vista a estimulação e enriquecimento do racional, numa interacção benéfica entre o pensar, o sentir e o agir, dirigindo-se com especial interesse para os problemas que afectam a criança e o adolescente.” (Sousa, 2003:82).

De acordo com Arthur Efland a educação artística enquadra-se em quatro correntes, resultado de um cruzamento entre as teorias “...*nos domínios da Estética e da Psicologia*”, (Sousa, 2007:22), no sentido de entender a influência e contributo nas práticas da Educação Artística.

Segundo Efland, citado por Sousa (2007:22), há uma estreita relação entre:

- Estética mimética e a psicologia comportamental, originando o modelo mimético-behaviorista.
- Estética pragmática e as correntes psicológicas de reconstrução social, revertendo no modelo pragmático-social-reconstrucionista.
- Estética expressiva e a psicanálise, originando o modelo expressivo-psicanalítico.
- Estética formalista e a psicologia cognitiva, resultando no modelo formal-cognitivo.

Deste modo, decidiu-se caracterizar cada uma delas para um melhor entendimento do posicionamento enquanto professora/formadora.

3.1.1 Modelo Mimético-Behaviorista

O modelo mimético-behaviorista tem a sua origem nas teorias miméticas, com Platão, em que o centro é o Universo e a Natureza e nas teorias comportamentais da Psicologia do século XX. Neste modelo, a Arte e a Educação resultam dos atos de imitação - a Arte é uma imitação da Natureza e na Educação traduz-se “*através da repetição, de forma exata e indiscutível*”, (Sousa, 2007:33). A aceitação do produto final por parte do espectador vai depender da representação estar ou não a mais próxima do real.

Assim, neste modelo, a pedagogia que predomina é baseada na prática da cópia, assentando na imitação do que o mestre faz, no seu comportamento, tentando e procurando atingir o seu nível de perfeição e qualidade. O processo de aprendizagem tem como ideia base o domínio correto e perfeito da técnica, desenvolvida pelos mestres, numa racionalidade tecnológica. O professor é um técnico que domina, aplicando “...um conjunto de técnicas legitimadas pelo avanço do conhecimento científico, produzido por especialistas. Técnico eficaz, capaz de tomar decisões e resolver problemas, com base no pacote preestabelecido de regras de sucesso, com vista à maior produtividade possível.” (Sousa, 2007:106-107).

3.1.2 Modelo Pragmático-Social-Reconstrucionista

O modelo pragmático-social-reconstrucionista, está relacionado com o movimento de reconstrução social, tendo como base um pensamento de Educação progressista, definido por Dewey no início do século XX, em meados dos anos 30, durante a Grande Depressão. Zeichner defendia a orientação para a investigação, refletindo sobre a prática desenvolvida.

No âmbito da Arte e da Educação traduz-se num significado instrumental, o indivíduo intervém na realidade que está em constante mudança. A arte é um meio ou ferramenta e não um fim, é um “...instrumento poderoso para mudar a vida do homem ordinário.”, (Melvin Haggerty, 1935, citado por Efland, 1995:37, tradução pessoal) contribuindo para atuar na sociedade, na comunidade em diversos contextos sociais, desenvolvendo a teoria pragmática na Educação Artística. Não obstante, surge uma controvérsia, a existência de uma grande dependência da arte em relação às restantes disciplinas. Contudo a interdisciplinaridade desenvolvida desta forma, como método de trabalho e cooperação entre pares, torna-se uma mais-valia no processo de ensino. A pedagogia assenta no método de resolução de problemas e “...situações próximas do dia-a-dia em que o conhecimento sobre Arte atua como um potencial instrumento de resolução.”, (Silva, 2010:18) originando uma “...reatualização constante do conhecimento.”, (Sousa, 2007:23). O processo de aprendizagem centra-se na construção progressiva e contínua, através das experiências que são vividas, podendo desta forma reformular o conhecimento adquirido com base na análise dos resultados obtidos, “...possibilitando novas experiências geradoras de aprendizagens.”, (Sousa,

2007:23), pois a Arte tal como tudo o resto deve adaptar-se à mudança que vai ocorrendo ao longo dos tempos. O professor será” *...um ativista, pessoa comprometida com o seu tempo e responsável pelo futuro da sociedade, determinado pelas suas acções.*”, (Sousa 2007:113), pois passa da passividade do pensamento para ação, refletindo, interrogando-se sobre a prática que desenvolve, adquirindo, estruturando e consolidando o conhecimento apreendido.

3.1.3 Modelo Expressivo-Psicanalítico

O modelo expressivo-psicanalítico é o reflexo das teorias da Psicanálise e da Psicologia do Desenvolvimento, e inicia-se no princípio do século XX, designada também como movimento da Expressão Livre e Educação pela Arte, que teve como precursores os pedagogos Herbert Read (1893-1968) e Viktor Lowenfeld (1903-1960).

Na Arte e na Educação o enfoque é o indivíduo, dando primazia ao inconsciente ao emocional da personalidade para as ações do indivíduo. O artista é o fruidor, um ser único, que se destaca dos demais e a sua originalidade é valorizada nas obras que realiza. Segundo Lowenfeld & Brittain “*...uma obra de arte não é a representação de uma coisa, mas a representação das experiências que temos com essa coisa.*” (Lowenfeld & Brittain, 1970:81).

Harold Rugg e Ann Schumaker, dois educadores progressistas criam uma escola em que o centro é a criança, definindo o seu método pedagógico por “*auto-expressão criativa*” (Efland, 1995:36), revelando um interesse na análise da Arte Infantil, sendo pela primeira vez considerada importante como parte integrante do indivíduo. O processo de aprendizagem centra-se na experimentação de coisas e técnicas diferentes, expressando-se livremente, produzindo artefactos originais, desaconselhando-se a cópia, construindo deste modo o seu percurso artístico de forma criativa e peculiar, devendo, “*...estar aptos a usar nossos sentidos livremente de uma forma criadora, e a desenvolver atitudes positivas em relação a nós próprios e aqueles que nos cercam, para que essa aprendizagem seja eficaz.*”, (Lowenfeld & Brittain, 1970:27).

O professor é um personalista, pessoa única com todos os seus limites e possibilidades, que se compreende a si próprio e às relações que estabelece com o mundo. É um facilitador-orientador, “*...com aptidão para identificar as características especiais*

dos seus próprios alunos, criando condições que conduzam à aprendizagem” (Sousa 2007:109).

O professor respeita a individualidade dos alunos, procurando corresponder de modo diferenciado, sem interferir no potencial criativo do aluno, e este goza de plena liberdade de expressão essencial à criação, traduzindo-se numa aprendizagem geradora de conhecimento intuitivo, significado de uma construção pessoal, (Sousa, 2007:23), pois *“...o professor deve estar apto para identificar-se com os alunos com os quais está trabalhando.”*, (Lowenfeld & Brittain 1970:81).

3.1.4 Modelo Formal-Cognitivo

O modelo formalista-cognitivo concede à Arte um valor próprio e conhecimento específico, tendo como princípio pensamentos assentes em estudos científicos. Surge na década de 50 do século XX, no auge da Guerra Fria e num contexto sociopolítico nos EUA de forte competição internacional. Este momento originou uma reforma na educação, motivando uma organização curricular no ensino. Cria-se a necessidade de definir a Arte enquadrada numa disciplina, levantando posteriormente problemas de importância, de peso, entre as artes e as ciências, querendo erradamente estabelecer uma comparação entre estas duas grandes áreas.

O conhecimento é externo ao sujeito, este necessita de adquirir, entender e saber aplicar esse mesmo conhecimento, baseado em teorias formais e cognitivas que explicam a origem da criação, associado à capacidade de percepção, interpretação e compreensão. A pedagogia centra-se num conjunto de teorias de estrutura formal de que a arte é explicável, devendo existir uma linguagem própria e aprendível, a arte é conhecimento teórico como as restantes disciplinas que constituem o currículo. Psicólogos como Thorndike defenderam *“...este modelo com o intuito de dar à educação um sentido empírico mediante férrea organização do currículo.”*, (Acaso, 2009:95, tradução pessoal).

O processo de aprendizagem processa-se numa estrutura formal e linguagem própria. É necessário aprender a técnica, como por exemplo, a textura, a cor, mas também como essa técnica é aplicada na obra de arte escolhida e se o objetivo do artista é conseguido em relação às escolhas que estabeleceu. Através deste modelo o aluno estaria

capacitado a exprimir-se, sabendo fundamentar a sua opinião e podendo criticar a Arte criada pelos demais. O professor é um mediador entre o aluno e a linguagem visual, tem uma visão da história Europeia-Arte-Erudita. O aluno necessita de adquirir este tipo de linguagem visual para dominar a área do conhecimento humano.

3.2 O ensino das Artes Visuais

3.2.1 A importância da Educação Artística

A necessidade de criar, fazer, contemplar, construir é inerente ao ser humano desde a mais tenra idade. A Arte está presente no percurso de vida do ser humano, independentemente das diversas culturas, fazendo parte da natureza do ser humano, sendo assim, coloca-se a questão:

- Qual é a dificuldade de entender que a Arte deve possuir um papel preponderante na sociedade?

Quando existe uma mudança no contexto da arte, subjacente a esta, também a cultura muda, e com essa renovação, surgem novas apreciações estéticas promovidas por artistas visuais. Nesta linha de pensamento uma “escola sensível” e atenta ao que se passa fora do seu núcleo espacial deveria trabalhar no sentido de equacionar o espaço curricular onde se incluem os conteúdos, as práticas e, o que acontece “lá fora” e “agora”, (Charréu, 2009:31).

A Arte será um meio para atingir o conhecimento, quando a prática artística origina uma reflexão, aprofundando as suas causas, sendo utilizado no desenvolvimento de capacidades expressivas, criativas e técnicas de cada aluno.

De acordo com Hickman (2005), a vontade do ser humano para se exprimir é universal – ao longo da história e em qualquer parte do mundo, existem manifestações de expressões artísticas – expressões e práticas artísticas influenciadas pela cultura e sociedade onde estas se manifestam. Tomando este pressuposto como verdadeiro, os critérios com que se julga a arte e o que é belo tornam-se flutuantes e culturalmente determinados.

Conforme McFree (1986), citado por Hickman (2005), a cultura tem continuidade, tem importância, diferencia, organiza, e comunica quando a arte é legitimada, e a arte por sua vez adquire o seu significado e estrutura o que é concedido pela cultura.

Considera-se pois, que a prática artística é fundamental para o ser humano e para o seu desenvolvimento cultural. Contudo, importa reunir as condições certas para que estas se concretizem.

Na atualidade a escola assume este papel, de criar estas condições promotoras de climas propícios à aprendizagem e práticas artísticas. Da mesma forma que todos têm aptidão para usar a linguagem, detém-se também a capacidade criativa e o prazer da experiência estética (Hickman, 2005:133), sendo que a vontade artística advém da experiência estética, em que o significado é sentido, respondendo a uma criação.

Neste sentido, como professora/formadora surgem várias questões:

- De que forma se poderá orientar o processo criativo, qual o percurso a seguir?
- Que perspectiva será melhor seguir?
- A nossa ou a dos alunos?
- Como relacionar as aprendizagens com o quotidiano, com as suas vivências e experiências?

Pensa-se que para o aluno o melhor percurso a seguir é proporcionar oportunidades de experienciar, criando as suas próprias opiniões, experiências, contextualizando-as no seu quotidiano, de forma a construir significados relevantes, possibilitando a ação e assim promover o desenvolvimento da capacidade de resolver o problema que surjam em cada momento, em cada situação.

Acredita-se e concorda-se com Barbosa (2010), ao defende que a Arte e a Cultura Visual, no âmbito escolar devem ser ambas contextualizadas de forma vivencial, social e historicamente.

Ainda de acordo com Hickman (2005), de uma maneira geral, as pessoas revelam um desejo interior de desenhar, pintar e construir coisas, que na maior parte dos casos também surgem apoiadas pela família, escola e comunidade. Esse desejo, ou vontade nem

sempre se sustenta de uma paixão intrínseca, pois necessitará de apoio e de educação para se desenvolver.

A capacidade artística também pode ser considerada uma característica inata no ser humano, como por exemplo o desejo, a necessidade, o potencial de criar e construir, estabelecendo à partida que esse desenvolvimento surge num determinado contexto e cultura, suportado pela sensibilidade, interesse e motivação intrínseca.

Quanto ao desenvolvimento, este não se concretiza de forma igual em todos e por esse motivo pressupõem-se e constata-se que no universo escolar os alunos não aprendem da mesma forma, nem ao mesmo ritmo, sendo necessário tempo para apreender e amadurecer ideias, conceitos e conhecimento.

3.2.2 A prática artística

Com a Arte e através desta o ser humano tem e sente a possibilidade e necessidade de comunicar e materializar ideias de si para si e de si para os outros, possibilitando conhecer-se e conhecer os outros. Aprender através da arte *“faz-nos reparar no mundo”* (Eisner, 2002:18, tradução pessoal), autodescobrindo-nos numa perspetiva consciente.

De acordo com Eisner (2002:3, tradução pessoal), criar, torna-se mais do que atingir um objetivo, uma vez que surge de forma a expandir as consciências, modelando a personalidade, satisfazendo a procura de significado, estabelecendo contato com o exterior, com o que nos rodeia e partilhando culturas.

O autor Hickman (2005) defende que o envolvimento em produções artísticas habilita o ser humano a aprender de forma verdadeiramente significativa, proporcionando diversos tipos de aprendizagem como sentir, fazer, observar e pensar.

Na perspetiva de Barbosa (2012), adquire-se e desenvolve-se a perceção de todas as coisas através da aprendizagem da atividade artística, tornando-nos críticos e desenvolvendo a criatividade – capacidade de arranjar novas soluções – por forma a intervir na sociedade, na comunidade, fazendo realmente a diferença, ajudando a preparar, organizar e desenvolver a inteligência do ser humano.

Com o objetivo de conhecer e situar-se o grupo etário (turma em estudo), pensou-se que seria importante conhecer a fase de desenvolvimento em que se encontram. Assim,

recorreu-se a Herbert Read para conhecer as capacidades e competências dos alunos nesta faixa etária no que diz respeito aos conteúdos que fazem parte da unidade de trabalho apresentada e desenvolvida nesta investigação.

3.3 Herbert Read e as fases de desenvolvimento da criança/jovem

No sentido de se preparar a apresentação do projeto pedagógico (Capítulo IV) recorre-se a Herbert Read (2007:147) quando este faz referência aos conteúdos (bidimensional e tridimensional) na fase do realismo visual, quando a criança entre os 9-10 anos, passa do desenho de memória e imaginação para o desenho de natureza, em duas fases:

- Fase bidimensional – onde usa apenas o contorno.
- Fase tridimensional – procura a consistência.

A criança começa a dar atenção à sobreposição e à perspetiva, aventurando-se nas sombras e paisagens.

Neste sentido, no desenvolvimento da unidade de trabalho, procurou-se que os alunos com idades compreendidas entre os 13 e os 15 anos “viajassem”, umas vezes de forma implícita e outras de forma explícita, por estes conteúdos no sentido de construírem o seu percurso, os seus significados, interagindo com o meio familiar, escolar e comunitário. Assim, optou-se por apresentar as várias fases de desenvolvimento da criança e do jovem para melhor se compreender as características dos alunos alvo deste estudo.

3.4 Etapas do desenvolvimento do Jovem

“O primeiro requisito de qualquer civilização que tenha pretensões a possuir valores culturais é a criação de um sistema de educação e ensino que seja capaz, não apenas de preservar a sensibilidade natural da criança, mas de fazer dela a base do desenvolvimento mental.” (Herbert Read, 1893-1968).

Para se caracterizar o grupo alvo deste estudo recorreu-se à idade do raciocínio (fase pseudonaturalista, 12-14 anos) de Herbert Read. Assim, esta fase inicia o período do raciocínio e o fim da arte, como atividade espontânea, caracterizando-se por transformações muito rápidas. Existem mudanças na forma de representar a figura humana, com uma maior conscientização e inquietude pelas transformações a nível físico,

manifestando uma maior atenção pelos detalhes, com especial atenção às roupas, penteado e traços fisionômicos. Sentem um choque, ao perceberem discrepâncias entre o sentimento de serem adultos e a apreciação dos seus produtos artísticos, como coisas infantis. Por outro lado, a caricatura é um meio de expressão para alguns jovens, com uma forte aproximação à sátira e uma fuga à mera expressão naturalista.

A representação tridimensional é muito apreciada pela maior parte dos alunos, que remete para o conhecimento da perspectiva e da, representação do espaço em profundidade. Esta é uma experiência que deve resultar da descoberta e não ser imposta ou apresentada pelo professor.

O professor de arte tem, efetivamente, um papel importante no desenvolvimento individual da expressão. Uma aula de arte deve proporcionar e ter um ambiente emocionalmente livre e flexível, embora de forma apoiada, promovendo atitudes e experiências.

A faixa etária dos jovens integrados na Prática de Ensino Supervisionada (13 anos), antecede a idade que define a sua vocação, pois como Read (2007:275), refere *"...a vocação só deve ser definida e seguida por uma criança com idade maior a 14 anos)*. Desta forma, optou-se por realizar um conjunto de atividades que permitiriam experienciar diversas matérias e materiais. Um outro aspeto relevante neste processo de aprendizagem recai na forma como o professor assume o seu papel, demonstrando interesse e entusiasmo pela própria experiência artística, envolvendo os alunos na sua prática pedagógica.

Conforme o jovem vai evoluindo, transformando-se num adulto, também devem mudar os currículos no âmbito das artes visuais, pois torna-se necessário fazer adaptações no sentido de ir ao encontro dos interesses dos alunos.

O Quadro 7 apresenta a abordagem de Read e Lowenfed & Brittain relativas às etapas de desenvolvimento dos alunos 8.º ano, de um modo geral. Também parece pertinente referir a V etapa de Herbert Read por corresponder aos conteúdos abordados na disciplina de Atelier de Artes.

Quadro 7: Algumas etapas do desenvolvimento do jovem por: Read, Lowenfeld & Brittain.

Autor	Read		Lowenfeld & Brittain.
Fases de desenvolvimento do desenho das crianças	A arte das Crianças (total de VIII etapas).	Sistema Educação (IV fases, processo contínuo. Várias fases da idade e da maturação).	A arte das crianças.
	V Etapa – Realismo Visual – 9 aos 10 anos. Duas fases: <ul style="list-style-type: none"> • Bidimensional-contorno; • Tridimensional-consciência do real, toma atenção à sobreposição e perspectiva e aventura-se nas sombras e paisagens. 	II fase primária – dos 7 aos 14 anos, puberdade. Fase primária/fase de projetos.	V Etapa – dos 12 aos 14 anos – 2.º Ciclo. Idade do raciocínio, toma consciência do seu “eu”, torna-se crítico em relação às suas produções artísticas.
	VI Etapa – repressão – dos 11 aos 14 anos. Acontece mais perto do 13 anos, o processo de reprodução de objetos é mais cuidadoso, demorado e também pode surgir maior desilusão pelos resultados o que o leva a optar pela expressão pela linguagem. Os seus desenhos são mais convencionais evitando a representação da figura humana.		VI Etapa – dos 14 aos 17 anos – 3.º Ciclo e Ensino Secundário. O jovem está consciente do saber e fazer artísticos, seleciona percursos criativos e reflete sobre eles e no resultado final.

Fonte: Retirado Read (2007:147 e 277) Lowenfeld & Brittain (1970:302 e 337).

Relacionando as finalidades (Quadro 7) e as Metas Curriculares das disciplinas de Atelier de Artes e de Educação Visual (Quadro 8), decidiu-se apresentar de seguida a meta curricular e respetivos descritores correspondentes ao conteúdo bidimensional e tridimensionalidade da disciplina de Educação Visual.

3.5 Metas Curriculares de Educação Visual do 3.º ciclo e as finalidades da disciplina Atelier de Artes

A unidade de trabalho desenvolvida “*Da ação nasce o objeto: Exploração Plástica em Ecodesign*” numa turma de 8.º ano, teve como orientação os domínios de referência, objetivos e descritores de desempenho “...*facultando vivências de diferentes*

universos visuais” que se articulam em quatro domínios, que relacionados permitem desenvolver conhecimento ao nível da: (Cruz & Cunha & Felix, 2012:3):

- Técnica;
- Representação;
- Discurso;
- Projeto.

No Quadro 8 são apresentados os objetivos gerais referentes aos conteúdos da bi e tridimensionalidade (CD-ROOM – Anexo A11) da disciplina de Educação Visual que também estão presentes nas finalidades do Atelier de Artes:

Quadro 8: Planificação da disciplina de Educação Visual que se pretende interrelacionar com as finalidades do Atelier de Artes.

Metas Curriculares Educação Visual – 3.º Ciclo		Representação R8
Objetivo geral (7)	Distinguir elementos de organização na análise de composições bi e tridimensionais.	
7.1: Identificar e analisar elementos formais em produções plásticas.		
7.2: Decompor um objeto simples, identificando os seus constituintes formais (forma, geometria, estrutura, materiais e outros).		
Objetivo geral (8)	Dominar tipologias de representação bi e tridimensional.	
8.1: Desenvolver ações orientadas para a representação bidimensional da forma, da dimensão e da posição dos objetos/imagem de acordo com as propriedades básicas do mundo visual decifradas através de elementos como ponto, linha e plano.		
8.2: Desenvolver capacidade de representação gráfica que reproduzem a complexidade morfológica e estrutural do objeto, decifrada através de elementos como volume e espaço.		

Fonte: Retirado Cruz & Cunha & Félix (2012).

Capítulo IV - Intervenção Pedagógica

4.1 Disciplina de Atelier de Artes

A disciplina de Atelier de Artes faz parte da oferta da Escola Secundária de Ferreira Dias. Esta disciplina, com uma periodicidade semestral, tem um projeto pedagógico orientado para o 3.º ciclo, mais concretamente para o 8.º ano de escolaridade e foi implementada pela primeira vez no ano letivo 2002/2003, e constitui-se por um 1 Bloco letivo semanal (90 minutos), perfazendo no 2.º semestre, num total de 1470 horas.

A planificação (apresentada no Quadro 9), elaborada pelo Grupo 600, tem como objetivo proporcionar uma opção artística no domínio das Artes Plásticas com uma forte integração da componente educativa, orientada para o desenvolvimento enquanto cidadão ativo, participativo, crítico, consumidor consciente e responsável.

A criação desta disciplina também tem como objetivo conduzir e ampliar conhecimentos e práticas nos domínios concretos do desenho, expressão plástica (escultura e pintura), técnicas de pintura e de impressão.

Os conteúdos e finalidades foram elaborados de acordo com as competências e grau de maturidade alcançados pelos alunos no 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico, tendo como objetivo principal as competências gerais e essenciais do domínio artístico que se devem desenvolver ao longo do 3.º Ciclo do Ensino Básico.

Considerando as Metas Curriculares da disciplina de Educação Visual, nomeadamente os conteúdos e áreas de exploração selecionados, foi possível articular de forma dinâmica as competências a desenvolver nesta disciplina com as competências a desenvolver no Atelier de Artes.

Pretende-se que os conhecimentos e a aprendizagem sejam integrados num contexto global, que utilizem a metodologia de projeto como uma metodologia facilitadora na promoção da autonomia dos alunos, baseada no entendimento dos problemas, na interiorização de conceitos e princípios, na procura de soluções gráficas e técnicas, no desenvolvimento de capacidades artísticas e técnicas e na transferência das aprendizagens a novas situações a partir da mobilização de saberes e de competências de forma sistemática.

Na didática da disciplina de Atelier de Artes não se pretende somente a apropriação de conteúdos informativos, mas pressupõe o desenvolvimento de competências conceituais, procedimentos e atitudes estruturais de um pensamento e ação artística enquadrados por uma sólida cultura visual.

Quadro 9: Principais finalidades da disciplina de Atelier de Artes (planificação anual – CD-ROOM - Anexo A2).

Principais finalidades da disciplina de Atelier de Artes:
<ul style="list-style-type: none"> - Sensibilizar para a obra de arte; - Identificar conceitos em obras artísticas; - Reconhecer através da experimentação plástica, a arte como expressão do sentimento e do conhecimento; - Estimular o saber fazer; - Aplicar conhecimentos a novas situações; - Adotar tecnologias personalizadas de trabalho e de aprendizagem adequadas aos objetivos visados; - Usar adequadamente linguagens das diferentes áreas do saber cultural, científico e tecnológico para se expressar; - Desenvolver a motricidade fina na utilização de diferentes técnicas artísticas; - Procurar soluções originais, diversificadas, alternativas para os problemas; - Adotar estratégias adequadas à resolução de problemas e à tomada de decisões; - Reconhecer as propriedades dos materiais; - Relacionar as propriedades dos materiais com as suas utilizações; - Compreender através da representação das formas, os processos subjetivos à perceção do volume; - Aplicar a cor nas suas experimentações plásticas; - Realizar atividades de forma autónoma, responsável e criativa; - Cooperar com outros em projetos e tarefas comuns.

Fonte: Departamento Expressões, Grupo 600. Planificação anual da disciplina de Atelier de Artes, Grupo 600, ESFD.

O programa da disciplina de atelier de Artes constitui-se por um conjunto de 24 Blocos, 16 lecionados no 1.º semestre e os outros 16 lecionados no 2.º semestre, num total de 2940 horas. Estes poderão ser adaptados, articulados e geridos de acordo com as necessidades da turma, escola, comunidade, tanto na ordem de leção, como no que diz respeito ao número de horas por Bloco.

Para desenvolver o projeto “*Da ação nasce o objeto: Exploração Plástica em Ecodesign*” pensou-se que seria pertinente abordar o artista Jackson Pollock (1912-1956) relacionando-o com o gesto, o movimento expressionista abstrato, o conceito ecodesign, a origem da ganga, os 3Rs da reciclagem e a transposição didática de todos estes conceitos.

4.2 O artista Jackson Pollock e o gesto – enquadramento didático

“A origem da minha pintura é o inconsciente.”
(Jackson Pollock, citado por Silva, 2012:22)

Considerou-se, tal como Mendes & Gunzi (2009:34) refere, que “...o gesto é inerente ao ato de desenhar e pintar.”, e assim também será inerente ao ato de costurar, sendo assim a intenção do ator/artista/aluno só se concretiza por meio da ação motora, sendo que, o braço e a mão, tornam-se num prolongamento da ideia na realização da sua intenção, tal como se pode observar na obra do artista Jackson Pollock (Figura 66).



Figura 66: Jackson Pollock e o gesto.

No gesto/ação do artista percebe-se uma interdependência entre a intenção e o gesto (da mão e/ou do braço) que executa o traço. O artista pretende algo, mas esse algo não é possível concretizar-se sem o seu corpo: “...é ele que dá vazão ao desejo e, nesse sentido, existe a relação do corpo no fazer.”, (Mendes & Gunzi, 2009:34), o próprio corpo envolvido no ato de pintar, no ato de costurar e na ação de desenhar.

A pincelada e o coser, o alinhar, são testemunhos precisos do gesto, que remete para o movimento e a intenção ao mesmo tempo. Considera-se possível estabelecer uma relação entre o ato de costurar/pintar e o ato do artista, como experiências que necessitam de um esforço físico para materializar e concretizar o trabalho e nesse sentido, a costura depende do corpo, como um esforço muscular pleno de vontade.

O ato de costurar, pode parecer um ato indiferente, mas não é, não é um ato mecânico vazio de intenção, pois o sentido permanece nele mesmo, e o foco mental de atenção desmaterializa-se na condensação do esforço focalizado (Derdyk, 1997, citado por Mendes & Gunzi, 2009:34), assim como a obra do artista Pollock, as linhas e as manchas compõem o corpo do trabalho, carregando de vitalidade o gesto, voluntário e involuntário, em simultâneo, “...nelas estão contidas as ideias, vontades e preguiças do artista.” (Mendes & Gunzi, 2009:34).

O ato de costurar, de alinhar, de colocar o molde sobre a ganga, seguem um percurso rumo ao conhecido, ao objeto final, ao contrário de desenhar e pintar que caminham rumo ao desconhecido, como refere Flávio Gonçalves (citado por Mendes & Gunzi, 2009: 35), no texto “Um percurso para o olhar”, pois percorrem caminhos que só poderão ser vivenciados durante a sua trajetória, não existindo a possibilidade de antecipar a experiência, já que constituem-se no próprio andar do lápis sobre o papel ou da pincelada sobre a tela, uma vez que a “...ação é permeada desse caráter de incerteza que só a experiência do gesto restaura” (Gonçalves, 2002:2, citado por Mendes & Gunzi, 2009:35).

4.2.1 Jackson Pollock e o movimento expressionista abstrato

Os Estados Unidos da América na década de 1950 do século XX, foram palco de uma série de manifestações culturais, contrariando o estilo de vida que a sociedade americana vivia. Estas explosões criativas, bem como, os focos de contracultura influenciaram inúmeros artistas, por estarem marcados pelo culto do espontâneo, característica essa que fazia parte da nova estética e improvisação, indicando um novo percurso seguido por diversas manifestações artísticas da arte ocidental, sendo um deles, o Expressionista Abstrato de Jackson Pollock (Muggiati, 1984, citado por Ruzzarin & Rucker, 2014:3).

Pollock ao utilizar o “...método do automatismo psíquico demonstra a proximidade.” com o Surrealismo (Ruzzarin & Rucker, 2014:4). Charles Harrison (2000:146) afirma que o “automatismo”, significava qualquer procedimento empregado como um meio para “evitar” o controlo sobre a composição”, sendo esta, uma referência primordial, para a técnica que Pollock viria a chamar de *drip-painting*.

A obra do artista americano Jackson Pollock, está associada ao movimento expressionista abstrato, ao *action painting*, ao *drip-painting/dripping*. Os pressupostos deste movimento/tendência, apesar de estarem ligados ao surrealismo, parecem ainda mais próximos da ideia/execução de livre improvisação, designação inventada e defendida pelo crítico de arte do The New Yorker, Robert Coates, situando neste contexto, para além de Jackson Pollock, Willem de (1904-1997) e Mark Rothko (1903-1970).

Para Pollock a pintura não deveria ser a representação de algo, devendo ser encarada como a representação de uma coisa em si bidimensional. Pollock refere que:

“A minha pintura é direta... O método de pintar é o crescimento natural a partir de uma necessidade. O que eu quero é expressar os meus sentimentos, não ilustrá-los. A técnica é apenas um meio de se chegar a uma declaração, um depoimento. Quando estou pintando tenho uma noção acerca do que me proponho realizar. Posso controlar o fluxo de tinta: não há nenhum acidente, assim como, não há começo nem fim.” (Pollock, 1951, citado por Harrison, 2000:147).

A ideia de “automatismo” e fluxo do inconsciente manifesta-se na criação dos pintores do expressionismo abstrato, de uma forma diferente da observada no surrealismo. O que surge são imagens figurativas e simbólicas e não imagens oníricas do inconsciente como no surrealismo. Veem-se imagens abstratas, composições de cores e tintas entrelaçadas sobre uma tela, expandidas pelo gesto, à primeira vista “impensado” do pintor, mas através de um olhar mais atento, poderíamos identificar uma intencionalidade implícita em algumas obras. Pollock acreditava que através do processo de “pintar sem pensar” que era possível atingir um nível mais profundo da consciência de comunicar algum aspeto ou gesto vital da condição humana (Spring, 1998:74).

Para o crítico Harold Rosenberg, inventor da expressão *actionpainting*, a pintura dos expressionistas abstratos representava “...uma forma de ação e essa ação era mais significativa que o resultado do quadro.” (Ermmerling, 2003:47).

4.3 Ecodesign: como conceito

4.3.1 Reutilização de gangas

O Ecodesign refletido na reutilização de gangas, foi um conceito utilizado para o desenvolvimento das atividades planejadas para este estudo. A introdução de vestuário de ganga, nomeadamente as calças como suporte para a pintura em tinta de acrílico-tinta de tecido, utilizando a técnica de *dripping-actionpainting*, tem como finalidade consciencializar os alunos para uma diversidade de matérias primas (re) utilizáveis no quotidiano de cada um.

O objetivo do Ecodesign é a conceção de produtos que respeitem o meio ambiente, quer isto dizer, que tenham menos impacto ambiental. Neste caso, sensibilizou-se os alunos para o vestuário de ganga devoluto, ajustado à prática da desconstrução de uma peça para a construção de outra, onde o agente dessa reconstrução é o utilizador. Associado a todo este processo foi introduzido uma outra característica relevante e emergente, o “DIY” (“Do it yourself”), que evoluiu com a oferta crescente de produtos e serviços disponíveis em solucionar os nossos problemas, (re)descobrimo uma nova utilização para um objeto, de acordo, com as vivências e experiências individuais.

De acordo com Ellen Lupton (2006:21), a evolução do DIY está associado, fundamentalmente, a três fatores:

- Ao aumento de pessoas que desenvolveram níveis elevados de conscientização em design e alfabetização visual (em áreas como o letterings, mobiliário – IKEA).
- Ao acesso à publicação e procura de ferramentas *Do-it-yourself*, disponíveis para as pessoas fazerem e (com)partilharem, nos seus meios de comunicação.
- Ao fato dos consumidores (pelo menos grande parte deles), terem o desejo de querer ser menos dependentes do império das grandes marcas preferindo (re)direcionar o movimento de consumos para fins próprios.

A posição de consumidor, que neste caso concreto foi assumida pelos alunos, ao tomarem contato com o processo de Design, reconhecidamente constitui-se como uma ferramenta, desempenhando paralelamente um papel social, que influenciará na decisão

do que quer construir e/ou utilizar. Esta adesão pode ter como base razões financeiras e até funcionais mas, o fato é que as pessoas gostam da sensação de tornarem real uma ideia e a poderem partilhar com os outros, tornando-se protagonistas do seu modo de ser, estar e viver.

Os termos “Design sustentável” ou “Produção Sustentável”, são utilizados por muitos autores quando se referem ao Ecodesign, que significam uma mudança de mentalidade, baseada no ato de projetar produtos, cuja preocupação se reflete no ambiente e todo o seu ciclo de vida, com o objetivo de evitar ou diminuir agressões ao ecossistema. Na procura, da correta utilização, da seleção adequada dos materiais ou na escolha dos processos de fabricação, pretende-se estimular e promover (re) utilização, desmontagem e reciclagem dos materiais e produtos, para que desta forma, quando se aplica e pratica o conceito do Ecodesign, se procure reduzir o desperdício e a poluição ambiental, *“...promovendo a resolução do conflito entre o desenvolvimento econômico e as questões referentes à preservação da natureza.”*, (Cândido, 2008:18).

4.3.2 A ganga

No Dicionário da Língua Portuguesa, a definição de Ganga, expressa-se como *“...um tecido de algodão, muito resistente, geralmente azul, usado originalmente só na roupa de quem trabalhava em oficinas e fábricas e que, hoje, se emprega também na confeção de outras peças de vestuário.”*. O termo “Ganga” tem origem no oriente, entre a China e a Índia. Este termo tão utilizado em Portugal, está também relacionado a um tecido de cor amarelada ou azul. Esta cor azul, usada como corante, é extraída do índigo, cuja origem é do Oriente, destino de proveniência do tecido ganga, desde a época das grandes navegações.

4.3.3 Reduzir, reutilizar, reciclar (3rs)

No Ecodesign de produtos, existe uma outra abordagem possível, que consistindo na aplicação dos três verbos, reduzir, reutilizar e reciclar, também conhecidos pelos “3Rs”. Nesta trilogia constituem-se as ações, cada vez mais crescentes e praticadas pelas empresas quando elaboram os seus produtos, com objetivo de melhorar as

condições ambientais, originando consequentemente, uma qualidade de vida. Esta prática dos “3Rs”, fundamenta a construção de um novo comportamento e atitude perante o ambiente natural e os seus recursos renováveis, sobretudo os não-renováveis, resultando no ciclo de vida das matérias-primas, bem como, dos produtos derivados das mesmas.

O presente trabalho, assume-se com uma grande proximidade aos “3Rs” relacionando com a obra do artista Jackson Pollock, que na prática se concretiza pela reutilização de peças de ganga, que procura uma nova identidade através da redução e utilização de desperdícios, oriundos de sobras de materiais descartados pela indústria, que neste caso concreto foi fornecido pela empresa “Modelos Guanabara” (fábrica de fardas-Cacém).

Segundo Kindlein Junior (2002), o primeiro “R” de reutilizar tem como significado utilizar novamente os sistemas e subsistemas dos produtos na sua forma original, incluindo também a reutilização dos materiais descartados para a utilização/fabricação de outros produtos. Quanto ao segundo “R”, de reduzir, tem como finalidade processar determinados produtos (sistemas e subsistemas) novamente, não sendo obrigatoriamente como da forma origina.

Finalmente o terceiro “R”, de reciclar consiste, no aproveitamento dos produtos descartados, os materiais que podem ser utilizados nas indústrias como matéria-prima para a fabricação de novos produtos.



Figura 67: Trilogia constituída pela obra do artista, a reutilização, a redução e a utilização.

Neste sentido concorda-se com Cândido (2008:23) quando diz que a:

“Reutilização dos materiais tem como principal foco, eliminar o resíduo gerado pelos produtos atualmente existentes, a redução tem como foco, atuar no projeto de futuros produtos para que ocorra a diminuição do uso de matérias-primas, e a reciclagem, de auxiliar na redução do desperdício de material através da sua reutilização.”



Figura 68: Esquema dos 3Rs.

Fonte: Adaptado de Kindlein Júnior, citado por Cândido (2008:24).

4.4 A Didática do Atelier de Artes

Ao longo do percurso escolar e acadêmico, com o objetivo de construir uma identidade de professora e simultaneamente de formadora, ficou claro o valor e a utilidade de determinados objetos, utensílios e materiais, o que permitiu chegar a diferentes constatações e, a consolidar conhecimentos, sendo que o conhecimento sofre “...um conjunto de transformações adaptativas que levam a tomar lugar entre os objetivos de ensino. O trabalho em tornar um objeto do saber sábio em objeto do saber ensinado é denominado por *Transposição didática*.” (Siqueira & Pietrocola, 2006:2).

Como refere Mello (s/d), “...esses objetos do conhecimento não entram na escola em estado bruto, eles têm de ser transformados em objetos de ensino. A essa passagem damos o nome de *transposição didática* — talvez a mais nobre e complexa tarefa do professor.”

Ainda, segundo Mello, para se fazer a transposição didática é necessário considerar-se:

- Os *objetivos* e *valores* educativos da escola.
- A *idade* e *situação* sociocultural dos alunos.

- Os *recursos disponíveis* para se ensinar, aprender e avaliar.
- As *expetativas* da família e da sociedade.
- As *questões* da sociedade – estão aí incluídas, integradas nas práticas da cidadania e o mundo do trabalho.
- O *universo cognitivo e afetivo* dos alunos, bem como, os desafios que enfrentam para se desenvolverem.

Ao longo do ensino e aprendizagem, percebeu-se que algumas matérias são mais facilmente apreendidas que outras levantando algumas questões:

- Porque é que isto acontece?
- Como é que a transposição didática é facilitadora da aprendizagem?

Enquanto professora e formadora, procurou-se associar objetos de diferentes proveniências, para que os alunos tivessem pontos de referência e pudessem relacioná-los com o conhecimento transmitido, reforçando a ideia de que “...*uma transposição didática bem-feita permite que conhecimentos construídos em outros tempos e espaços possam ser reconstruídos, compreendidos e aplicados no contexto (espaço) em que aluno e escola estão inseridos agora (tempo)*” (Mello, s/d). Outra vantagem que convém referir, prende-se com uma futura aplicação desses conhecimentos, que permitirá restabelecer novas associações, de forma contextualizada ou descontextualizada.

No projeto em causa, “*Da ação nasce o objeto: Exploração Plástica em Ecodesign*”, ao associar-se estas duas vertentes, pretendeu-se, não só lecionar conceitos, como também despertar o interesse e a motivação dos alunos para questões atuais, como o Ecodesign e a sua prática, através de um caso prático.

Neste sentido, foram elaborados dois PowerPoint (Anexos 6 e 7; CD-ROOM – Anexos A12 e 13) e desenvolvidos diversos objetos (Figura 71), tendo como ponto de partida a proposta sugerida aos alunos; *actionpainting* e *ganga* (Figuras 69 e 70), pois ao disponibilizar-se “objetos de conhecimento” estes tornam-se “objetos de ensino” contribuindo desta forma para um ensino-aprendizagem significativo, criando a oportunidade de consolidarem e desenvolverem aprendizagens de forma “marcante para toda a vida” (Souza, 2007:112), acreditando-se que o processo de ensino-aprendizagem tenha acontecido de forma satisfatória. (Figuras 72, 73, 74 e 75).



Figuras 69 e 70: Exemplificação da técnica e do painel didático.

A recriação de objetos a partir de desperdícios também eles carregados de significados promoveu a resignificação dos mesmos através da intervenção/ação a partir do discurso referido no Capítulo I.



Figura 71: Painel de fotografias de objetos didáticos.



Figuras 72, 73, 74 e 75: Capas para telemóvel e estojo.

Durante o desenvolvimento do projeto houve a percepção, tal como refere Guiomar Mello (s/d), que para desenvolver uma transposição didática eficaz, é necessário:

- Saber como funciona a aprendizagem em determinada área e articulá-la com determinados princípios gerais da aprendizagem;
- Selecionar e organizar o conteúdo;
- Distribuir o conteúdo no tempo, estabelecendo sequência, ordenamento, séries lineares ou não de conceitos e relações, etapas de análises, síntese e de avaliação formativa de acordo com as características dos alunos;
- Selecionar os materiais ou recursos pelos quais os conteúdos serão apresentados – textos, vídeos, pesquisa na web e outros;
- Selecionar e aplicar técnicas e estratégias de ensino.

Os objetos usados no ano letivo 2014/2015 podem ser reutilizados ou poderão constituir-se como referências, num outro processo de aprendizagem com outro público-alvo, bem como, num outro contexto, como por exemplo, no atual local onde a mestranda desempenha funções na OICSA (Obra da Imaculada Conceição e Santo António), onde desenvolve atividades com crianças e jovens em risco.

4.5 As metodologias de ensino e aprendizagem e a sua articulação

No decorrer do presente trabalho foram apresentadas, de forma contextualizada, as várias metodologias de ensino a aprendizagem (Anexo 2) utilizadas ao longo da leção da unidade de trabalho. Mediante as observações efetuadas no âmbito das aulas da professora titular (constantes do relatório realizado em IPP III), a ação do professor deve ser orientada e adaptada com:

- Os objetivos da aula;
- O tema a trabalhar;
- A técnica a aplicar;
- O ritmo de trabalho dos alunos;
- O conhecimento prévio que os alunos têm sobre aquilo que vai ser ensinado;
- A curiosidade intrínseca de cada aluno;

- Entre outros.

Neste sentido, as metodologias de ensino foram sendo aplicadas e adequadas de acordo com aquilo que foram as expectativas dos estudantes e da professora, no que concerne aos objetivos a atingir pelos alunos durante as aulas da unidade de trabalho. É importante referir que o professor deverá ser detentor de um reportório de metodologias de ensino diversificado e simultaneamente deverá ter o domínio do conhecimento científico e conhecer bem o estágio de desenvolvimento dos alunos (Capítulo III).

Perante a seleção das metodologias, há que obrigatoriamente, interliga-las e justificar a sua utilização num determinado contexto. Desta forma, quando se refere que se utilizou a *Pedagogia Expositiva Dialógica* (Anastasiou & Alves: 2004) tomando-a numa vertente crítica:

- Consegue transformar-se numa técnica que promove a atividade e a iniciativa dos alunos sem dispensar a ação do professor;
- Beneficia o diálogo entre professor e alunos, e dos alunos entre si, sem cair numa ação indulgente;
- E considera os interesses e experiências dos alunos sem desviar-se da sistematização lógica dos conteúdos previstos nos programas de ensino.

É indispensável que o professor promova a articulação entre o contexto educacional e a prática social, permitindo ao aluno (sujeito que aprende) a aquisição do saber organizado, a (re)elaboração desse saber e a produção de novos conhecimentos.

Considera-se que a aula expositiva pode perfeitamente assumir um caráter transformador por intermédio da troca de experiências entre professor e alunos, numa relação dialógica.

Os métodos demonstrativo e interrogativo, surgem naturalmente relacionados com o anterior pois exigem a participação e responsabilização dos alunos, permitindo estabelecer-se a complementaridade de outras técnicas e de outros métodos pedagógicos utilizados num processo de ensino.

Sendo a aprendizagem um processo que requer tempo, não havendo total controlo sobre o seu percurso, a principal exigência remete para uma grande flexibilidade da parte

do professor na aplicação das técnicas pedagógicas, na análise dos seus conhecimentos e ainda numa elevada capacidade de comunicação, valorizando o método demonstrativo.

Quanto à aplicação do *método interrogativo*, no âmbito da aprendizagem, este consiste, fundamentalmente, num processo de interações verbais, dirigidas pelo professor, normalmente do tipo pergunta-resposta. Este método tem como objetivo promover a descoberta e conceitos ou aquisição de conhecimentos e baseia-se no princípio de que se aprende por aprender, mas só se aprende bem o que se compreende.

O *método interrogativo* enquadra-se na área das pedagogias autoritárias, no entanto considera-se que a exigência de eficácia pode conduzir à motivação dos jovens. A interrogação tanto pode ser utilizada na aprendizagem de saber-fazer como na de conceitos. Aplica-se ao conteúdo de uma exposição ou demonstração. Assumem um papel particular no método interrogativo a competência na elaboração de perguntas, os processos de raciocínio indutivo e ainda o modo como se organiza a aprendizagem por descoberta.

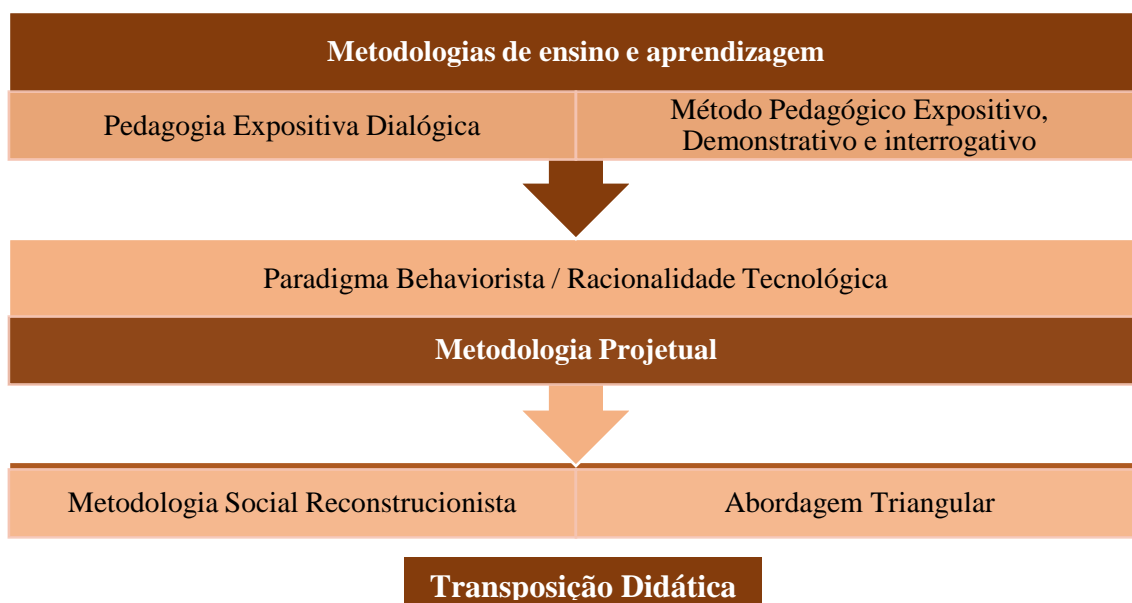
No paradigma behaviorista – racionalidade tecnológica, aprender significa revelar um comportamento adequado, aplicando o reforço positivo para o comportamento desejado e o negativo para o indesejado. A aprendizagem, de acordo com este paradigma, tem a finalidade de reforçar o comportamento e controlá-lo externamente. No que concerne à racionalidade tecnológica, a forma de transmissão do conteúdo é, sem dúvida, considerada mais importante que o próprio conteúdo e o aperfeiçoamento técnico é a base da formação do sujeito enquanto ser humano e cidadão do mundo.

Associar o modelo anterior, de natureza autoritária - centrado no professor, com modelos modernos e/ou contemporâneos centralizado no aluno, realiza-se de forma natural na relação pedagógica, pois interessa dotar o aluno de instrumentos diversificados de aprendizagem, integração social e flexibilidade.

Desta forma, a metodologia projetual como processo que permite desenvolver a capacidade de investigação e, por isso, obter respostas para questões colocadas durante o ensino e a aprendizagem. No paradigma social reconstrucionista, concebe-se o currículo como um veículo para promover nos alunos as habilidades necessárias para conceber novas metas e efetivar a mudança social.

Quanto à abordagem triangular, orienta-nos na conceção de um plano/planificação mais criativo e significativo. Dialogar com os alunos sobre a vida do artista (neste caso de Pollock), antes de apresentar a sua obra, estimula a curiosidade, e assim despertou-se o interesse dos alunos.

Quadro 10: Articulação das diversas metodologias.



4.6 Unidade de trabalho/planificação

Como referido anteriormente (Quadros 8 e 9), a planificação foi concebida pelo Grupo 600, de acordo com o documento das Metas Curriculares da disciplina de Educação Visual (CD-ROOM – Anexo A11) e as Finalidades do Atelier de Artes já referidas.

A professora cooperante esteve sempre presente durante a leção da unidade de trabalho, acompanhou a preparação da planificação das aulas contribuindo com sugestões prévias e à *postiori* em reuniões de reflexão sobre a leção dos conteúdos, desenvolvimento das aprendizagens e resultados obtidos.

No presente relatório considerou-se adequado, incluir observâncias contextuais dos alunos estudados (como fotografias das etapas e dos trabalhos dos alunos), ratificando o processo desenvolvido ao longo da unidade de trabalho “*Da ação nasce o objeto: Exploração Plástica em Ecodesign*”, informando o leitor sobre o desenrolar das ações

relativamente às etapas do processo de produção dos alunos, conteúdos dos trabalhos realizados e registos decorridos ao longo de todo o processo.

Foram registados em fotografia situações e momentos das aulas da Prática de Ensino Supervisionada, procurando integrar os alunos, solicitando que também fizessem esse registo. Não houve uma seleção de trabalhos, pois considerou-se que todos foram importantes.

A unidade de trabalho, como já referido, foi desenvolvida para alunos do 8.º ano de Escolaridade do Ensino Básico. O grupo de alunos, alvo desta investigação, encontra-se na fase da pré-adolescência, ou a fase da puberdade e da repressão H. Read ou na idade do *raciocínio* segundo Lowenfeld & Brittain (Quadro 7), que permite adquirir consciência do seu produto artístico e, consciência crítica, bem como a consciência do Eu e das suas limitações. No grupo de que fazem parte, tornam-se (muitas vezes) críticos severos dos seus próprios produtos artísticos.

Esta fase, de acordo com Lowenfeld & Brittain, antecede a do ensino secundário em que os alunos tomam consciência das suas transformações e do meio em que estão inseridos, que permite manifestar sentimentos e emoções, compreendendo o que é importante para si e para os outros tornando-se num meio de resolução criadora de problemas, não só no presente como no futuro.

Assim, como atrás mencionado, os objetivos gerais e descritores estão de acordo com a planificação do grupo disciplinar e as Metas Curriculares apresentadas no Capítulo III, Quadro 8, Planificação dos descritores e objetivos específicos da disciplina de Educação Visual referentes ao 8.º ano que se pretendeu entrecruzar com as finalidades do Atelier de Artes.

4.6.1 Métodos e instrumentos de recolha de dados

Foi necessário adaptar metodologias de ensino e aprendizagem, bem como as estratégias a utilizar, devido à diversidade de características individuais e o meio socioeconómico dos alunos, por forma a obter os melhores resultados na Prática de Ensino Supervisionada e na disciplina de Atelier de Artes.

Os alunos foram informados sobre o que se iria decorrer na Prática de Ensino Supervisionada, da monitorização do processo e dos resultados a obter como parte de um estudo investigativo. Todos se mostraram recetivos e disponíveis, tendo sido informados dos objetivos definidos relativamente à aprendizagem e à sua avaliação.

4.6.2 Descrição geral das condições de desenvolvimento da Prática de Ensino Supervisionada

O estudo realizou-se no 3.º período do ano letivo 2014/2015, envolvendo uma turma de 8.º ano de Escolaridade do Ensino Básico, da ESFD situada na freguesia de Agualva-Cacém (descrito no Capítulo II) incidindo numa turma da professora cooperante Manuela Galante.

As aulas da disciplina de Atelier de Artes, assim como as aulas da Prática de Ensino Supervisionada foram realizadas na sala D09 (r/c ao lado campo desportivo), sala que não está inserida em nenhum pavilhão, com algumas dificuldades para acondicionar os materiais adquiridos para a cooperativa do grupo 600 e trabalhos desenvolvidos pelos alunos. Foi necessário transportar sacos com os materiais, utensílios, máquinas e trabalhos em desenvolvimento, para a sala de artes 3.8 (3.º Piso), dificultando toda a Prática de Ensino Supervisionada, que exigia uma logística coordenada e organizada, de esforço físico e psicológico por parte dos alunos e das professoras todas as 5.ª feiras.

Os métodos e recolha de dados desta investigação tiveram como princípios:

- A observação participante;
- Os registos, as etapas desenvolvidas ao longo do processo do objeto, produzidos pelos alunos;
- Os objetos realizados individualmente pelos alunos.

A observação participante, foi iniciada, em fevereiro, com o objetivo de conhecer melhor o grupo de alunos que fariam parte deste estudo, tendo sido pedido nessa altura aos alunos que recolhessem material (vestuário de ganga) para a Prática de Ensino Supervisionada que iria ser proposto mais adiante, nas últimas seis aulas do ano letivo. Foi realizada uma observação e participação ativa, no ambiente de sala de aula, com o

objetivo de conhecer os alunos, que fariam parte do projeto *“Da ação nasce o objeto: Exploração Plástica em Ecodesign”*.

A observação e participação inicial permitiu estabelecer uma relação informal e assim uma comunicação recíproca, sobre as preocupações e questões, relacionadas sobre a Prática de Ensino Supervisionada *“Da ação nasce o objeto: Exploração Plástica em Ecodesign”*.

Procurou-se que a aproximação surgisse de forma natural e sistemática, possibilitando, desta forma, presenciar o empenho e motivação no desenvolvimento do processo e realização dos objetos, demonstrando aprendizagens significativas, transmitindo significado quantitativo/qualitativo sobre a satisfação em todo o processo aprendizagem.

A calendarização do projeto como unidade de trabalho lecionada decorreu no 3.º período do ano letivo 2014/2015. No Quadro 10 é apresentado o cronograma de ambientação na turma e recolha de material (vestuário de ganga) que decorreu de 5 março de 2015 a 29 de abril de 2015, bem como o processo de recolha de dados, de 7 de maio de 2015 a 11 de junho de 2015.

Quadro 11: Calendarização de ambientação e recolha de dados com indicação de técnica utilizada.

Ambientação e recolha de material (vestuário de ganga).	5 março de 2015 a 29 de abril de 2015 2.º e 3.º períodos
Técnica utilizada de recolha de dados.	
Observação participante.	De 7 de maio a 11 de junho de 2015 3º período
Registo realizado pelos alunos.	
Reflexão partilhada professora/alunos.	

4.7 Lecionação da unidade didática

“Escolhe um trabalho de que gostes, e não terás que trabalhar nem um dia na tua vida.”
(Confúcio, 551- 479 a.C.)

A disciplina de Atelier de Artes foi lecionada num único turno sendo constituída por 30 alunos, 10 do género masculino e 20 do género feminino (Capítulo II).

O módulo “*Da ação nasce o objeto – Exploração Plástica em Ecodesign*”, foi lecionado durante 530 horas, correspondendo a 6 Blocos num total de 12 aulas que decorreram às quintas-feiras, em 2 aulas de 45 minutos por semana, conforme indicado no horário da turma (Quadro 10).

A descrição das aulas será realizada tendo em conta as fases da metodologia de projeto, indicando-se o número de aulas correspondente a cada fase.

A pedido dos alunos foi lecionada mais uma aula às terças feiras (aulas extraordinárias), com o objetivo de realizar um acompanhamento mais personalizado para os que registaram mais dificuldades, ou para os mais curiosos em desenvolver experimentações ou experiências durante o horário curricular, tirando partido dos materiais e do processo de aprendizagem.


Quadro 12: Horário das aulas de Atelier de Artes – 8.º ano. (Fonte própria).

	2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira
11:45-12:30				A.A D09	
12:30-13:15				A.A D09	
14:25 – 17:15		*A.A 3.8			
* Aulas		*A.A 3.8			
extraordinárias		*A.A 3.8			

Para além da descrição das aulas lecionadas, os planos de aula poderão ser consultados em (Anexo II), incluem o sumário, indicação dos conteúdos programáticos, as competências e objetivos de aprendizagem, as estratégias de ensino, bem como os recursos a utilizar e referências à avaliação das aprendizagens.

Apresenta-se de seguida o enunciado da unidade de trabalho sob a forma de Quadro (Quadro 13).

Quadro 13: Enunciado da Unidade de Trabalho desenvolvida com a turma alvo desta investigação.

 <div>ESFD</div>		
Prof.ª Estagiária: Idília Silva Ano letivo: 2014/2015	Realização de um objeto - *DIY	3.º Ciclo do Ensino Básico Disciplina: Atelier de Artes - 8º ano.
Departamento Curricular – Expressões – Grupo 600 – Artes Visuais		
Enunciado da Unidade de Trabalho: <i>Da ação nasce o objeto: Exploração Plástica em Ecodesign</i>		
<ul style="list-style-type: none"> • Recolher vestuário em ganga que não seja utilizado (entre os familiares e os amigos). • Realizar um objeto, tendo como ponto de partida vestuário devoluto em ganga. • Escolher um objeto que possa ser útil no teu dia-a-dia, de entre 4 a 5 opções apresentadas: bolsa para telemóvel, estojo, esvazia bolsos, avental, capas agendas ou livros. • Realizar os moldes do objeto selecionado, utilizando papel reciclável. • Colocar os moldes sobre os retalhos de ganga e cortar as respetivas peças que vão compor o objeto. • Coser as várias peças, estruturando o objeto. • Realizar a pintura coletiva dos objetos em <i>drippind</i>. <p><i>*Do ityourself.</i></p>		
Etapas da realização		
<p>1ª fase: Descoser o vestuário de ganga.</p> <p>2ª fase: Escolher um objeto com que se identifique e que seja funcional no dia-a-dia.</p> <p>3ª fase: Realizar os moldes em papel (individual).</p> <p>4ª fase: Com os moldes, cortar as peças do objeto (realização individual).</p> <p>5ª fase: Estruturar e coser o objeto (realização individual).</p> <p>6ª fase: Realizar o efeito de <i>dripping</i> nos objetos (realização coletiva).</p>		
Material necessário		
<ul style="list-style-type: none"> • Vestuário de ganga. • Papel, lápis cravão, tesoura, X-ato, cola. • Linha, agulha. • Tintas acrílico, tintas tecido (Acrilex), pincéis, recipientes. 		
Tempo de realização: 6 x 90 min		
Avaliação: Criatividade; Pintura do projeto.		

4.7.1 Apresentação sumária das aulas lecionadas

1.ª Aula - [07 maio - 2 aulas, na sala 3.8]

Na primeira aula procedeu-se à apresentação do projeto com a introdução dos conteúdos programáticos e calendarização das tarefas a realizar, visionamento de dois *PowerPoints* (CD-ROOM – Anexos A12 e 13).

No primeiro é realizada a contextualização do projeto referindo o artista Jackson Pollock e o movimento expressionista abstrato e o conceito de Ecodesign. Os alunos assistiram serenamente ao visionamento das imagens de vários objetos realizados em ganga, os vários graus de dificuldade, a potencialidade de cada um e a sua funcionalidade.

No segundo intitulado o Universo da Ganga, constatarem a potencialidade da reutilização criativa da ganga, através de variadíssimos objetos em diversas áreas. Foi dada indicação que o processo de trabalho seria individual, contudo poderiam trocar impressões entre eles, e como trabalho de grupo seria realizada uma pintura coletiva (*dripping*) sobre o suporte utilizado – tecido em ganga, tendo como inspiração a obra e técnica do artista Jackson Pollock.

Foi referido que teriam que escolher um objeto para desenvolverem, sendo que a escolha teria de ser apresentada na semana seguinte. Procedeu-se à demonstração concreta e manuseamento de exemplos realizados em ganga desenvolvidos especificamente para este projeto “*Da ação nasce o objeto – Exploração Plástica em Ecodesign*”.

Por fim realizou-se uma demonstração de *dripping* motivando e convidando os alunos a participar experienciando e vivenciando que afinal até não é algo assim tão fácil, como costumam referir habitualmente “...isto até eu fazia...”, tendo como suporte inicial o papel de desenho em tamanhos A4 e A3 e, posteriormente, o tecido – desperdícios da fábrica “Modelos Guanabara”. Estas ações estão registadas em fotografias em CD-ROOM Anexo 16.

Os alunos receberam fotocópias de excertos do PPT visionado para poderem recordar, não só os conceitos como as imagens que observaram em sala de aula auxiliando-os nas escolhas e decisões a tomar em relação ao objeto pretendido.

2.^a Aula - [14/21/28 maio - 6 aulas, na sala D09]

As seis aulas seguintes incidiram sobre a escolha, planeamento, desenvolvimento, realização e conclusão dos objetos selecionados em ganga.

Começaram por selecionar o objeto/figura, que acabou por ser alterado por alguns, uma vez que o tempo que dispunham não era exequível para a realização do objeto. Depois procedeu-se à modelagem (criação dos moldes) em papel e ao corte dos mesmos. Posteriormente aplicou-se os moldes nos retalhos de ganga e recortaram-se as peças do objeto num formato bidimensional. Estas ações estão registadas em fotografias em CD-ROOM – Anexos A17 e 18.

3.^a Aula - [03 junho - 2 aulas, na sala D09]

Na sétima e oitava preparou-se tudo para em grupo fazer-se o *dripping*; o espaço, os materiais e, os objetos. Explica-se o manuseamento dos vários tipos de pincéis, os respetivos resultados e o que se pretende: pintar os objetos e não a nós nem aos outros. Estas ações estão registadas em CD-ROOM – Anexo A19.

4.^a Aula [10 junho - 2 aulas, na sala D09]

Nas últimas duas aulas, a nona e décima, destinou-se à avaliação (Quadro 19) e autoavaliação, bem como um lanche convívio (Anexo 4).

Quadro 14: Planos de aula relativos à intervenção pedagógica da Prática de Ensino Supervisionada

Tempos	ESTRATÉGIAS/ATIVIDADES	
	ALUNO	PROFESSORA
90 min	Acompanha a apresentação.	Apresenta o tema da unidade de trabalho e do trabalho a desenvolver ao longo da Prática de Ensino Supervisionada.
	Observa os PPTs.	Apresenta os PPTs.
	Experimenta (individual e em grupo): da técnica <i>dripping</i> ; dos materiais; utensílios.	Exemplifica e acompanha a experimentação.
90 min	Seleciona os objetos a desenvolver.	Acompanha e esclarece questões relacionadas com a realização do objeto selecionado referente ao: <ul style="list-style-type: none">• Tempo• Grau de dificuldade• Utilidade/função
	Realiza em papel reciclado os moldes.	Exemplifica e acompanha a realização.

	Autoavaliação.	Propõe a realização da autoavaliação do trabalho desenvolvido, considerando aspetos positivos e menos positivos.
90 min X 2 Blocos	Corte das peças em ganga.	Exemplifica e acompanha a realização.
	Estruturar o objeto e coser o mesmo.	Exemplifica e acompanha a realização.
	Autoavaliação.	Propõe a realização da autoavaliação do trabalho desenvolvido, considerando aspetos positivos e menos positivos.
90 min	Em grupo realiza a técnica de <i>dripping</i> nos objetos.	Exemplifica e acompanha a realização.
	Autoavaliação.	Propõe a realização da autoavaliação do trabalho desenvolvido, considerando aspetos positivos e menos positivos.

4.8 Descrição das sessões

Quadro 15: Descrição da 1.ª sessão.

1.ª Sessão – Lição 23/24 - total 90 minutos, 07-05-2015. Introdução-apresentação do projeto a ser desenvolvido ao longo das próximas 5 sessões/aulas. Sumário: Apresentação do projeto <i>Da ação nasce o objeto – Exploração Plástica em Ecodesign</i>. Visionamento de um PPT. Experiências de <i>dripping</i>.		
<p>1.º Momento - visualização do PPT, apresentação de exemplos de propostas e de conceitos:</p> <p>1.º PPT</p> <ul style="list-style-type: none"> • Movimento expressionista abstrato - Artista Jackson Pollock • Design • Ecodesign-design sustentável <p>Questionamento:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conhecem o movimento expressionista abstrato? • Já ouviram/viram falar do artista Jackson Pollock e das suas obras? • Ecodesign-design sustentável? <p>Os alunos foram participativos, colocando questões sobre o que estavam a visualizar nomeadamente os esquemas da construção de peças/objetos de ganga.</p> <p>Demonstraram expressões de surpresa quando visualizaram figuras de bonecos elaborados em ganga.</p> <p>2.º PPT</p> <p>A visualização do 2º PPT – “O universo da Ganga”, com o objetivo de demonstrar o potencial da reutilização da ganga, na sua maioria através das</p>	<p>2.º Momento – demonstração prática do <i>dripping</i>-gotejamento.</p> <p>Procedeu-se à demonstração de pintura em suporte de papel tendo como inspiração Jackson Pollock e as suas obras, bem como orientações sobre manuseamento dos pincéis.</p> <p>Os alunos observaram, estavam atentos e na expectativa...começam a ficar entusiasmados e pedem para participar.</p> <p>São apresentados vários tipos de formatos e tamanhos de pincéis e trinchas, escovas de dentes, garfos, tintas de guache.</p> <p>Observa-se a intervenção de uma aluna, depois duas alunas, e a maioria da turma está a experimentar em suporte de papel e a constatar que a expressão: “... é fácil, isto também eu fazia...” não corresponde à verdade.</p> <p>A professora cooperante Manuela Galante, sugere que se utilize como suporte o tecido, pois foi elaborado um protocolo com a fábrica de tecidos “Modelos Guanabara” que nos facultou desperdícios de tecido.</p> <p>Os alunos estão envolvidos na prática da pintura, motivam-se mutuamente, a</p>	<p><i>Diálogos:</i></p> <p><i>Duas alunas perguntam: “A professora depois do estágio precisa de trabalhar?”</i></p> <p><i>PE: - Sim.</i></p> <p><i>Alunas: - Porque não vem para cá ser nossa professora para o ano?</i></p> <p><i>PE: - Expliquei-lhes que era necessário concorrer, em tom de brincadeira sugeri que fizessem um pedido com assinaturas e apresentassem à direção da escola</i></p> <p><i>Alunas: E nós podemos?</i></p> <p><i>PE: - Expliquei que estamos numa democracia e que se pode fazer desde que se tenha boas intenções e presente o respeito e educação pelo “Outro”.</i></p> <p><i>Terminamos a sessão a perguntarem se poderiam vir 2ª ou 3ª feira para começarem a desenvolver os seus projetos.</i></p>

<p>calças de ganga que se tornam devolutas, acabando no lixo.</p> <p>Posteriormente procedeu-se à demonstração do material didático, realizado especialmente para este projeto:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Alfineteira • Bolsa para disco externo • Capa agenda • Capa de caderno • Pannel organizador <p>Os objetos didáticos não foram concluídos com a intenção de poderem observar as fases de processo, a sua minucia e as várias fases de elaboração que o mesmo exige.</p>	<p>experiência fluí, estão alegres, descontraídos e motivados. Foi sugerido e pedido que trouxessem na aula seguinte a escolha sobre o objeto que queriam desenvolver e respetivo molde.</p> <p>Terminada a experiência e prática de pintura, foi-lhes recordado a necessidade de todos arrumarem e limparem os utensílios e materiais, bem como as mesas e espaço, com o objetivo de deixar o local como o encontramos: limpo e arrumado: “não faças ao outro o que não gostas para ti”, (professora estagiária).</p>	
--	--	--



Figuras 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83 e 84: Apresentação do projeto “Da ação nasce o objeto, Exploração Plástica em Ecodesign, experimentação da técnica de *dripping*, Atelier de Artes, 8.º ano. (Fonte própria).

Quadro 16: Descrição da 2.^a sessão.

2. ^a Sessão-lição 25/26: total 90 minutos, 14-05-2015	
Sumário: Criação de moldes e corte das peças do objeto de ecodesign.	
<p>No início da sessão/aula anterior foi pedido aos alunos os moldes e qual o objeto selecionado para o projeto: “Da ação nasce o objeto: Exploração Plástica em EcoDesign”. A maioria não cumpriu e os que tinham trazido o material eram realmente uma minoria.</p> <p>Houve os que tiveram que alterar a escolha, pois o objeto selecionado não era exequível no curto tempo que se dispunha para desenvolver o mesmo, como por exemplo o macacão.</p> <p>Outros tiveram que estilizar a figura que escolheram. Foi autorizado a consulta/utilização da internet móvel para aceder a imagens.</p> <p>A professora cooperante e professora estagiária reuniram-se e disponibilizaram papel para moldes, pois a professora cooperante tem como prática reunir material que se possa reutilizar, neste caso o papel de embalagens de resmas de papel foram muito úteis.</p> <p>A professora estagiária reuniu-se com o grupo que ia elaborar os moldes para proceder ao corte em suporte de ganga, como almofadas, aventais, capas (livros, agenda, diário gráfico, caderno) e esvazia bolsos.</p> <p>A professora cooperante ficou com o grupo que queria fazer bolsas/capas para telemóveis.</p> <p>Explicou-se:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Como se poderia e deveria elaborar os moldes • Passou-se à realização dos moldes. • Como se deveria colocar o molde no suporte e cortar a peça (se se deve dobrar o tecido ou não, se se deve cortar 1x ou 2x, dependendo da peça que se realizará o objeto). <p>Antes tiveram que escolher as calças que tinha recolhido de casa, da família, ou amigos.</p> <p>No final da sessão entregaram as peças que cortaram em ganga, registou-se numa folha, para perceber qual a evolução dos mesmos (quem tinha selecionado os objetos/elaborado moldes/cortado as peças de ganga).</p>	<p><i>Diálogos:</i></p> <p><i>PE: Não trouxeram: imagens, desenhos, nada! Têm 5 minutos para decidir qual o objeto a desenvolver.</i></p>



Figura 85: Painele de fotografias correspondente à realização de moldes, preparação de bases, corte de peças em ganga, Atelier de Artes 8.º ano. (Fonte própria).

3.ª Sessão – Lição 27/28: total 90 minutos, 21-05-2015

Sumário: Continuação do projeto de ecodesign – moldes e corte das peças em suporte de ganga.

Durante esta sessão, continuou-se com os moldes e cortes de peças em ganga. Apercebemo-nos de que alguns alunos se dispersam, distraem-se, conversam, são chamados à realidade, para o tempo que dispõem de realizar e concluir o projeto.

A professora cooperante dá apoio a quem está na máquina de costura enquanto ficamos com outro grupo a orientar os projetos individuais:

- Como se coloca alfinetes no tecido, nos moldes.
- Como se corta a peça no suporte de ganga.
- Como se cose à mão vários tipos de pontos, exemplo: ponto invisível, ponto de alinhavo.
- Quantas vezes se corta 1x ou 2x, e em que situações.
- Como se coloca o suporte de ganga; direito com direito ou avesso com avesso.

Inferências:

Nesta fase do projeto, dá-se conta de como uma turma com 30 alunos, pode complicar o desenvolvimento do projeto, a fluidez do mesmo. Um projeto que parecia acessível, simples, encontra variantes durante o percurso como:

- Como se cose?
- Como se coloca os moldes?
- Como se corta?
- Como utilizo a tesoura?

Houve a necessidade de se assumir um papel mais flexível, adaptativo, e criativo na resolução dos vários contratempos/problemas que foram surgindo.



Figura 86: Painele de fotografias representando a preparação das peças, construção do objeto em ganga, Atelier de Artes 8.º ano. (Fonte própria).

Quadro 18: Descrição da 4.ª sessão.

4.ª Sessão – Lição 29/30: Total 90 minutos, 28-05-2015	
Sumário: Preparação para a montagem do objeto selecionado pelos alunos.	
<p>Nesta sessão para alguns alunos foi basicamente a continuação da sessão anterior, enquanto para outros houve dúvidas se continuavam com o objeto selecionado, outros ainda de como continuariam o seu projeto/objeto. Calmamente explicou-se e procurou-se perceber e entender os objetivos dos mesmos, para posteriormente clarificar e ajudar a solucionar as questões que iam surgindo na forma como realizavam os moldes, principalmente no que concerne às capas para livros, aventais.</p> <p>Dos 30 alunos, 10 estavam a desenvolver origami (animais), para completarem um ecossistema, projeto interdisciplinar da disciplina de Atelier de Artes e de Ciências. Percebe-se que dois alunos têm dificuldade de concentração e no desenvolvimento dos seus projetos, distraindo-se simultaneamente.</p>	<p><i>Inferências:</i> <i>Têm sido aulas extremamente intensas, pois a sessão tem início às 11:45 e não se dá conta que o tempo passa, por isso alguém pergunta as horas já são 13:10, hora de arrumar, pois a aula termina às 13:15.</i></p>

Quadro 19: Descrição da sessão n.º 5.

5.ª Sessão – Lição 31/32: Total 90 minutos, 04-06-2015
Sumário: Conclusão e pintura dos projetos de ecodesign com gangas e técnica de pintura “dripping” ou “actionpainting”.
<p>Nestas duas aulas distingue-se nitidamente 3 grupos, um a concluir os objetos na máquina de costura com a professora cooperante, outro a realizar o projeto de ecossistemas de origamis e, por último, o grupo com maior número de alunos a prepararem a sala para realizarem em grupo o <i>dripping</i>. Começaram por afastar as mesas para poderem colocar o plástico, os objetos finalizados sobre este. Escolhem as cores, os recipientes, preparam as tintas acrílicas e a sua espessura, testam os pinceis e os respetivos resultados de cada um, preparam-se para começar o <i>dripping</i>. Como tinham percebido inicialmente na primeira aula, sentem a dificuldade da técnica, sente-se o entusiasmo, querem repetir a experiência e alguns vão preparar mais recipientes com tinta acrílica.</p> <p>Acabam o <i>dripping</i>, transportam o plástico com os objetos para o exterior para poder secar celeremente, é necessário recordar que têm que lavar os utensílios e deixar o local arrumado e limpo conforme encontraram no início da aula.</p> <p>Os que concluíram a fase de costura do objeto, agendam para 3ª feira seguinte o <i>dripping</i> dos mesmos, na sala 3.8.</p>

Como se pode observar no painel seguinte de figuras (Figura 87) procedeu-se à pintura coletiva sobre as peças que desenvolveram em ganga com a técnica do *dripping*, constituindo uma experiência divertida e gratificante, apesar de se aperceberem, mais uma vez, que afinal não se trata de uma técnica simples.



Figura 87: Paineis de fotografias que correspondem à pintura coletiva da técnica de *dripping* Atelier de Artes 8.º ano. (Fonte própria).



Figura 88: Paineis de fotografias dos trabalhos finais do Atelier de Artes 8.º ano. (Fonte própria).

6.ª Sessão – Lição 33/34: Total 90 minutos, 11-06-2015

Sumário: Avaliação; preenchimento de uma ficha de avaliação sobre os conteúdos A.A, sobre as docentes e avaliação dos trabalhos do projeto “Da ação nasce o objeto- Exploração Plástica em Ecodesign”, bem como a nota final atribuída a A.A.

Nestas duas últimas aulas, procedeu-se ao preenchimento de um questionário para avaliação dos módulos e do processo de apresentação dos mesmos realizados tanto pela professora cooperante como pela professora estagiária. Posteriormente efetuou-se a atribuição da avaliação individual da disciplina. Esta decorreu em diálogo com cada aluno. Em simultâneo decorria o lanche de despedida. Convidou-se os alunos a participar na realização de uma exposição coletiva com os trabalhos realizados.

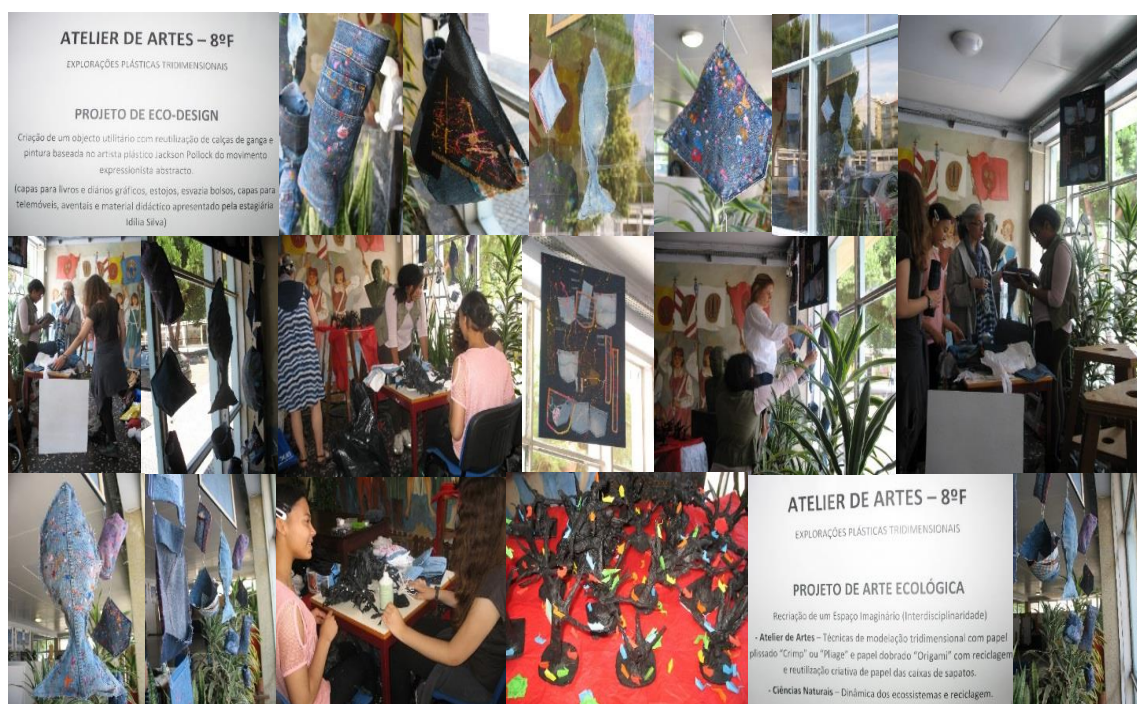


Figura 90: Pannel de fotografias da exposição dos trabalhos dos alunos. (Fonte própria).

4.9 Avaliação

No processo ensino/aprendizagem, as diretrizes do Ministério de Educação e Ciência promovem e enfatizam a avaliação contínua e avaliação final, sendo estas interna ou externa à escola, como as provas finais nacionais, contribuindo com informações sobre as aprendizagens dos alunos na aquisição, ou não, de conhecimentos.

Desta forma, os critérios aferidos pelo grupo disciplinar foram:

- A avaliação no domínio dos conhecimentos;
- A avaliação no desenrolar da unidade de trabalho;
- A avaliação da capacidade de solucionar autonomamente problemas;
- A metodologia utilizada;
- A a evolução do processo.

Quanto aos valores e atitudes a professora titular do Atelier de Artes selecionou para avaliação qualitativa:

- Assiduidade;
- Pontualidade;
- Comportamento;
- Participação.

Os alunos foram avaliados de acordo com a observação direta do trabalho realizado em sala de aula e no que concerne ao processo, as capacidades técnicas, expressivas e pela aquisição de conceitos no domínio da área da reutilização, pintura-*dripping* e ecodesign.

Os dados foram recolhidos e transpostos para uma grelha de avaliação, com critérios de avaliação referenciados no final do período numa escala de 1 a 5 (convertidos a partir das percentagens obtidas), em que o nível 1 se refere ao “Muito Insuficiente”, o 2 – “Insuficiente”, o 3 – “Suficiente”, o 4 – “Bom” e o 5 – “Muito Bom”. Ao nível das atitudes os critérios de avaliação foram aprovados pelo Conselho Pedagógico: 70 % para conhecimentos e capacidade e 30 % para atitudes e valores (CD-ROOM, Anexo 3).

Quadro 21: Resultados finais obtidos no 3.º período.

8.º - 2º Semestre Título Trabalho		Exp. Pastel óleo	Retrato Pastel óleo	Exp. Aguarela	Aguarela MaX Ernst	A4 Aguarela	A4 Aguarela	SOMA	%	Saber fazer 70%	Atitudes e valores 30%	Nível int atribuído	MÉDIA		Árvore	Origami Ecossistema	Criatividade do	Material: Pintura Proieto		VALORES - 30%					FINAL ATELIE R DE ARTES 30%	% FINAL 30%+70 %	NÍVE L FINA L
Nº DES		1	2	3	4	5	6								7	8	9	10		1	2	3	4	FINAL 30%	FINAL ATELIE R DE ARTES 30%	% FINAL 30%+70 %	NÍVE L FINA L
COTAÇÕES		5	5	5	5	5	5	30	100	5	30				5	5	5	5		5	5	5	5	20	100		
1	Alberto	5	2	5	3	4	3	22	73	3,7	2	3	3,2	ar	3	0	4	5	bolsos	5	5	2	3	15	75	70,1	4
2	Ana G	5	4	5	5	3	3	25	83	4,2	5	5	4,4	ar	4	0	5	5	alm.gato	5	5	5	4	19	95	83,1	4
3	Ana B	5	3	5	3	3	3	22	73	3	3	3	3,5	animal	5	3	5	5	alm.peixe	5	5	5	5	20	100	86	5
4	André	5	2	5	3	3	5	23	77	3,8	2	3	3,3	ar	3	0	4	5	bolsos	5	5	2	3	15	75	71,5	4
5	Beatriz	5	5	5	5	3	5	28	93	4,7	5	5	4,8	ar	4	0	4	5	c. livro	5	5	5	5	20	100	87,4	5
6	Bruna R	5	4	5	5	2	3	24	80	4,0	5	4	4,3	ar	3	0	4	5	bolsos	5	5	5	5	20	100	80,4	4
7	Bruna P	5	3	5	2	3	3	21	70	3,5	5	4	4,0	ar	5	3	4	5	telemóvel	5	5	5	5	20	100	83,2	4
8	Carlos	5	2	0	5	0	0	12	40	2,0	4	2	2,6	ar	3	0	4	5	bolsos	5	5	3	2	15	75	56,1	3
9	Carolina	5	2	0	5	0	0	12	40	2,0	3	2	2,3	ar	4	0	4	5	telemóvel	4	5	5	2	16	80	59	3
10	Cinthia	5	3	5	3	3	0	19	63	3,2	4	3	3,4	ar	3	0	5	5	avental	4	5	4	4	17	85	70,3	4
11	Conceição	5	5	5	3	3	3	24	80	4,0	4	4	4,0	ar	5	0	5	5	avental	5	5	4	5	19	95	83,1	4
12	Diogo	0	3	5	3	3	3	17	57	2,8	4	3	3,2	animal	5	0	5	5	telemóvel	5	5	5	4	19	95	763,3	4
13	Edson	5	3	5	3	3	3	22	73	3,7	2	3	3,2	ar	3	5	0	0	Não fez	5	5	3	2	15	75	64,5	3
14	Henrique	5	3	5	3	2	3	21	70	3,5	4	4	3,7	ar	5	0	3	5	telemóvel	5	5	4	4	18	90	74,6	4
15	Iara	5	4	5	5	5	5	29	97	4,8	5	5	4,9	ar	5	0	4	5	capa livro	5	5	5	4	19	95	88,7	5
16	Inês R	5	3	5	5	0	3	21	70	3,5	5	4	4,0	ar	3	0	5	5	capalivrocartão	3	5	5	4	17	85	73,1	4

17	Inês F	5	5	5	3	5	3	26	87	4,3	5	5	4,5	ar	5	5	4	5	alm.redonda	5	5	5	5	20	100	93	5
18	Jéssica	5	3	5	3	3	3	22	73	3,7	5	4	4,1	ar	5	5	4	0	telemóvel	5	5	5	4	19	95	78,9	4
19	Samantha	5	4	5	3	3	0	20	67	3,3	3	3	3,2	ar	5	0	4	5	telemóvel	5	5	4	4	18	90	74,6	4
20	Maria	5	4	5	5	3	3	25	83	4,2	5	4	4,4	animal	5	3	4	5	capa livro	5	5	5	5	20	100	88,8	5
21	Mariana	5	4	5	5	4	3	26	87	4,3	5	5	4,5	animal	5	3	5	5	estojo casa	5	5	4	5	19	95	90,1	5
22	Mariely	5	4	5	3	3	5	25	83	4,2	5	4	4,4	animal	5	3	4	5	capa livro	5	5	5	5	20	100	88,8	5
23	Marta B	5	4	5	3	3	2	22	73	3,7	5	4	4,1	animal	5	3	4	5	telemóvel	5	5	5	5	20	100	84,6	4
24	Marta L	5	5	5	3	3	5	26	87	4,3	4	4	4,2	ar	4	0	3	5	capa livro	5	5	5	3	18	90	80,2	4
25	Miguel	0	2	5	0	3	5	15	50	2,5	5	3	3,3	ar	2	0	0	0	Não fez	3	5	4	2	14	70	44,8	2
26	Rúben	5	3	5	3	3	5	24	80	4,0	4	4	4,0	ar	5	1	5	5	capatelem.	5	5	4	5	19	95	84,5	4
27	Tiago	5	2	5	5	5	0	22	73	3,7	4	4	3,8	ar	4	3	0	0	Não fez	5	5	4	3	17	85	66,1	3
28	Vânia	5	3	5	5	5	3	26	87	4,3	4	4	4,2	CV	0	0	0	0	Cabo Verde	4	5	4	3	16	80	60,4	3
29	Vasco	0	2	0	2	0	3	7	23	1,2	3	2	1,7	ar	2	0	0	0	Não fez	5	5	3	2	15	75	35,1	2
30	Zizela	5	5	5	5	0	3	23	77	3,8	5	4	4,2		5	0	5	5	Telem+olhos	5	5	5	5	20	100	83,2	4

4.9.1 Análise dos resultados da avaliação

Pode observar-se visualizando o Quadro 19, que apenas 1 aluno obteve avaliação inferior a três (nível dois), dos trinta alunos que constituem a turma, correspondendo a 3% da amostra. Porém no Quadro 20, a avaliação/classificação somente à unidade didática da Prática de Ensino Supervisionada, observa-se que 4 não realizaram o projeto *Da ação nasce o objeto: Exploração Plástica em Ecodesign*, correspondendo a 12%.

Quadro 22: Resultados da avaliação na unidade didática da Prática de Ensino Supervisionada.

Alunos	Saber Fazer 70%		%	Atitudes e Valores 30%				%	Total 100%	Nível Final PES - Unidade Didática	Autoavaliação Alunos	Classificação
	Criatividade do Projeto	Pintura do Projeto		Assiduidade	Pontualidade	Comportamento	Participação					
Alberto	4	5	63	5	5	2	3	22,5	85,5	4	3	B
Ana G	5	5	70	5	5	5	4	28,5	98,5	5	4	MB
Ana B	5	5	70	5	5	5	5	30	100	5	5	MB
André M	4	5	63	5	5	2	3	22,5	85,5	4	3	B
Beatriz S	4	5	63	5	5	5	5	30	93	5	4	MB
Bruna R	4	5	63	5	5	5	5	30	93	5	3	MB
Bruna P	4	5	63	5	5	5	5	30	93	5	4	MB
Carlos M	4	5	63	5	5	3	2	22,5	85,5	4	3	B
Carolina I	4	5	63	4	5	5	2	24	87	4	3	B
Cinthia T	5	5	70	4	5	4	4	25,5	95,5	5	3	MB
Conceição C	5	5	70	5	5	4	5	28,5	98,5	5	4	MB
Diogo S	5	5	70	5	5	5	4	28,5	98,5	5	4	MB
Edson G	0	0	0	5	5	3	2	22,5			3	IS
Henrique C	3	5	56	5	5	4	4	27	83	4	4	B
Iara B	4	5	63	5	5	5	4	28,3	91,3	5	4	MB
Inês R	5	5	70	3	5	5	4	25,5	95,5	5	3	MB
Inês F	4	5	63	5	5	5	5	30	93	5	4	MB
Jessica F	4	0	28	5	5	5	4	28,5	56,5	3	3	S
Samantha U	4	5	63	5	5	4	4	27	90	5	4	MB
Maria C	4	5	63	5	5	5	5	30	93	5	4	MB
Mariana S	5	5	70	5	5	4	5	28,5	98,5	5	4	MB
Mariely S	4	5	63	5	5	5	5	30	93	5	4	MB
Marta B	4	5	63	5	5	5	5	30	93	5	4	MB
Marta L	3	5	56	5	5	5	3	27	83	4	4	B
Miguel C	0	0	0	3	5	4	2	21			2 / 3	IS
Rúben D	5	5	70	5	5	4	5	28,5	98,5	5	4	MB
Tiago I	0	0	0	5	5	4	3	25,5			3	IS
Vania V	CV	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Vasco T	0	0	0	5	5	3	2	22,5			2 / 3	IS
Zizela C	5	5	70	5	5	5	5	30	100	5	4	MB

Quadro 23: Nomenclatura da avaliação utilizada na unidade de trabalho aprovada em Conselho Pedagógico.

%	Nível	Classificação
0 - 19	1	MIS
20 – 49	2	IS
50 – 69	3	S
70 - 89	4	B
90 - 100	5	MB

Num universo de 30 alunos onde o estudo foi desenvolvido e tendo como resultados apenas a Prática de Ensino Supervisionada - unidade didática: “*Da ação nasce o objeto: Exploração Plástica em Ecodesign*”; 25 alunos tiveram sucesso sendo, que uma das alunas não realizou o *dripping*; 4 tiveram insucesso e 1 aluna foi transferida para Cabo Verde (Quadro 20).

No que concerne à classificação: 18 obtiveram “Muito Bom”; 6 obtiveram “Bom”; 1 obteve “Suficiente”; 4 obtiveram “Insuficiente”.

Os resultados desta tabela têm pequenas diferenças em relação ao Quadro 19 (desenvolvido juntamente com Prof. Manuela Galante, referente a todo o 3.º período) que contem os resultados e médias dos trabalhos desenvolvidos ao longo do semestre na disciplina de Atelier de Artes (CD-ROOM Anexo 14).

No decorrer da Prática de Ensino Supervisionada – unidade didática, pode-se constatar que a aptidão de aprendizagem, difere de indivíduo para outro, de idade para idade, envolvendo a capacidade intelectual, como fatores sociais, emocionais, físicos e psicológicos; sendo um processo complexo, não existindo um método de ensino que se possa considerar “melhor” (V. Lowenfeld e W. Lambert Brittain, 1970:15).

Considera-se que:

- A quantidade de alunos na turma;
- Agitação e desconcentração de alguns, revelada ao longo das aulas;
- O tempo para o desenvolvimento da Prática de Ensino Supervisionada;
- A ausência de alguns alunos em Blocos de aulas;
- Falta de autonomia por parte de alguns alunos;

- A falta de disponibilidade e interesse de uma parte dos alunos em ter aulas personalizadas e individualizadas num dia e hora à sua escolha;

Dadas as circunstâncias, os resultados destes 5 alunos relativamente a este projeto, na avaliação final, poderia ser melhor, no entanto, não tiveram grandes repercussões nos resultados finais do ano letivo.

De acordo com Lowenfed & Brittain (1970:269) “os valores e atitudes” não podem ser impostos aos estudantes de fora para dentro, o estudante tem que se envolver pessoalmente, sendo esse envolvimento essencial no desenvolvimento e conclusão de qualquer projeto. Considerou-se e acreditou-se que com mais tempo e só com aulas personalizadas e individualizadas conseguir-se-ia que desenvolvessem um processo de ensino-aprendizagem favorável e com sucesso.

Não obstante os resultados destes 4 alunos e observando os resultados obtidos dos restantes 26 considera-se que a Prática de Ensino Supervisionada da unidade didática foi desenvolvida com sucesso. Assim, pode concluir-se de que forma os alunos foram desenvolvendo o seu trabalho, de acordo com a metodologia sugerida, as sugestões negociadas, o diálogo, que foram sendo clarificadas e desenvolvidas ao longo das aulas, apesar de algumas dificuldades sentidas de ambas as partes, como seria exetável.

O Quadro 20 apenas demonstra o resultado-classificação da Prática de Ensino Supervisionada – unidade didática “*Da ação nasce o objeto: Exploração Plástica em Ecodesign*”, pelos alunos do 8.º ano, com pequenas variações em relação à tabela 19 avaliação semestral que contem os resultados e médias dos trabalhos desenvolvidos ao longo do semestre na disciplina de Atelier de Artes.

Num universo de 30 alunos onde o estudo foi desenvolvido e tendo como resultados apenas à Prática de Ensino Supervisionada - unidade didática: “*Da ação nasce o objeto: Exploração Plástica em Ecodesign*”: 25 tiveram sucesso; 4 tiveram insucesso e 1 aluna foi transferida para Cabo Verde.

Quanto à classificação: 18 alunos obtiveram “Muito Bom”; 6 obtiveram “Bom”; 1 “Suficiente”; e 4 obtiveram “Insuficiente”.

Na sua maioria, os alunos foram desenvolvendo o seu objeto-artefato, colocando questões, ultrapassando situações menos agradáveis e descobrindo soluções para as adversidades encontradas através do diálogo e partilha mútua, bem como de interajuda.

Também foram capazes de atingir as expetativas relativas ao desempenho nas várias etapas de desenvolvimento do projeto: modelagem (realização de moldes planos), corte, costura e *dripping*, procurando superar dificuldades e atingindo as soluções pretendidas em cada objeto específico. Nesta fase do projeto foram selecionados vários artefatos com diversos formatos, como capas de telemóvel, almofadas, estojos, esvazia bolsos, aventais, tapa/proteção olhos e capas de livros/cadernos/agendas/diário gráfico). Procuramos motivar e incentivar os que passaram por estas situações, partilhando experiências e vivências, estimulando a perseverança e promovendo uma atitude proactiva.

Registam-se que as vivências e o contexto familiar durante a Prática de Ensino Supervisionada, influenciou as escolhas que os alunos realizaram na seleção dos objetos, como por exemplo, quando uma aluna que tinha realizado/concluído o seu objeto-bolsa de telemóvel, vê o objeto didático – tapa/proteção olhos e refere, *“Ó professora se eu tivesse visto isto (tapa olhos-proteção olhos), teria feito antes isto, pois era-me muito mais útil, porque os meus irmãos não me deixam dormir...”*, ao qual se respondeu: *“Estás sempre a tempo de fazer outro objeto, porque não? Tens tempo, podes vir às aulas extraordinárias ou até nas aulas normais, é só querer, pois querer é poder.”* A referida aluna concluiu os dois objetos e o objeto que deixou para a exposição foi a bolsa de telemóvel, pois o proteção de olhos teria uma utilidade imediata na sua vida pessoal.

Outras duas alunas escolheram fazer aventais, reflexo da interação que desenvolvem no seio familiar, apercebemo-nos disso através das conversas e da responsabilidade que têm nas tarefas a desenvolverem na esfera quotidiana familiar. Revelaram a curiosidade que a avó e a mãe tinham em ver o referido objeto que estavam a desenvolver na disciplina Atelier de Artes, a prova foi quando a avó levou o “objeto-avental” para mostrar às colegas no trabalho.

Uma terceira aluna demonstrou apreço pelo “objeto-estojos” que realizou em ganga com o *dripping*, em detrimento do estojo que tinha adquirido, retirando os *pins* do estojo para colocar no artefato: “objeto desenvolvido”.

Considera-se que a experiência facultada aos alunos, foi positiva e satisfatória, pois um dos aspetos “...importantes para os produtos sustentáveis é que estes devem ser bem-sucedidos.”, (Marques, 2008:35), pois, “...um bom produto sustentável deve dar tanta satisfação quanto possível para o usuário” (Ljungberg, 2007, citado por Marques, 2008:35).

Consideramos que a interação com os alunos foi muito positiva, tendo-se mantido um ambiente fluído e descontraído de troca de ideias entre professoras e alunos, e entre os próprios alunos, constatando o *conceito de fluxo* referido no Capítulo II, em teoria da autodeterminação em que “as pessoas estão tão embrenhadas numa atividade que nada mais parece importar; a própria experiência é tão agradável que as pessoas a realizam pela simples razão de a realizar”. (Csikszentmihalyi, 2002:21).

4.9.2 Avaliação da professora estagiária realizada pelos alunos da turma

Foi aplicada uma ficha de avaliação do trabalho desenvolvido pela professora estagiária, autora do presente estudo (Anexo 5). Pretendia-se saber a opinião dos alunos relativamente aos seguintes aspetos:

- Clareza na explicação dos conteúdos;
- Atenção às dúvidas;
- Organização da aula;
- Utilidade das fichas de trabalho da aula;
- Utilidade do *power point* de Jackson Pollock e o movimento expressionista abstrato;
- Utilidade do material didático utilizado em aula;
- Utilidade dos sumários;
- Ambiente de trabalho na aula;
- Justiça na avaliação dos trabalhos realizados pelos alunos;
- Relacionamento interpessoal alunos/professora.

Quanto ao nível de desempenho do docente, 22/23 alunos consideraram “Bom” e “Muito Bom” (Anexo 5a), nos itens relativos:

- A atenção às dúvidas dos alunos;

- A utilidade do PowerPoint utilizado em aula;
- A justiça na avaliação dos alunos;
- E o relacionamento pessoal com os alunos.

Cerca de 1/3 dos alunos consideraram “Suficiente”:

- A organização da aula;
- A utilidade das fichas de trabalho da aula;
- Utilidade do material didático;
- E ambiente de trabalho na aula.

O único item que foi avaliado nos parâmetros todos foi a utilidade dos sumários, em que 8 alunos consideraram “Muito Insuficiente” e “Insuficiente”; 5 consideraram “Suficiente” e 13 consideraram “Bom” e “Muito Bom”, estes eram escritos no início das aulas no quadro, com o propósito de orientar para a sessão enquanto o material da cooperativa era distribuído. (Anexo 5a).

Capítulo V | Considerações finais

5.1 Resumo da investigação

O presente relatório relata e consolida o estágio que ocorreu na ESFD, em Agualva-Cacém, conselho de Sintra, durante os 2.º e 3.º período do ano letivo 2014/2015. Foi a concretização de um sonho tornado realidade, do qual muitas das experiências e vivências têm agora como base uma fundamentação científica. Uma (re)construção da prática pedagógica, validada através da experiência de uma aprendizagem colaborativa entre alunos e professores deste mestrado (Ensino de Artes Visuais), que se transpõe para além do universo académico e comunidade escolar, refletindo-se no dia-a-dia nas situações mais singulares.

Nesta investigação houve necessidade de apresentar uma caracterização mais detalhada do meio escolar tanto dos espaços que constituem a escola como dos envolventes, de forma a entendermos melhor toda a estrutura escolar onde o projeto foi desenvolvido. A sua localização é privilegiada, resultado dos diversos acessos existentes, no entanto toda a diversidade sociocultural trouxe algumas variações nos resultados obtidos, mas que por outro lado permitiu diferenciar todo este projeto de investigação.

Houve igualmente necessidade de fazer uma revisão teórica que abordasse as seguintes linhas da educação artística, para além da abordagem triangular:

- Modelo mimético-behaviorista, aplicado na modelagem, no corte, na costura e na pintura (*dripping*) necessária para os artefatos, produzido pelo gesto, numa racionalidade tecnológica.
- Modelo pragmático-social-reconstrucionista, através da recolha e reutilização do vestuário de ganga e de desperdícios, bem como na construção de um artefato de forma progressiva e contínua, que acabou por se refletir no processo desenvolvido.
- Modelo Expressivo-psicanalítico, tendo como foco o aluno, as suas ações enquanto indivíduo, assim como experimentações de diversos instrumentos, técnicas e materiais, assim como na produção de artefatos únicos e diferenciadores e na construção do percurso individual.
- Modelo formal-cognitivo porque permite explicar e transmitir os conceitos através de uma linguagem específica, necessários para os alunos

aprenderem e adquirirem conhecimentos técnicos, que analisa o objetivo conseguido como resultado atingido, pelas escolhas que estabeleceram inicialmente.

No sentido de conhecer melhor a turma onde iria ser implementado o projeto, houve necessidade de realizar uma aproximação presencial no início do 2.º período. Quanto à unidade de trabalho/Prática de Ensino Supervisionada implementada, teve como público-alvo uma turma do 8.º ano de escolaridade do Ensino Básico, da disciplina de Atelier de Artes, tendo como título “*Da ação nasce o objeto: Exploração Plástica em Ecodesign*”. O relatório incidiu sobre 9 Blocos de 90 minutos (inicialmente planeada para 5), num conjunto de 10 aulas, com exceção de 4 lecionados às terças-feiras para esclarecimentos.

5.2 Considerações resultantes do projeto

A questão de partida que orientou o desenvolvimento do projeto “*Da ação nasce o objeto: Exploração Plástica em Ecodesign*”, como referido no Capítulo I, “A realização de projetos artísticos com esta temática contribuirá para aproximar o discurso da ação no dia a dia dos jovens estudantes?”, foi desenvolvida de acordo com a linha inicial da investigação. Que prática(s) pedagógica(s) deverá ter o professor enquanto conhecedor desta temática?, procurou-se ir ao encontro das necessidades, interesses e das reais dificuldades dos alunos perante o processo de ensino aprendizagem. Constataram-se outras relações indivíduo-objeto características da contemporaneidade como o consumismo de objetos e acessórios de marca, a atribuição de valor à “coisa”, em detrimento do *ser*.

A par da aprendizagem deste conteúdo, regista-se uma preocupação importante no projeto: possibilitar aos alunos novas e variadas experiências com a *plasticidade dos materiais* e *reciclagem (re)utilização* que concorressem para a ampliação da sua cultura artística e do seu sentido estético e crítico neste domínio. Este propósito foi alcançado através da implementação de metodologias, estratégias, recursos e materiais diversificados adequados ao contexto-aprendizagem.

Neste sentido a metodologia projetual, num conjunto de 4 abordagens foi aplicada, como: a abordagem triângular, inter cruzando a pintura-*dripping* de Jackson Pollock

(conhecer), com o ecodesign; reutilização-redução-utilização (contextualizar), bem como desenvolver e realizar um objeto “*do it yourself*” artefato-utilitário (fazer). A recolha de vestuário de ganga e a utilização de desperdícios, enquadra-se na abordagem pragmática-social-reconstrucionista, o aluno intervem no meio onde está inserido, em que a arte é um meio e não um fim. O conjunto de artefatos e instrumentos criados para apresentar o presente projeto, transformando o saber empírico em saber ensinado, enquadra-se na transposição didática. De entre estes instrumentos, como os dois power-points apresentados, recorreu-se à abordagem formalista-cognitiva através de um registo estruturado, formal com uma linguagem própria.

Acredita-se que a intervenção pedagógica se justificou pela relevância das competências adquiridas e/ou consolidadas pelos alunos nos domínios da observação, entendimento e interpretação, procedimentos técnicos úteis para a sua compreensão do mundo, contribuindo assim para uma (re)significação do processo ensino-aprendizagem do conteúdo artístico de Atelier de Artes.

Recorde-se que as atividades que envolvem as noções de *bidimensionalidade* e *tridimensionalidade* trazem contribuições de consciencialização perante as várias matérias abordadas nas diversas disciplinas como em múltiplos contextos no quotidiano.

Por outro lado, durante e no fim do projeto registou-se a valorização do quotidiano e do meio envolvente, bem como da estimulação e desenvolvimento das capacidades “adormecidas”. Salienta-se igualmente a aquisição de outras ferramentas importantes no âmbito da educação para o século XXI, a autoconfiança e a autoestima, competências pessoais possíveis de serem desenvolvidas e consolidadas através da presente Prática de Ensino Supervisionada.

De salientar, que em todo este processo foi possível desenvolver e estabelecer uma relação de confiança com os alunos, que contribuíram para o sucesso escolar da turma. Aspectos como o empenho e a curiosidade dos alunos, bem como a possibilidade de serem protagonistas da sua aprendizagem, assim como a participação ativa das professoras (estagiária e cooperante) nas atividades propostas, revelaram-se fatores determinantes para melhores resultados.

Acredita-se que este projeto, contribuiu de forma positiva para o percurso escolar e pessoal dos alunos, que a sua formação e a sua identidade: escolar, pessoal e familiar,

foi enriquecida enquanto futuros cidadãos. Pois o cidadão é constituído por pequenas experiências e vivências que se vão agrupando e (re)organizando, contribuindo e transformando-os em cidadãos únicos, conscientes das suas capacidades e potencialidades, elevando a autoestima e autoconfiança, fundamental para um indivíduo saudável e participativo na sociedade.

Foi gratificante ver o entusiasmo destes futuros cidadãos no decorrer do desenvolvimento deste projeto. Acredita-se que se sentiram estimulados e motivados, procurando enquanto professora ser: *“motivador de autonomia, que promove a autodeterminação, a competência, a segurança estabelecendo a autoconfiança no estudante”*, estando este estilo relacionado com a motivação intrínseca e o estilo motivacional do professor está relacionado com a confiança do professor, no que acredita ao utilizar *“...determinadas estratégias de ensino e de motivação.”*, de acordo com Reeve (1998, Bolt e Cai, 1999, citado por Guimarães & Boruchovitch, 2004:147).

Um outro aspeto que provocou alguma reflexão prende-se com o fato de alguns alunos não terem concluído o projeto proposto. Um dos aspetos importantes trabalhados relaciona-se com o desenvolvimento da autonomia, associada à personalidade individual, assim como na aquisição de competências, respeitando a interação com o outro. De acordo com Guimarães & Boruchovitch (2004), existem características que interferem com este estilo interpessoal do professor, que visa promover a autonomia do aluno, embora com alguns aspetos de interferência, nomeadamente fatores sociais e um elevado número de alunos na turma.

Considera-se que os comportamentos desajustados e fatores familiares-sociais interferem com o processo de concentração e consequentemente com o ensino e a aprendizagem. Pode-se constatar que foram criadas situações e condições de aprendizagem, permitindo estas um ambiente motivacional nos alunos, favorecendo um ambiente estimulante, promovendo a autonomia, valorizando as suas capacidades, destacando o esforço pessoal, contribuindo desta forma para a autoconfiança, autoestima, autoeficácia do estudante, que poderá ter tido algum reflexo nos resultados finais.

5.3 Futuros desenvolvimentos

Este estudo de caso abre caminho para futuras investigações neste domínio, uma

vez que surgiram questões, cujas respostas foram encontradas neste projeto específico, mas que gostaríamos de explorar em outras situações de ensino e aprendizagem.

Importa referir que o percurso do professor, é também ele um processo de ensino e aprendizagem, uma vez que este deve ter a capacidade de ensinar, preencher, adaptar e encontrar soluções para as mais diversas situações que surgem no quotidiano escolar, numa postura de aprendizagem investigativa.

Assim, considera-se que o projeto *“Da ação nasce o objeto: Exploração Plástica em Ecodesign”*, foi uma experiência pedagógica e educativa com sucesso, (re)transmitindo os conceitos e saberes sobre duas áreas que se relacionam, promovendo e motivando a curiosidade dos alunos a observar e relacionar o seu quotidiano, bem como, na sua aprendizagem, que permitiram adquirir conhecimento, tanto a nível formal como não formal.

No decorrer do projeto os alunos demonstraram interesse e curiosidade em realizar uma visita de estudo à fábrica *“Modelos Guanabara”*, para compreenderem a origem dos desperdícios de tecido que aplicaram nos objetos que contruíram. No entanto, essa visita acabou por não se concretizar por diversas circunstâncias, mas considera-se que teria sido uma mais valia para o projeto, para os alunos e para as professoras, cooperante e estagiária, no sentido de ajudar a conhecer dinâmicas exteriores, que possivelmente teriam outros efeitos no espaço de sala de aula.

Conclui-se com uma expressão que posiciona a estagiária no percurso de vida em relação à educação e ao ensino:

“O sucesso dos meus alunos é o meu sucesso e o meu sucesso é o sucesso dos meus alunos”.

Bibliografia

- Acaso, M. (2009). *La Educación artística no son manualidades: nuevas prácticas en la enseñanza de las artes y la cultura visual*. Madrid: Catarata.
- Anastasiou, L. G. C.; Alves, L. P. (2004). *Processo de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula*. Joinville, SC: Universille.
- Barbosa, A. M. (2012). Cultura, arte, beleza e educação. In Ana Luiza Ruschel Nunes (org) *Artes visuais leitura de imagens e escola* (213-234). Ponta Grossa: Editora UEPG – Universidade Estadual de Ponta Grossa.
- Barbosa, A. M. & Pereira da Cunha, F. (2010). *A abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais*. São Paulo: Cortez.
- Cândido, L. (2008). *Contribuição ao Estudo da Reutilização, Redução e da Reciclagem Dos Materiais Com Aplicação do Ecodesign*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.
- Charréu L. (2009). *Para uma Educação Artística em artes Visuais enfocada na contemporaneidade* In Rodrigues, Edvânia Braz Teixeira; Assis, Henrique Lima (Orgs). *O Ensino das Artes Visuais: Desafios e possibilidades contemporâneas* (pp.25-32). Goiânia: Grafset Ed./ Secretaria de Educação do Governo do Estado de Goiás.
- Confúcio (551 - 479 a.C). <https://www.google.pt/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=confucio>. Retirado 5 dezembro 2015.
- Csikszentmihalyi, M. (2002). *Fluir*. Lisboa. Relógio D'Água Editores.
- Dewey, J. (1902). *The Child and the curriculum*. Tradução de Lourenço Luzuriaga. Buenos Aires, Editorial Losada, SA.
- Da Língua Portuguesa, D. (2004). Porto: Porto Editora. *R eferências*.
- Efland, A. (1995). Change in The Conceptions of Art Teaching. *Content, Context and Community in Art Education Beyond Postmodernism*, 25-39.

- Eisner, E. W. (2002). *The arts and the creation of mind*. London: Yale University.
- Efland, A. (1995). *Change in the Conceptions of Art Teaching. Content, Community in Art Education Beyond Postmodernism*, pp. 25-39.
- Emmerling, L. (2010). *Jackson Pollock*. Colonia. Editora Taschen.
- Escola Secundaria Ferreira Dias, *Projeto Educativo* no site da ESFD - <https://esfdferreira.wordpress.com>. Retirado a 15 janeiro 2015.
- Escola Secundaria Ferreira Dias, *Projeto Curricular de Escola* no site da ESFD - <https://esfdferreira.wordpress.com>. Retirado a 17 janeiro 2015.
- Godino, & Batanero & Font. (2008). *Um enfoque onto-semiótico do conhecimento e a instrução matemática*. ActaScientiae. Canoas v. 10, n.2 p.7-37. ISSN 1517-4492.
- Guimarães, S., & Boruchovitch, E. (2014). *O Estilo Motivacional do Professor e a Motivação Intrínseca dos Estudantes: Uma Perspetiva da Teoria da Autodeterminação*. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 17 (2), 143-150. Universidade federal do Rio grande do Sul, Puerto Alegre, Brasil.
- Hickman, R. (2005). *Why we make Art and why i tis taught*. Bristol: Intellect Books.
- Lowenfeld, V. & Brittain, W. L. (1970). *Desenvolvimento da Capacidade Criadora*. Editora Mestre Jou. São Paulo.
- Lupton, E.(2006). *DIY – Do It Yourself*. New York: Princeton Architectural Press.
- Marques, A. (2008). *Análises de Similares: Contribuição ao Desenvolvimento de uma Metodologia de Seleção de Materiais e Ecodesign*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.
- Mello, G. *Transposição didática: a mais nobre (e complexa) tarefa do professor*.[https://www.google.pt/search?q=Transposi%C3%A7%C3%A3o+did%C3%A1tica%3A+a+mais+nobre+\(e+complexa\)+tarefa+do+professor&oq=Transposi%C3%A7%C3%A3o+did%C3%A1tica%3A+a+mais+nobre+\(e+complexa\)+tarefa+do+professor&aqs=chrome..69i57.1299j0j8&sourceid=chrome&es_sm=93&ie=UTF-8](https://www.google.pt/search?q=Transposi%C3%A7%C3%A3o+did%C3%A1tica%3A+a+mais+nobre+(e+complexa)+tarefa+do+professor&oq=Transposi%C3%A7%C3%A3o+did%C3%A1tica%3A+a+mais+nobre+(e+complexa)+tarefa+do+professor&aqs=chrome..69i57.1299j0j8&sourceid=chrome&es_sm=93&ie=UTF-8). Retirado 30 maio 2015

- Mendes, M., & Gunzi, G. (2009). *Pintura e desenho: no intercâmbio do gesto*. Tuiuti: Ciência e Cultura, 41, 25-39, Curitiba.
- Munari, B. (1998). *Das coisas nascem coisas*. Tradução José Manuel de Vasconcelos. São Paulo: Martins fontes.
- Pollock, J. (1947). *Full Fathom Five*. Pintura.
- Pollock, J. (2000). Filme.
- Fotografias da figura 65 retiradas de https://www.google.pt/search?q=jackson+pollock&espv=2&biw=1327&bih=619&site=webhp&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0CAYQ_AUoAWoVChMI-JTT8. Retirado a 6 janeiro 2015.
- PORTUGAL, Lei nº 5/73. D.R. n.º 173, Série I de 1973-07-25 - Presidência da República – Lei de Bases do Sistema Educativo – Aprova as bases a que deve obedecer a reforma do sistema educativo.
- PORTUGAL, Lei nº 2025/47. D.R. n.º 139, Série I de 1947-06-19 - Presidência da República – Promulga a Reforma do Ensino Técnico Profissional.
- PORTUGAL, DL nº 42.368 de 4 de julho de 1959 - Presidência da República – Foi criada a Escola Industrial e Comercial de Sintra.
- Read, H. (1943). *Educação pela Arte*. Lisboa: Edições 70.
- Ruzzarin, J. & Ruker, J. (2014). *De Jack Kerouac a Jackson Pollock: A Espontaneidade na Prosódia Beat e na ActionPainting*. 3º Seminário de Iniciação Científica da ESPM. São Paulo. ISSN: 2358-3238.
- Spring, J. (1998). *Jackson Pollock*. New York: The Wonderland Press.
- Kindlein, W. (2002). *Princípios básicos de junção utilizados em sistemas e subsistemas de produtos industriais e a sua importância no desenvolvimento sustentável*. In: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade, 1., Campinas. São Paulo. CD-ROM.

- Santos, A. S. (2008). *Mediações Arteducacionais*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Siqueira, M. & Pietrocola, M. (2006). *A Transposição Didática Aplicada a Teoria Contemporânea: A Física de Partículas Elementares no Ensino Médio*. X Encontro Nacional de Pesquisa em Ensino de Física. Universidade de São Paulo – Instituto de Física / Faculdade de Educação.
- Silva, C. (2010). *A cultura visual na educação artística: entre Sila e Caribdes*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa, Portugal.
- Silva, S. (2012). *Jackson Pollock e a descoberta do inconsciente na arte americana do pós-guerra*.21 **ARS** n. 24.
- Sousa, A. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação*. Instituto PIAGET. ISBN: 972-771-617-2.
- Sousa, A. (2007). *A Formação dos Professores de Artes Visuais em Portugal*. Mestrado de Educação Artística. Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes.
- Souza, S. (2007). *O Uso de Recursos Didáticos no Ensino Escolar. I Encontro em Educação, IV Jornada de Prática de Ensino, XIII Semana de Pedagogia da UEM: Infância e Práticas Educativas*. ArqMundi, 11 (supl 2).110-4.
- Zeichner, K. M. (1993). *A formação reflexiva de professores: ideias e práticas*. Educa.

Anexos

Anexo 1 | Parecer do Professor Cooperante



Escola Secundária Ferreira Dias, Agualva - Sintra
(Escola Cooperante)

RELATÓRIO DE DESENVOLVIMENTO DE ATIVIDADES DE INICIAÇÃO À PRÁTICA PROFISSIONAL, INCLUINDO A PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

Mestranda em Ensino das Artes Visuais, da Universidade de Lisboa: Idília Maria da Costa Ferreira da Silva.

Professora cooperante: Maria Manuela Stattmiller Galante

Disciplinas e cargos atribuídos em 2014-2015 – 8º ano de Atelier de Artes, 10º ano e 12º ano de Desenho A, delegada de grupo, avaliadora interna de desempenho docente.

Data de início de sessões de trabalho: 05 de março de 2015

Ano/Disciplina escolhida: 8º ano de Atelier de Artes, disciplina semestral de oferta de escola

Nº de sessões de 90 minutos: 6 blocos (07 de maio a 11 de junho de 2015)

De acordo com o que me foi solicitado, venho por este meio relatar o que me foi possível observar na formação orientada para o desenvolvimento de competências, no âmbito da prática letiva e na participação em atividades da escola nos domínios científico, didático, pedagógico, relacional e organizacional da mestranda acima citada.

A mestranda iniciou tardiamente os trabalhos nesta escola devido ao facto de ter iniciado as atividades noutra escola com outra orientadora que entrou em licença por doença prolongada conforme nos informou. Este facto não foi favorável ao planeamento da sua atividade nesta escola, tendo a mestranda demonstrado grande capacidade de adaptação a este acidente de percurso.

Foram feitas várias reuniões de trabalho tendo em conta as necessidades de formação da mestranda no domínio da iniciação à prática profissional nas diferentes disciplinas atribuídas à professora cooperante no seu horário letivo (8º ano de Atelier de Artes e 10º e 12º ano de Desenho A). A ordem de trabalhos das sessões foi variada e de uma forma global trataram dos seguintes assuntos: informações, planificações, seleção de materiais, bibliografia, elaboração de matrizes, testes e outros instrumentos de avaliação, critérios de avaliação e de correção e reflexão crítica das aulas assistidas. A mestranda mostrou muito interesse e assistiu a aulas das várias disciplinas lecionadas pela professora cooperante.

A mestranda participou em todas as aulas da turma F do 8º ano de Atelier de Artes a partir da data em que a direção autorizou a iniciação à prática profissional. Colaborou com a professora cooperante na dinâmica de várias aulas relacionadas com a Exploração Plástica Bidimensional.

Tendo como referência a sinopse da planificação, os critérios de avaliação e a planificação anual (16 blocos) da disciplina de Atelier de Artes, elaborados pelo grupo disciplinar no início do ano letivo, era exigida a análise formal e o desenvolvimento plástico adequado, tendo como referência obras de artistas ou a criação de um projeto de natureza interdisciplinar, com recurso à reutilização e manipulação de vários materiais e técnicas.

Uma vez que as aulas já se tinham iniciado com a Exploração Plástica Bidimensional, a mestranda teve que se adaptar e planificar as suas atividades sobre a Exploração Plástica Tridimensional. A mestranda colaborou ativamente na dinâmica do projeto interdisciplinar sobre o tema “Arte Ecológica – recriação de um Espaço Imaginário”, planificado pela professora cooperante. Na disciplina de Ciências Naturais foram abordados os conteúdos “Dinâmica dos ecossistemas e reciclagem”. Na disciplina de Atelier de Artes foram abordados os seguintes conteúdos: técnicas de modelação tridimensional com papel plissado “Crimp” ou “Pliage” e papel dobrado “Origami” com reciclagem e reutilização criativa de papel das caixas de sapatos.

Relativamente à Prática de Ensino Supervisionada e de acordo com os pressupostos exigidos pela planificação anual da disciplina, a mestranda apresentou o projeto “Da ação nasce o objeto” tendo como referência o movimento expressionista e a obra do artista Jackson Pollock, e o conceito de EcoDesign/Design Sustentável, reutilizando calças de ganga. O projeto foi muito adequado às premissas da planificação, tendo em vista os materiais que os alunos tinham acesso e a escola pôde fornecer. É de referir que dado o contexto socioeconómico da população escolar, os professores que lecionam a disciplina de Atelier de Artes, organizam anualmente uma cooperativa de materiais de expressão plástica, recurso este facilitador do ensino-aprendizagem.

Foram apresentados materiais didáticos diversificados criados pela mestranda e que foram muito importantes na sensibilização, dinamização e motivação do interesse dos alunos. É de realçar a apresentação de dois *powerpoints*, “Uma janela para ... O universo da ganga... E o seu potencial” e “ Jackson Pollock – movimento expressionista abstrato e o *dripping*”. O conceito de Design Sustentável/*EcoDesign* foi explorado de forma criativa e complementado com materiais fotocopiados e a apresentação de exemplos de artefactos criados a partir da reutilização das gangas que foram pintadas com a técnica do *dripping*.

Tanto os conhecimentos científicos pedagógicos como os didáticos foram demonstrados com qualidade e adequados ao nível de escolaridade. A mestranda utilizou estratégias pró-ativas e recursos inovadoras de promoção do ensino aprendizagem, onde estiveram presentes a utilização das novas tecnologias e o uso de correio eletrónico dos alunos, favorecedores da melhoria da comunicação, motivação e transmissão de saberes e o saber-fazer de várias técnicas utilizando vários materiais e utensílios. Estabeleceu uma comunicação clara, firme e afetiva, apropriada ao nível etário da turma e que teve consequência positiva no estabelecimento de relações intra e interpessoais com resultados de sucesso. Os alunos demonstraram interesse e motivação pela forma como foram conduzidas as aulas. É de salientar a assertividade com que a mestranda conduziu as aulas, evidenciando o domínio dos conteúdos lecionados e motivando os alunos para a concretização do sucesso do seu projeto, com resultados positivos na autoestima da maioria dos alunos da turma.

Ao nível da relação com a comunidade, a mestranda participou em atividades do PAA – Plano Anual de Atividades, não apenas com a turma em estudo, mas também com outros alunos, professores, agentes operacionais e encarregados de educação, onde se destaca um *workshop* de “Iniciação ao Crochet” integrado na SMARTES – Semana das Artes da Escola. Neste evento a mestranda pôde observar a dinâmica estabelecida entre pares, num *workshop* sobre “Banda Desenhada” dinamizado por dois alunos do 12º ano de Desenho A, tendo como público-alvo a turma escolhida e acompanhada pela mestranda e professora cooperante.

Também acompanhou uma visita de estudo a uma fábrica de confeções “Modelos Guanabara”, integrado na unidade permanente de alguns alunos, no âmbito da disciplina de Desenho A do 10º ano. Este projeto culminou num desfile de moda no final do ano letivo, com modelos criados pelos alunos com desperdícios de tecido fornecidos pela fábrica e com a reutilização criativa de roupa usada.

Realizou ainda uma exposição dos trabalhos da unidade didática que orientou “Da ação nasce o objeto: Exploração Plástica em *EcoDesign*” e colaborou na exposição “Arte Ecológica – recriação de um espaço imaginário” no átrio principal da escola. Também participou numa reunião de coordenação dos diretores de turma no ano 2015-2016, uma vez que no ano 2014-2015 não tinha sido atribuída à professora cooperante o cargo de diretora de turma.

A professora cooperante,


(assinatura) _____

(contato email: esfd.mgalante@gmail.com)

Agualva, 06 de maio de 2016

Anexo 2 | Planificação da Unidade de Trabalho

Quadro 24. Planificação da Unidade de Trabalho – Planos de Aula – metodologias – Local e Avaliação.

<div></div> <div>ESFD Departamento Curricular de Expressões – Grupo 600 – Artes Visuais</div>				
Prof. ^a Estagiária: Idília Silva		Planificação das aulas	3.º Ciclo do Ensino Básico	
Ano letivo: 2014/2015			Disciplina: Atelier de Artes – 8.º ano.	
Unidade Didática: Da ação nasce o objeto: Exploração Plástica em Ecodesign				
1.º Bloco Lição: 23/24	Dia: 07/05/2015 Sumário/Conteúdos	Hora: 11:45 Total: 90 minutos	Sala: 3.8	
	Apresentação do projeto <i>Da ação nasce o objeto – Exploração Plástica em Ecodesign</i> (PPT A12 e A13). <ul style="list-style-type: none">Experiências de <i>dripping</i>.Pintura (Guacho-Acrílico). Elementos estruturais da linguagem plástica; O design; (conteúdo).			
Objetivos/Competências	Descrição/Desenvolvimento da aula/Atividades/Estratégias/Tarefa s/Relatório das aulas	Âmbito de opções metodológicas/paradigmas e experiências para melhor compreensão por parte do leitor	Recursos/Materiais <small>*lista de todo o material utilizado.</small>	Avaliação
<ul style="list-style-type: none">Conhecer o projeto “<i>Da ação nasce o objeto – Exploração Plástica em Ecodesign</i>”;Conhecer o artista Jackson Pollock;Estimular a capacidade gestual, através da pintura <i>dripping</i> ou <i>actionpainting</i>;	<ul style="list-style-type: none">Apresentação e visionamento de dois PPT.Envolvimento dos alunos no universo das gangas e nas obras do artista J.P.Exposição, demonstração e manuseamento de objetos em ganga, com a técnica de gotejamento (<i>dripping</i> ou <i>actionpaiting</i>);	<ul style="list-style-type: none">Paradigma Formalista.		

<ul style="list-style-type: none"> • Aprender a intervir no meio ambiente com a reutilização criativa de materiais-ecodesign; -Saber o processo da pintura <i>dripping ou actionpainting</i>; • Conhecer o processo da resolução de problemas, adquirindo hábitos e métodos de trabalho. • Conhecer as características dos materiais. • Desenvolver competências cognitivas, observação dos objetos bem como da experimentação gestual e sensitiva na prática expressionista abstrata em vários suportes. 	<ul style="list-style-type: none"> • Análise e crítica dos - materiais didáticos • Experimentação da técnica <i>dripping</i> em suporte de papel e em desperdícios de tecido tendo como exemplo a Obra do Artista Jackson Pollock. • Questões-resposta. • Fotocópias de excertos do PPTs visionados. 	<ul style="list-style-type: none"> • A pedagogia expositiva e prática. • Retira-se dúvidas sobre como manusear os pincéis. • Esclarece-se questões sobre os instrumentos a utilizar. • Métodos pedagógicos expositivo, demonstrativo, interrogativo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Grelha de avaliação. • Distribuição fotocópias. • Objetos em ganga. • Guacho/Acrílico • Pincéis, garfos, escova dentes, pentes, berlindes. 	<p>Trabalho realizado em sala de aula</p> <p>Avaliação Diagnóstica</p> <p>Formulação de questões.</p>
<p>2.º Bloco e 3º Bloco Lição: 25/26 – 27/28</p>	<p>Dia: 14/05/2015 Sumário/Conteúdos</p>	<p>Hora: 11:45 Total: 90 mn</p>	<p>Sala: D09</p>	
	<ul style="list-style-type: none"> • Criação de moldes e corte das peças • Do objeto de ecodesign. • Continuação do projeto de ecodesign. 			
<p>Objetivos/Competências</p>	<p>Descrição/Desenvolvimento da aula/Atividades/Estratégias/Tarefas/Relatório das aulas</p>	<p>Âmbito de opções metodológicas/paradigmas e experiências para melhor compreensão por parte do leitor</p>	<p>Recursos/Materiais <i>*lista de todo o material utilizado.</i></p>	<p>Avaliação</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Cooperação-interajuda. • Saber utilizar o processo do design (objetivo). • Criar moldes-modelagem (objetivo e competência). • Saber aplicar forma/função. 	<ul style="list-style-type: none"> • Transporte: materiais, trabalhos e máquina para a sala D09. • Reciclar/reduzir/reutilizar (estratégia). • Desconstrução espacial do objeto. 	<ul style="list-style-type: none"> • Metodologia projetual. Paradigma Behaviorista-racionalidade tecnológica. • Pedagogia tecnicista. 	<ul style="list-style-type: none"> • Grelha de avaliação. • Coser-colagem (recursos). 	<p>Trabalho realizado em sala de aula.</p>

<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer as características dos materiais. • Identificar as várias fases/metodologias de projeto. • Qual a utilização do objeto selecionado/escolhido e qual a sua funcionalidade. • Identificar a potencialidade das matérias-primas recicláveis (ganga, fechos, utensílios para servir de moldes-esvazia bolsos). • Desenvolver a consciência dos alunos para os diversos tipos de matérias primas e materiais existentes no quotidiano. • Consciencializar os alunos das potencialidades da pintura expressionista abstrata e a projeção que a mesma alcançou com o artista J.P. no mundo artístico. 	<ul style="list-style-type: none"> • Realização de moldes em papel reciclado. • Cortes das várias peças do objeto em ganga. • Preparação para a montagem do objeto selecionado pelos alunos (descrição). • Junção das várias peças do objeto em ganga e alinhar, coser à mão ou máquina. • Autoavaliação. • Transporte: materiais, trabalhos e máquina para a sala 3.8. • Prática e desenvolvimento do traço, o gesto de forma despretensiosa e (des)preconceituosa. • Planear e cortar os moldes em papel. • Apresentação de objetos realizados em ganga. • Utilização de fotocópias de imagens do PPT. • Planeou-se a realização do <i>dripping</i> no conjunto de peças em ganga (pintura coletiva). 	<ul style="list-style-type: none"> • Observação por parte dos alunos. • Métodos pedagógicos: expositivo, demonstrativo e interrogativo. <p>Optou-se por desenvolver o <i>dripping</i> coletivo no 5.º Bloco quando os objetos estivessem concluídos, pois achou-se que devido ao número elevado de alunos e comportamentos desadequados seria mais exequível desenvolver esta atividade.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Técnicas de execução e acabamento. • Máquina costura, linhas, agulhas, tesoura, alfinetes. 	<p>Diagnóstica.</p> <p>Formulação de questões.</p> <p>Autoavaliação</p>
4.º Bloco Lição: 29/30	Dia: 28-05-2015 Sumário/Conteúdos	Hora: 11:45 Total: 90 mn	Sala: D09	
	<ul style="list-style-type: none"> • Continuação do projeto Ecodesign-moldes, corte, preparação da montagem do objeto. 			

	<ul style="list-style-type: none"> • Criação de moldes e corte das peças do objeto de ecodesign. (conteúdo). • O Ecodesign. (conteúdo) • Saber desconstruir um objeto. • Elaborar/realizar vários tipos/formatos de moldes. • Como reutilizar o vestuário de ganga. • As gangas como suporte-base da pintura <i>dripping-actionpainting</i>. • Saber seleccionar os tipos de pinceis, tintas e materiais. 			
Objetivos/Competências	Descrição/Desenvolvimento da aula/Atividades/Estratégias/Tarefas/Relatório das aulas	Âmbito de opções metodológicas/paradigmas e experiências para melhor compreensão por parte do leitor	Recursos/Materiais <small>*lista de todo o material utilizado.</small>	Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> • Cooperação-interajuda. • Criar um artefacto/objeto (objetivo). • Conhecer as características dos materiais e identificar os mesmos. • Criar e desenvolver objetos a partir de matérias-primas ou materiais recicláveis. 	<ul style="list-style-type: none"> • Transporte: materiais, trabalhos e máquina para a sala D09. • Preparação para a montagem do objeto selecionado pelos alunos (descrição) • Junção das várias peças do objeto em ganga e alinhar, coser à mão e/ou máquina. • O Ecodesign – reutilização de calças ganga (estratégia) • Demonstração de objetos (porta lenços, chinelos, esvazia bolsos, capa de disco externo, capa de livro e outros) em ganga e desperdícios de tecido-Modelos Guanabara. • Autoavaliação. • Transporte: materiais, trabalhos e máquina para a sala 3.8. 	<ul style="list-style-type: none"> • Paradigma Behaviorista-racionalidade tecnológica. • Métodos pedagógicos expositivo, demonstrativo, interrogativo. <p>(Explica-se a técnica de cortar, coser, linha de montagem/serie).</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Grelha de avaliação. • Coser-colagem-recursos • Técnicas de execução e acabamento. • Máquina costura, linhas, agulhas, tesoura, alfinetes. • Papel de cartaz reciclável para os moldes. • Tesouras. • Réguas. • Giz para tecido. • Desperdícios de tecido (Modelos Guanabara) 	<p>Trabalho realizado em sala de aula.</p> <p>Diagnóstica.</p> <p>Formulação de questões.</p> <p>Autoavaliação.</p>

5º Bloco Lição: 31/32	Dia: 04-06-2015 Sumário/Conteúdos	Hora: 11:45 Total: 90 mn	Sala: D09	
	Conclusão e pintura dos projetos de ecodesign com gangas e técnica de pintura <i>dripping</i> ou <i>actionpainting</i> . Exploração da capacidade expressiva. (conteúdos)			
Objetivos/Competências	Descrição/Desenvolvimento da aula/Atividades/Estratégias/Tarefas/Relatório das aulas.	Âmbito de opções metodológicas/paradigmas e experiências para melhor compreensão por parte do leitor	Recursos/Materiais	Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> Cooperação-interajuda. Desenvolver a expressão corporal. Criar empatia pelo “outro”. Conhecer as características dos materiais. Desenvolver capacidade de autoanálise. 	<ul style="list-style-type: none"> Transporte: materiais, trabalhos e máquina para a sala D09. Preparação do espaço físico da sala, dos materiais e utensílios para a pintura coletiva. Os alunos fizeram uma pintura coletiva, técnica <i>dripping</i>. Gesto, movimento e ritmo. Colocar os objetos pintados a secar. Autoavaliação. Limpar e arrumar o espaço físico, assim como os materiais. Transporte: materiais, trabalhos e máquina para a sala 3.8. Autoavaliação. 	<ul style="list-style-type: none"> Metodologia social-reconstrucionista/a arte é um meio. Abordagem triangular de Ana Mae Barbosa: conhecer, contextualizar e fazer num projeto “<i>Da ação nasce o objeto: Exploração Plástica em Ecodesign</i>”. Considerou-se importante o trabalho em grupo pois ajudou-os a socializar, partilhar e gerir conflitos, competências adquiridas para aplicar no quotidiano. Métodos pedagógicos expositivo, demonstrativo, interrogativo. 	<ul style="list-style-type: none"> Grelha de avaliação. Tintas “Acrilex” (tecido); tintas de acrílico Pincéis O corpo como meio expressivo-<i>actionpainting</i> (recurso) 	<p>Trabalho realizado em sala de aula.</p> <p>Diagnóstica.</p> <p>Formulação de perguntas.</p> <p>Autoavaliação.</p>
6.º Bloco Lição: 33/34	Dia: 11-06-2015 Sumário/Conteúdos	Hora: 11:45 Total: 90 mn	Sala: D09	
	<ul style="list-style-type: none"> Preenchimento de uma ficha de avaliação sobre os conteúdos da disciplina, sobre as Professoras e avaliação dos trabalhos do projeto “<i>Da ação nasce o objeto- Exploração Plástica em</i> 			

	<i>Ecodesign</i> ”, bem como a nota final atribuída aos alunos. <ul style="list-style-type: none"> • Lanche de encerramento do ano letivo. 			
Objetivos/Competências	Descrição/Desenvolvimento da aula/Atividades/Estratégias/Tarefas/Relatório das aulas	Âmbito de opções metodológicas/paradigmas e experiências para melhor compreensão por parte do leitor	Recursos/Materiais *lista de todo o material utilizado.	Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> • Cooperação-interajuda. • Desenvolver autoanálise e autocritica sobre o que realizou. 	<ul style="list-style-type: none"> • Transporte: trabalhos finais para a sala D09. • Exposição em sala dos objetos realizados pelos alunos juntamente com os objetos didáticos apresentado ao longo dos Blocos/aulas. • Preenchimento de ficha informativa sobre conteúdos Atelier de Artes e sobre desempenho das professoras. • Autoavaliação. • Preparação da sala para o lanche. • Arrumar e limpar a sala. • Transporte: materiais, trabalhos e máquina para a sala 3.8. 	<ul style="list-style-type: none"> • Métodos pedagógicos expositivo, demonstrativo, interrogativo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Grelha de avaliação. • Questionários. • Trabalhos realizados pelos alunos e objetos didáticos em ganga apresentados ao longo das aulas. 	Trabalho realizado em sala de aula. Diagnóstica. Formulação de perguntas. Autoavaliação.
*lista de todo o material utilizado ao longo dos Blocos/aulas no projeto: “Da ação nasce o objeto: Exploração Plástica em EcoDesign”.				
Meios e recursos a utilizar: Equipamentos fornecidos pela ESFD	Equipamento e materiais/recursos didáticos que se disponibilizou:			
-Mesas e cadeiras. -Quadro. -Projetor. -Computador.	-Calças/vestuário de ganga; tecidos. -Dois PPTs. -Tintas de guache. -Tintas de tecido. -Pinceis (diversos formatos e tamanhos).	-Tecidos. -Berlindes. -Agulhas de coser. -Linhas de coser. -Alfinetes.	-Fita cola. -Cola. -Purpurinas. -Vários objetos elaborados em ganga para demonstração ao longo dos Blocos de aulas (painel em ganga com bolsos em ganga, capas	

	<p>Garfos.</p> <p>-Escovas de dentes.</p> <p>-Papel cavalinho.</p> <p>-Diversos papéis recicláveis.</p> <p>-Cartão.</p> <p>-Papel vegetal.</p>		<p>de livros-cadernos-diários gráficos, bolsa para disco externo, alfineteira, chinelos e respetiva bolsa, e outros)</p> <p>-Diversos Moldes em papel vegetal e cartão.</p> <p>-Frascos/potes vidro, garrafas em plástico.</p> <p>-Computador.</p> <p>-Pen.</p> <p>-Projedor.</p> <p>-Máquina de costura.</p> <p>-Questionários.</p> <p>-Trabalhos realizados em material de ganga pelo alunos.</p>
--	--	--	---

Anexo 3 | Ficha de Autoavaliação da disciplina de Atelier de Artes 8.ºano

Nível de importância das Unidades de Trabalho ao longo do semestre.

Avalie o grau de importância das Unidades de Trabalho lecionadas durante o ano para a aprendizagem de Técnicas de Artes? Não confunda com as que mais tenha gostado.

Registe com o número que melhor corresponda à sua opinião.

1 = NADA IMPORTANTE; 2 = POUCO IMPORTANTE; 3 = IMPORTANTE;
4 = MUITO IMPORTANTE.

Unidades Trabalho	2º S	
Exp. Pastel óleo		
Retrato a Pastel óleo		
Exp. Aguarela		
Aguarela Max Ernst		
A4 Aguarela Máquina		
A4 Aguarela		
Árvore (Crimp)		
Origami Ecossistemas		
Material didático apresentado para o projeto: “Da ação nasce o objeto: Exploração Plástica em Ecodesign”		
Ecodesign (reutilização de vestuário de Ganga)		
Material: Pintura de Projecto (Jackson Pollock)		

Observações / Sugestões

Anexo 4 | Ficha de Autoavaliação da disciplina de Atelier de Artes 8.ºano

Nível de desempenho do(a) aluno(a) ao longo do semestre

Registe com o número a opção que melhor corresponde ao seu desempenho.

1 = Muito Insuficiente; 2 = Insuficiente; 3 = Suficiente; 4 = Bom; 5 = Muito Bom

Atitudes e Valores (20%)						Atitudes e Valores + Trabalho Autónomo + Aula
DATAS		Assiduidade Pontualidade	Comportamento	Participação Aula/TPC	TOTAL	NÍVEL FINAL

NOME DO ALUNO: _____

Nº: _____TURMA: _____

Anexo 5 | Ficha de avaliação da Professora estagiária

Nível de desempenho da professora ao longo da unidade didática.

Registe com o número que melhor corresponda à sua opinião.

1 = Muito Insuficiente; 2 = Insuficiente; 3 = Suficiente; 4 = Bom; 5 = Muito Bom.

CRITÉRIOS	2ºS	
	*M	*I
Clareza na explicação da matéria		
Atenção às dúvidas dos alunos		
Organização da aula		
Utilidade das fichas de trabalho da aula		
Utilidade do <i>power point</i> em aula do projeto: Jackson Pollock e o movimento expressionista abstrato		
Utilidade do material didático apresentado em aula		
Utilidade dos sumários		
Ambiente de trabalho na aula		
Justiça na avaliação dos alunos		
Relacionamento pessoal com os alunos		

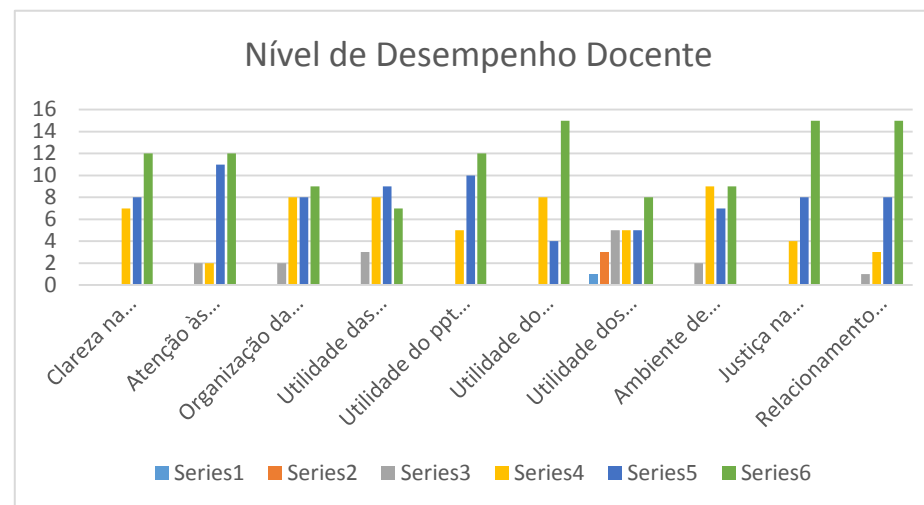
*M – Professora Manuela Galante

*I – Professora Estagiária Idília Silva

Anexo 5a | Resultados da aplicação da Ficha de avaliação da Professora de Atelier de Artes

Nível de Desempenho Docente

	0	MIS	IS	S	B	M B
	0	1	2	3	4	5
Clareza na explicação da matéria	0	0	0	7	8	12
Atenção às dúvidas dos alunos	0	0	2	2	11	12
Organização da Aula	0	0	2	8	8	9
Utilidade das fichas de trabalho da aula	0	0	3	8	9	7
Utilidade do PPT Jackson Pollock/Ecodesign	0	0	0	5	10	12
Utilidade do material didático utilizado em aula	0	0	0	8	4	15
Utilidade dos sumários	1	3	5	5	5	8
Ambiente de trabalho na aula	0	0	2	9	7	9
Justiça na avaliação dos alunos	0	0	0	4	8	15
Relacionamento Prática de Ensino Supervisionada pessoal com os alunos	0	0	1	3	8	15



Conclusão: Quanto ao nível de desempenho do docente, 22/23 alunos consideraram “Bom” e “Muito Bom”, os itens relativos a: a atenção às dúvidas dos alunos; a utilidade do *power point* utilizado em aula, a justiça na avaliação dos alunos e o relacionamento pessoal com os alunos. Cerca de 1/3 dos alunos consideraram “Suficiente” a organização da aula, a utilidade das fichas de trabalho da aula, utilidade do material didático e ambiente de trabalho na aula. O único item que foi avaliado nos parâmetros todos foi a utilidade dos sumários, em que 8 alunos consideraram "Muito Insuficiente" e “Insuficiente”; 5 alunos consideraram “Suficiente” e 13 alunos consideraram “Bom” e “Muito Bom”, estes eram escritos no início das aulas no quadro, com o propósito de orientar o aluno para a sessão enquanto o material da cooperativa era distribuído aos alunos.

Anexo 6 | PowerPoint “Jackson Pollock, movimento expressionista abstrato e o Dripping”

Jackson Pollock
Movimento Expressionista Abstrato e o Dripping

Escola Secundaria Ferreira Dias
Mestrado de Ensino das Artes Visuais

Idília Silva
Atelier de Artes – 8ºF

Movimento Expressionista Abstrato

Expressionismo abstrato foi um movimento artístico com origem nos Estados Unidos, tendo-se desenvolvido a partir da década de 40, muito popular no pós-guerra.

Foi o primeiro movimento especificamente americano a atingir influência mundial e também o que colocou Nova Iorque no centro do mundo artístico.

Os pintores mais conhecidos do expressionismo abstrato são Arshile Gorky, Jackson Pollock, Philip Guston, Willem de Kooning, Clyfford Still.

Idília Silva
Atelier de Artes – 8ºF

Movimento Expressionista Abstrato



Duas tendências principais:

- Action Painting
- Color Field

JACKSON POLLOCK

Movimento Expressionista Abstrato

O modo de pintar americano rompeu com a pintura de cavalete e elegeu como suporte:

- A parede ou chão,
- O que permitia que o artista tivesse uma resistência dura para trabalhar dos quatro lados
- Passando a estar literalmente “na” ou “dentro” da pintura.

Action Painting, inclui as obras de pintores como Jackson Pollock.

Color Field, qualidades tácteis e os efeitos sensitivos da cor, e relações cromáticas de grande subtilidade.

Fontes bibliográficas:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Expressionismo_abstrato

Idília Silva
Atelier de Artes – 8ºF

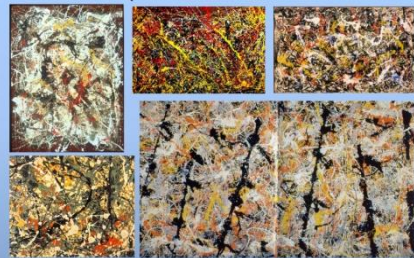
Jackson Pollock



Movimento Expressionista Abstrato

Movimentos bastante gestualistas,
Tinta (re)lançada na tela, através gestos instintivos.
Acaso e o aleatório determinam a evolução da pintura.

Movimento Expressionista Abstrato – JACKSON POLLOCK



Idília Silva
Atelier de Artes – 8ºF

O que é o Design?

Idealização
Criação
Desenvolvimento
Configuração
Concepção
Elaboração
Especificação

Artefactos/Objetos

Produzidos **industrialmente** - em **série**

- Padronização componentes
- Compatibilização do desenho

Actividade:

- Estratégica
- Técnica e criativa

Orientada

- Intenção ou objetivo
- Solução de um problema


Fontes bibliográficas:
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Design>
<https://criadema.wordpress.com/criadema/>

O que é Design sustentável?

É um conjunto de ferramentas, conceitos e estratégias que visam desenvolver soluções para a geração de uma sociedade voltada para a sustentabilidade.

Desenvolvimento sustentável é o que:

“satisfaz as necessidades do presente, sem comprometer a capacidade de as gerações futuras satisfazerem suas próprias necessidades.”



Idília Silva
Atelier de Artes – 8ºF

Esquema construção:

- Avental



Idília Silva
Atelier de Artes – 8ºF

Esquemas de construção:



Saco

Bolsa

Idília Silva
Atelier de Artes – 8ºF



Anexo 7 | PowerPoint “Uma janela para... O Universo da Ganga e o seu potencial...”



